

AD 2014/15 FRATRES



Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL
DO R.E.A.A.

NOTA EDITORIAL

A grande novidade é que a Revista Ad Frates passa a ser editada exclusivamente em formato digital.

Este facto, bem como a realização em Lisboa, sob a presidência do Supremo Conselho para Portugal da XIX Conferência Mundial dos Supremos Conselhos, justifica a presente edição dupla.

São devidos agradecimentos a todos os que nos disponibilizaram material a concretização da presente edição.

Um agradecimento especial a Fernando Gaspar, que permitiu a reprodução de algumas das suas obras. Todas as ilustrações que não fazem parte integrante dos artigos, são da sua autoria.

Igualmente se agradece o companheirismo da Isabel Maria Corker.

Relembramos os princípios editoriais da AD FRATES:

✠ É promovida pelo Supremo Conselho para Portugal do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria, instituição da Maçonaria Regular, com particular relacionamento com a Grande Loja Legal de Portugal/GLRP;

✠ Destina-se não só a todos os maçons, mas também àqueles de alguma maneira se interessam pela Ordem Maçónica ou pelos temas de que se ocupa.

✠ Não é um órgão oficial do Supremo Conselho. Cada texto é da responsabilidades dos respectivos autores (nem todos membros do Supremo Conselho), cabendo ao signatário, por incumbência do Supremo Conselho, a sua escolha e edição.

Os contactos com a Revista devem ser feitos por e-mail para:
secretaria_geral@scg33.pt

AMADEU PAIVA, 33º

ÍNDICE

AD FRATRES	4	POEMAS	49
POR AGOSTINHO GARCIA, 33º, SOBERANO GRANDE COMENDADOR		POR MANUEL BARREIRO	
XIX CONFERÊNCIA MUNDIAL DOS SUPREMOS CONSELHOS	11	TEMPLÁRIOS: SUBVERSÃO DE UM MODELO DE CAVALARIA?	51
POR AGOSTINHO GARCIA, 33º, SOBERANO GRANDE COMENDADOR		POR ANTÓNIO M. BALCÃO VICENTE	
FERNANDO GASPAR	16	ALGUNS ASPECTOS DA ALQUIMIA OCIDENTAL	62
POR AMADEU PAIVA		POR JOÃO A. DE OLIVEIRA E SILVA	
AD INFINITUM	17	POEMAS	91
POR FERNANDO GASPAR		POR JOAQUIM SANTOS	
DIAGRAMAS INVISÍVEIS	18	A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DE ADULTOS E IDOSOS COMO FACTOR PRIMORDIAL DE ENVELHECIMENTO ACTIVO E SAUDÁVEL	94
POR FERNANDO GASPAR		POR CARLOS ALBERTO SEQUEIRA SILVESTRE	
A COLMEIA E O PELICANO: A SEGURANÇA SOCIAL	24	O TRIUNFO DO BELO E A PROMESSA DE BEATRIZ	114
POR NUNO SANTOS SILVA		POR LUÍS VIEIRA BAPTISTA	
MANIFESTO DA REALIDADE	29	LEITURAS	122
POR HERMÍNIO DUARTERAMOS			
POEMAS	45		
POR GABRIEL MENDES			

*Nós temos de ser a mudança
Que queremos ver no mundo.*

Mahatma Gandhi

A Maçonaria foi, é e será.

A Maçonaria constitui um instrumento posto à disposição do Homem, através dos seus Iniciados, para que ele possa guiar a sua conduta individual e colectiva, de acordo com os princípios morais e éticos que serviram de base à formação da personalidade do Ser Humano.

A Maçonaria não pretende ser um pólo de poder temporal e muito menos um pólo de poder espiritual. A Maçonaria pretende, isso sim, ser um veículo de transmissão de todo um conjunto de valores inerentes à própria condição humana e, embora defendendo a busca da verdade, procura que a Razão não alicerce um alheamento do indivíduo relativamente ao seu semelhante e ao Mistério da Criação.

A Glória do Criador, em honra da qual levamos a cabo os nossos trabalhos maçónicos, impõe-nos – enquanto resultado da mesma – um determinado tipo de conduta, de acordo com a qual não apenas a exaltamos como ainda a publicitamos para que os que nos rodeiam possam, também eles, apreciar e usufruir dos seus encantos e beleza.

Não sendo uma religião nem um culto, a Maçonaria assenta a sua doutrina no conceito de “amor ao próximo”, tendo assim a nossa moral por base “a humanidade”.

Nos nossos fundamentos repousa o Amor à Pátria, a prática do bem, o estender a nossa solidariedade á sociedade onde nos inseri-

AD FRATRES

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º
SOBERANO GRANDE COMENDADOR

mos e o assegurar, entre nós, da existência de um amor fraternal.

Somos, assim, guiados pela Sabedoria que nos é transmitida desde a altura da nossa Iniciação nos Mistérios da Arte Real, sustentados pela Força da nossa própria Condição, e agraciados pela Beleza da construção do edifício do Templo Universal.

A Maçonaria afirma-se como uma Academia no sentido em que se constitui como um local onde “se erguem templos à Virtude e masmorras ao Vício”, com vista à difusão da Felicidade, através do Conhecimento apreendido pelos seus Iniciados.

Tal como a Academia de Platão visava a transmissão do Conhecimento, através do método de aprendizagem Mestre-Aluno, assim a Maçonaria o faz por via da tradição Mestre-Aprendiz, sendo tal conhecimento divulgado para o Mundo Profano.

Os vários episódios importantes da História da Humanidade constituem, aliás, um belo exemplo da forte presença de Maçons em lugares-chave do teatro histórico.

Refira-se, neste contexto, a influência individual que tiveram na elaboração de documentos tão queridos à História Universal como sendo a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América do Norte, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Declaração Europeia dos Direitos do Homem, a Abolição da Escravatura, etc., etc.

Muitos Maçons estiveram na base de inúmeras acções a diversos níveis, que conduziram à alteração de regimes políticos, à declaração de independência de territórios e à implantação de políticas nos mais variados sectores da nossa vida de inter-relação. A todos eles, sem excepção e independentemente dos motivos que os moveram

e movem ainda, cabe uma palavra de apreço pelo cumprimento do seu dever como Homens, como cidadãos e como Maçons.

Mas, como nos enquadramos hoje?

Sabemos bem que a mudança de uma época, calendarizada ou não, implica um ajuste de mentalidades, de realidades até então vividas e de conceitos que dominam as nossas acções na comunidade humana.

O virar do século, o aparecimento de novas ideologias políticas ou a sua reformulação, o surgimento de falhas no modelo económico-financeiro mundial, o aumento exponencial da população mundial, a insuficiência dos canais de distribuição de bens essenciais à sobrevivência do Ser Humano em certas partes do Globo, a crise existencial experimentada por grande parte da população mais esclarecida, as perspectivas sombrias do futuro próximo para a Juventude à escala global, constituem novos desafios à Maçonaria, desafios do tipo daqueles que, ao longo da História, têm feito a Arte Real reinventar-se a si mesma, se não na sua essência, pelo menos na sua projecção para o Mundo Exterior.

A Maçonaria não é uma realidade Esotérica estática. Muito pelo contrário, a Maçonaria é dinâmica na sua actuação, por definição.

O Maçon deve ser como que um farol no meio das Trevas que abundam no Mundo Profano e, alimentado pela Luz que anteviu nos trabalhos do Templo, irradiá-la para o exterior, pois só assim é possível iluminar os outros para que actuem em Liberdade, num total respeito para com o seu semelhante e em Fraternidade.

Um verdadeiro Maçon é um líder por condição. A ele cabe conduzir os outros no pleno desempenho das suas tarefas como seres humanos.

Não é necessário ao Maçon ser um líder temporal deste ou daquele grupo, deste ou daquele sector profissional ou social. Basta que se afirme no meio em que se encontra inserido, pela sua Sabedoria, pela sua Força e pela Beleza da sua postura e da sua Obra.

O verdadeiro trabalho do Maçon é discreto sem deixar de ser actuante. As forças opositoras ao normal desenvolvimento das ideias regem-se muitas vezes pelo conservadorismo exacerbado, implicando normalmente o recurso a metodologias impróprias de quem deseja realmente a sã evolução da vivência humana. A tal metodologia deve o Maçon constituir uma força antagónica.

O primado da Liberdade de Pensamento deve ser para o verdadeiro Maçon a linha condutora da sua maneira de agir no mundo profano, temperada pela Tolerância e pela Justiça, único meio de preservar a Harmonia que se pretende entre o género humano.

Assistimos actualmente, face à aparente desorientação sociopolítica e económica dos nossos tempos, à evocação, pelo que representa, do Contrato Social, o qual, segundo Jean-Jacques Rousseau, é atemporal e não determinável historicamente.

Não sendo almejável uma saída para o estado de desigualdade, objectivo ideal de tal contrato, poderá, contudo, atingir-se um equilíbrio proporcionado por uma justa harmonização da natureza com o desenvolvimento.

A renovação e adaptação das doutrinas políticas devem assim estender-se ao próprio conceito de “Contrato Social” e às suas especificações.

“Do esforço de cada indivíduo em prol do bem comum dependerá o sucesso do contrato social”

Interrogamo-nos sobre as realizações que efectivamente resultaram de alguns esforços que têm sido feitos, nesse sentido, como o Pacto internacional dos Direitos Civis e Políticos assinado na ONU no ano de 1966, que refere nos seus considerandos:

“ O reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Reconhecendo que esses direitos decorrem da dignidade inerente à pessoa humana;

Reconhecendo que, em conformidade com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o ideal de ser humano livre, no gozo das liberdades civis e políticas e liberto do temor e da miséria, não pode ser realizado, a menos que se criem as condições que permitam a cada um gozar de seus direitos civis e políticos, assim como de seus direitos económicos, sociais e culturais”.

Nestes tempos algo conturbados, em que o descontentamento dos povos parece roçar já os limites da revolta – mais ou menos patente -, cabe certamente aos Maçons, enquanto iniciados nos mistérios da condição humana, um papel preponderante.

Não advogamos a superioridade intelectual ou mesmo a superioridade ética do Iniciado na Arte Real, face ao seu semelhante, considerado Profano em termos esotéricos. Muito pelo contrário, advogamos sim uma especial sensibilidade por parte do Maçon, relativamente à especificidade das relações humanas, à natural diferença de pontos de vista dos povos sobre um mesmo aspecto comum a todos, ao direito que cada um tem em expor e defender os seus argumentos. Em toda esta diversidade, imbuído dos princípios universalmente aceites como inatos e próprios da

civilização e personalidade da sociedade humana, deve o Maçon trabalhar para o Bem comum.

A Maçonaria é impermeável às críticas primárias que a colocam na “corrida ao poder”. O Maçon não almeja conseguir uma posição preponderante face ao seu semelhante, com a simples finalidade da sua obtenção, ou sequer para utilizar tal posição em proveito próprio ou de grupo a que esteja afecto; a condição de Maçon a isso se opõe.

Se episódios existem, em que Maçons se desviam do caminho que lhes foi traçado pela Arte Real, tal facticidade apenas confirma que a Maçonaria é uma entidade constituída por Homens, com todas as suas Virtudes e com todas as suas Falhas. “Errar é humano, mas persistir no erro, é diabólico”.

A Maçonaria impõe aos seus Iniciados, as máximas contidas no Ritual do REAA de:

✠“*ama ao teu próximo*”;

✠“*nunca faças aos outros, aquilo que não queres que os outros te façam a ti*”.

A Maçonaria tem como objectivo principal despertar os seus Iniciados para o aperfeiçoamento da vida em sociedade de maneira a que, através do Conhecimento difundido por aqueles, a condição humana atinja um grau de Felicidade cada vez maior.

Perante a confusão de princípios vigente,

em que a Ética, a Moral, a Honra e o Respeito pelo semelhante são deixados de lado em nome de uma competitividade agressiva e cega, a todos os níveis;

em que o Material ofusca completamente o Espiritual;

em que grande parte das conquistas civilizacionais, outrora motivo de orgulho da civilização ocidental, são postas em causa por um regresso ao Egoísmo e pela falta de Solidariedade para com quem padece de necessidades, muitas vezes básicas;

a Maçonaria, mantendo uma reputação honrosa e uma probidade incontestada, tem a obrigação de intervir tanto quanto lhe é acessível, numa tentativa séria, firme e esclarecida, para que a Justiça impere.

Justiça para os Maçons tem um sentido mais abrangente do que aquele que o Mundo Profano ou mesmo as várias confissões religiosas lhe conferem, não dependendo, de um qualquer edifício formal, codificado ou não, que imponha, muitas vezes pela força, determinados conceitos ou conduta.

A Justiça em Maçonaria decorre da aplicação do Conhecimento e da Razão que a Liberdade de Pensamento permite descobrir e tem aplicações práticas que se revelam de uma simplicidade que desafia o espírito profano mais evoluído. O Direito em que a Justiça em Maçonaria assenta é o da Natureza, aquele que o Criador – na sua imensa e eterna Sabedoria – inculcou no espírito do Ser que criou à sua imagem e semelhança.

O primeiro pacto que o Homem firmou não foi com a Sociedade nem com a Razão, mas sim com a Natureza.

Afinal, e não querendo enjeitar o progresso civilizacional alcançado, o caminho desse mesmo progresso parece ofender o seu Pacto com a Natureza, não permitindo ao Ser humano a convivência com o planeta cuja vida partilha com o resto da Criação do Ser Supremo.

Impõe-se constatar que os recursos do planeta são finitos e que estamos a atentar contra elementos que constituem suportes à vida. Importa, pois, que a sustentabilidade seja o nosso elo de comprometimento pelo bom viver das gerações futuras, que se apoiem abordagens preventivas sobre desafios ambientais e se promovam iniciativas para incentivar a responsabilidade ambiental desenvolvendo tecnologias que não agriçam a natureza.

Urge travar a derrocada da raça humana, causada pelo egoísmo centrado no progresso científico e tecnológicos virados para a prosperidade económica, e interagir com a natureza, de que fazemos parte, evitando que a nossa arrogância conduza ao perecer do planeta.

É-nos ensinado por aqueles que nos precederam na nossa vida iniciática, que no estudo da Natureza reside a chave do Conhecimento. O Ser Supremo, ao traçar os planos de arquitectura do Mundo Inferior, fê-lo à imagem do reflexo do Mundo Superior, estabelecendo assim a ligação perfeita entre as duas realidades. Ao Ser Humano, foi dada a possibilidade de, através do seu livre arbítrio, traçar o seu caminho de volta à Origem, caminho esse que, de acordo com as escolhas feitas, poderá ser mais ou menos penoso e mais ou menos afastado da imagem pretendida pelo Criador.

Do Maçon espera-se o respeito pela Ordem Natural, fruto directo da Criação e realidade imutável e inalterável, articulando esse respeito com o caminho inexorável do progresso civilizacional.

Esta dualidade, muitas vezes antagónica e em certa medida inconciliável, constitui um desafio permanente ao engenho humano, o qual, muitas vezes, não se mostra capaz de estabelecer o equilíbrio que a situação exige.

É aqui que o Maçon, na sua missão de liderança no campo dos princípios e do Conhecimento, deve fazer sentir a sua influência benéfica na conciliação de posições contraditórias, permitindo assim que, através da sua actuação mais ou menos discreta no Mundo Profano, o Pacto com a Natureza seja preservado e o planeta que habitamos se torne, efectivamente, um lugar melhor para se viver.

O Maçon tem a perfeita consciência de que a nossa espécie não é a única dotada de inteligência, instinto ou necessidades. Muito menos que é a única com “direito” à Vida ou com “direito” à vida em detrimento das restantes espécies que partilham connosco este espaço.

A Sabedoria Oriental mostra-nos bem a importância que tem a Harmonia entre todos os seres, até para a própria Harmonia do nosso ser. A Filosofia Ocidental, consequência da absorção por parte dos nossos pensadores de muitos dos conceitos orientais, salienta igualmente a necessidade imperiosa dessa Harmonia. As várias confissões religiosas apontam, também elas, para a existência de uma tal interacção e para a consequente responsabilidade do Homem – enquanto ser pensante e, para algumas delas, ser superior da Criação – na manutenção e preservação da Natureza.

Nestes tempos mais conturbados e algo vazios de espiritualidade, impõe-se ao Ser Humano voltar-se para os aspectos mais recônditos da sua própria natureza e condição, mas nem por isso menos importantes e essenciais para a sua própria existência.

Sejamos, assim, suficientemente cultos e esclarecidos para desse modo contribuirmos, com o nosso exemplo, para a cultura e esclarecimento do nosso próximo.

Tal a chave da abóbada do Templo Universal.

Segundo os conceitos que o Maçon defende e pratica, comportamentos como aqueles que frequentemente vemos na vida em sociedade, não podem ser por ele apadrinhados ou sequer tolerados.

Mas, a posição do Maçon na liderança que deverá assumir na preservação ou mesmo, implantação, dos princípios básicos comuns a toda a Humanidade, não deverá ser suicida. O Maçon não é, por definição e na essência da sua condição, um mártir.

Não se espera de um Maçon, a sua imolação no cumprimento da sua missão altruísta. Espera-se sim, que ele tente, “*por todos os meios ao seu alcance*”, a difusão dos ensinamentos que a sua vida e carreira iniciática lhe permitiram absorver. Poderá assim, participar na divulgação da centelha de Conhecimento que permitirá a sã convivência na sociedade humana, e no progresso civilizacional eternamente buscado.

É chegado o momento em que os Maçons, sendo postos à prova como Iniciados, têm de reflectir sobre a criação das condições básicas para um novo Contrato Social, com respeito pela Natureza, suficientemente abrangente a nível mundial, e que permita aos diversos Povos, Nações e Estados, a prossecução das boas práticas da vida em sociedade; afinal, o Homem é um animal social e está condenado a viver em sociedade.

É chegado o momento de serem adoptadas definitivamente políticas consequentes de responsabilidade social e de sustentabilidade, reconhecendo que todos os Países, empresas e cidadãos são protagonistas fundamentais do desenvolvimento social, sendo-lhes requerido acção responsável na sociedade com

a qual interagem.

Não nos cabendo, enquanto Maçons, a recomendação ou implementação de estratégias e práticas conducentes à efectiva observância de tais princípios, temos o dever moral de, por tal, nos nortearmos individualmente, em prol de uma mais visível implementação dos princípios que se basearam em declarações de direitos humanos, de trabalho, de protecção ambiental e de combate à corrupção.

É imperativo trabalhar maçonicamente no Mundo Profano para que o Templo Universal não seja uma miragem inatingível, o que apenas será possível através do estabelecimento da Solidariedade Universal, o único ponto comum a todos os Povos que é compreendido e compreensível por todas as culturas, credos e estratos sociais.

A tarefa que se nos depara não caberá a um qualquer regime ou sistema político social ou económico, porque o caminho correcto para que se consiga tal objectivo não se encontra no plano material da vivência humana.

É no plano espiritual, ao nível de cada individuo e através de uma verdadeira motivação da mol que constitui a sociedade, que se poderá inverter a escalada daquilo a que designamos por “desumanização” da vida gregária do chamado “ser inteligente”.

Transmitamos para fora do Templo, aquilo que antevimos no seu interior.

ORDO AB CHAO



Lisboa, 13 - 17 Maio, 2015

XIX CONFERÊNCIA MUNDIAL DOS SUPREMOS CONSELHOS

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º
SOBERANO GRANDE COMENDADOR

CAMINHOS PARA UM FUTURO MAIS HUMANO

CONTRIBUIÇÕES DO R.:E.:A.:A.:

HORIZONTES PARA O CONTRATO SOCIAL E PARA UM PACTO ECOLÓGICO.

A MISSÃO DA ORDEM NA FORMAÇÃO DE LÍDERES CAPAZES DE
ENCONTRAR NOVOS CAMINHOS BASEADOS EM SÓLIDOS PRINCÍPIOS
ÉTICOS E MORAIS.

Este foi o tema escolhido para a XIX Conferência Mundial dos Supremos Conselhos, que, sob a presidência do Supremo Conselho para Portugal.



A contribuição para a vida profana justifica também a nossa própria existência como maçons já que, para além do nosso aperfeiçoamento pessoal, visamos o bem do homem e a harmonia da sua vida em sociedade.

Sabemos bem que a mudança de uma época, calendarizada ou não, implica um ajuste de mentalidades, de realidades até então vividas, de conceitos que dominam as nossas acções na comunidade humana.

O virar do século, o aparecimento de novas ideologias políticas ou pelo menos, a reformulação de tais ideologias, o surgimento de falhas no modelo económico-financeiro mundial, o aumento exponencial da população mundial, a insuficiência dos canais de distribuição de bens essenciais à sobrevivência do Ser Humano em certas partes do Globo, a crise existencial experimentada por grande parte da população do sector mais desenvolvido sob o ponto de vista civilizacional e científico do planeta Terra, as perspectivas sombrias do futuro próximo para grande parte da Juventude à escala global, apresentam novos desafios à Maçonaria, do tipo daqueles que, ao longo da História, têm feito a Arte Real reinventar-se a si mesma, se não na sua essência, pelo menos na sua projecção para o Mundo Exterior.

Nestes tempos algo conturbados, em que o descontentamento dos povos parece roçar já os limites da revolta – mais ou menos patente -, cabe certamente aos Maçons, enquanto iniciados nos mistérios da condição humana, um papel preponderante.

A Maçonaria não é uma realidade Esotérica estática. Muito pelo contrário, a Maçonaria é dinâmica na sua actuação, por definição.

Não nos cabendo a discussão da teorias políticas ou económicas e muito menos a sua aplicação prática, torna-se imperativo que, no quadro dos seus princípios, contribuir para a felicidade humana.

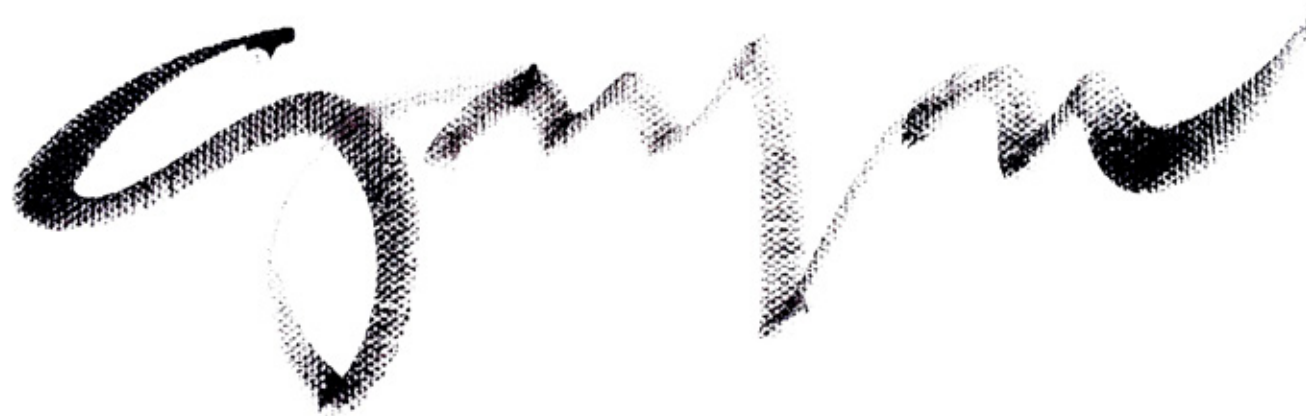
Impõe-se assim reflectir sobre a condição humana, de modo a permitir a cada um dos Irmãos uma intervenção mais esclarecida no mundo exterior.

Impõe-se, igualmente, uma reflexão sobre o ambiente e sobre a exploração irresponsável de recursos finitos, de modo a garantirmos aos vindouros e às outras espécies, um planeta habitável.

É chegado o momento de não nos alhearmos da criação das condições básicas para um novo Contrato Social, suficientemente abrangente a nível mundial, e que permita aos diversos Povos, Nações e Estados, a prossecução da vida em sociedade, pautada pela moderação, pela moral e pela ética, tendentes a inverter aquilo a que se pode chamar desumanização da vida gregária.

Tal desiderato apenas poderá ser atingido por aqueles que, detentores de uma sã personalidade, orientados para servir a coisa pública acima de quaisquer outros interesses, pessoais ou de grupo, consigam estar à altura desse desafio.





Assinatura de Fernando Gaspar que, a partir de 2011, ano em que se cumpriram 25 Anos de percurso, passou a marcar os trabalhos do artista



POR FERNANDO GASPAR

FERNANDO GASPAR

POR AMADEU PAIVA

Foi pela beira da água que os primeiros passos se deram, nos planos verde e lamas que a Ria de Aveiro recorta e toma, maré a maré. Pela mão de seu pai, pintor desde sempre, amador das artes, num tempo e num lugar em que as urgências pendiam mais para os trabalhos sem lírica, das coisas da terra e das fábricas; foi por ver, tocar, sentir o cheiro dos óleos na tela de linho, a vibração dos azuis no papel húmido, que começou o caminho que ainda o leva, já lá vão quase trinta anos!

Primeiro e durante algum tempo foi a aguarela; a ria, portos e salinas, os temas mais próximos da poética do lugar, da metria do gesto das suas gentes em labor; caminho já calcado, mas que cumpre e donde se solta numa límpida visão do que há a fazer; caminho que lhe serve de lastro para os voos mais altos e longínquos que se adivinhavam. Depois veio a soltura noutras paisagens menos bucólicas, mais frenéticas e desafiantes; a cidade e os seus volumes, luzes e contrastes. As grandes manchas sólidas substituem as velaturas de água, as camadas de matéria carregam outras significâncias e propósitos. Tempos de ruptura, de descoberta e afirmação que desaguam em séries ordenadas e consequentes - sistemática forma de fazer, que se aprofunda e a cada passo entra na dimensão das coisas de todos, de qualquer lugar, do nosso tempo.

Pintando e expondo desde 1986, passou numa primeira fase por algumas das nossas principais cidades, tendo de forma mais insistente, exposto no Porto e Lisboa; seguem-se depois outros países: Espanha, França, Bélgica, Itália, Países Baixos, Brasil, China, Estados Unidos. Em 2011, ao marcar os seus vinte e cinco anos de ofício mostrou-nos, numa exposição de grande folgo, Remind25, a sua, já por vezes ensaiada, abordagem ao grande tema que é o corpo humano; cedendo à tentação que foi sempre, entre todos, a maior; tratou esse “vasto território” aferindo-se, pondo-se à prova uma vez mais, ousando e provocando. Do Museu de Aveiro, esta exposição partiu para o Centre Culturel Européen em Nantes, onde, a convite e entre outros artistas e outras formas de expressão, representou oficialmente um dos lados da cultura portuguesa actual.

Outras séries, outros lugares: Princesas de Arcádia, em Sintra, Rainhas Negras, em Amsterdão, Argonautas, em Gaia, Moving Places e Separated Land, nos Estados Unidos, e, por último, a exposição Cidade Paralela, no Porto, têm sido os registos mais recentes deste criador.

Convida-se o leitor a visitar www.fernandogaspar.com.

AD INFINITUM

POR FERNANDO GASPAR

SILÊNCIO

O silêncio é o princípio, o antes. É também dele que o fim é feito. Nada mais é tão amplo em significância, sentido e alcance como aquilo que simultaneamente nos pode parecer tão árido e vazio quanto fecundo e abundante. O silêncio é o antes da vida, incubação da matéria, é ventre escuro, óvulo, cavidade divina. Trajecto primeiro para o acontecer das coisas. Estado anterior, lugar interior. Território do tempo e da disciplina; Domínio das coisas não visíveis. O silêncio é o pouco e o amplo, o mais sagrado dos lugares, o mais sábio dos estados.

O silêncio é uma enorme planície húmida, onde a semente se dá em sumos e sabores novos. Arco sagrado ligando o seminal impulso da busca ao mistério do encontro.

Nele se afiam as espadas antes da guerra. Momento maior que a mais longa batalha. Trovão mudo, seco e absoluto como todas as legiões da história.

Silêncio é o regresso à dúvida. Casca pétrea que nos embala na revelação da dor e do anúncio. Mesura sublime da escala que a nossa urgência nos sonega. Contracção do gesto em silábica soltura frívola. Silêncio é o sim. O sim completo, o branco cheio. Código de peregrino, combate e oração. Abraço que não desprende. O silêncio é o princípio, o antes, o caminho inicial para o fim.



DIAGRAMAS INVISÍVEIS

POR FERNANDO GASPAR

Se definir o homem no seu princípio é tão difícil como será hoje definir a arte, certo parece ser que nos seus primórdios algo distinguiu a criação Homem de outras criações do mundo material. Por muito rudimentar que fosse e ainda que, muito contaminada com aquilo que mais tarde viriam a ser outras disciplinas da inquietação humana, a arte ou a habilidade excepcional, munuiu a criatura Homem como a nenhum outro ser criado, de ferramenta para o exorcismo das suas dúvidas, expiação dos seus medos e afirmação do seu respeito.

Nessa manhã da consciência humana, surge a necessidade e o apelo da comunicação e ligação com o mistério e os planos superiores. A arte, pelos seus símbolos, cores e acordes, foi desde o princípio, a ferramenta da comunhão com o divino. Mágica e reservada, como mágicos e reservados eram os sítios, o tempo e quem a praticava.

Das obras artísticas que ao longo do Tempo nos foram legadas, e por serem estas de filial interesse para esta A.:O.: o caso particular de toda o mistério que envolveu e ainda envolve as Catedrais Góticas reveste-se de especial interesse.

Circunstanciando no tempo e na desenvoltura tecnológica do espaço físico em que foram erigidas, revelam só por si, ser obra profundamente complexa e abrangente, muito para além do simples labor da alvenaria, deixando claro a olhos, que não os dos profanos de então e agora, o seu alcance filosófico e transcendental.

O próprio nome do estilo arquitectónico arrasta algumas dúvidas na sua origem: gótico de Godos, povo da Germânia Oriental, oriunda da Escandinávia ou Gótico como corruptela linguística de Goético, podendo Arte Gótica provir de Arte Goética e assim sendo, significar Arte Mágica. Pode também ter origem na expressão Art Goth ou de Argot. Neste caso, e tal como consta dos dicionários, quer dizer linguagem particular a todos os indivíduos que têm interesse em comunicar os seus pensamentos sem serem compreendidos pelos que os rodeiam. Em qualquer dos casos fica evidente a excelência filosófica da paternidade do termo, ao que a este fenómeno acrescenta valiosa matéria.

Devem também estas estruturas ser entendidas à época como casa de culto não só à grande tendência cristã hegemónica como também de outras correntes e tendências religiosas pagãs ainda muito vivas e praticadas na Europa medieval. Seriam no seu contexto sagrado surpreendentes plataformas de tolerância ecuménica, lugar de entendimentos políticos, acertos económicos, apoio social, confronto e discussão intelectual e até de tratamento de maleitas frequentes.

No que diz respeito aos locais de edificação, parece não restar dúvida documental sobre a prática sistemática de aproveitar locais onde a carga do sagrado se evidenciava desde épocas remotas, em leis e correntes telúricas já conhecidas pela sua amplitude energética, propícias ao desenvolvimento espiritual, que favoreciam a saúde e proporcionavam boas condições para o estabelecimento de canais de ligação entre os mundos. Em muitos casos a construção ocorreu sobre estruturas já edificadas, utilizando como material construtivo alguns dos materiais de demolição, cuja sensibilidade a estes fenómenos tinha sido já validada e comprovada.

A Geometria Sagrada era a lei fundamental neste exercício tec-

tónico. Sujeita a forças naturais do universo, ela garante resultados constantes, independentemente da motivação religiosa ou política de quem a pratica, tal como as leis que regem a electricidade, ou a hidráulica, constantes neste ou noutro tempo desde que se cumpram os fundamentos operativos que a sua física determine.

A planta destas catedrais obedecia ao desenho da Cruz Latina, sob grelha harmónica proporcionada e vinculada a rácios precisos, dividindo-se o seu traçado em três partes correspondendo ao Corpo do Homem, Alma da Natureza e ao Espírito de Deus.

Depois de definido o trabalho ao nível do solo, passava-se à elevação do templo. As proporções desta segunda fase da construção deviam contemplar a necessidade de, concluída a obra, ter criado uma enorme caixa de ressonância das vibrações energéticas telúricas do local. Estas particularidades vibratórias acentuavam o fenómeno sonoro, funcionando as catedrais góticas como instrumentos musicais cuja afinação dependia da forma mais ou menos correcta como tinham sido executadas, sendo a altura das abóbadas responsáveis pelas variações tonais do edifício. Os padrões harmónicos de algumas das mais famosas catedrais da Europa estão assinalados na pedra da sua fachada ocidental.

É pois evidente que, obras sujeitas a leis e procedimentos tão precisos e complexos só poderiam ser levados à prática por obreiros munidos de conhecimentos muito acima dos padrões da época. Numa altura de grandes convulsões políticas sociais e religiosas no continente europeu, era extremamente apetecível o domínio e o poder sobre a comunidade que detinha tal perícia e conhecimento, a fim de assegurar e fortalecer, por seu turno, a soberania nas cidades e dos estados.

A intensa procura pelos soberanos de então, empossados ou com

pretensões, por fazedores de tais obras, obrigou estas comunidades de arquitectos, construtores e pedreiros a criar Guildas - Corporações, Grémios ou Lojas, onde de forma organizada e embora mantendo íntimos laços com a igreja, se passavam a organizar em regime de semi-secretismo e relativamente laicas, partilhando o saber, assim como garantindo a sua protecção pessoal, independência política e religiosa e mais importante a integridade patrimonial da riqueza que tais conhecimentos representavam.

Após a época das cruzadas, os obreiros do Sacro Império Germânico, bem como de alguns dos países limítrofes de língua germânica, criaram a mais respeitada de todas as congregações de lojas: Die Bauhütte.

Estas formas de organização exigiam aos seus membros, para além de reconhecido mérito no mister, rigorosas condutas disciplinares e morais, assim como especiais formas de comunicação e de passagem de conhecimentos que confinou na adaptação e criação de códigos e sinais secretos, alguns do nosso conhecimento.

A mobilidade a que estavam sujeitos em todo o território continental e insular da Europa, mobilidade inaudita na Idade Média, acentuou a pertinência da prática desses rituais de sigilo e de reconhecimento entre pares, tanto da sua condição de Pedreiro Livre como do seu grau de conhecimento.

Para além da sinalética gestual e do alfabeto maçónico, uma das consequências desta forma codificada de actuar foi a criação de Diagramas Matrizes que determinava a identificação da Loja e de cada um dos seus membros entre os demais e entre as outras lojas. As letras e os monogramas de marcação do período Bizantino e Românico eram agora substituídos por diagramas geométricos complexos, que permitiam a criação de intermináveis chaves, rep-

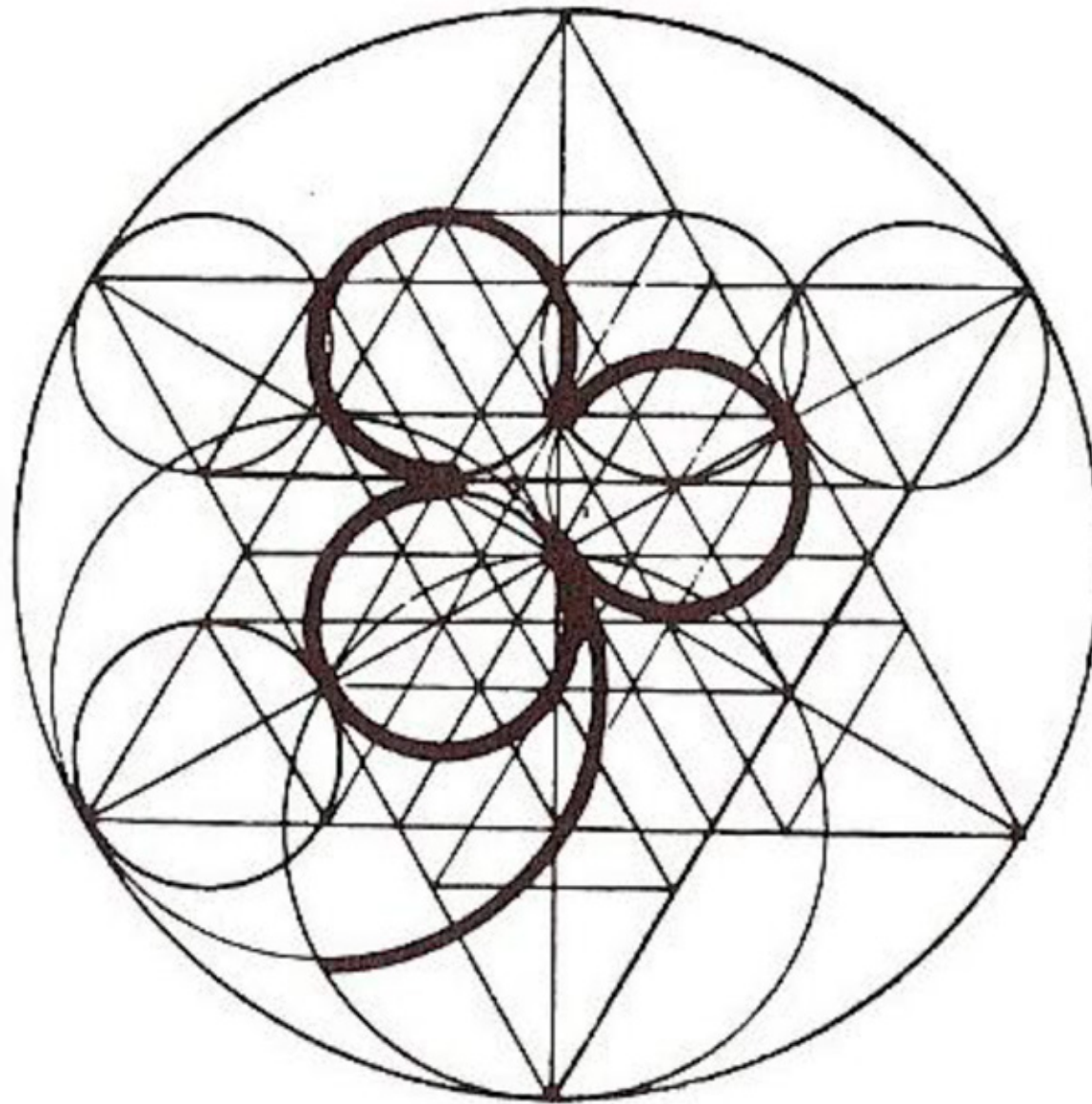


Fig. 1

resentando a marca única e pessoal de qualquer um dos maçons conhecidos.

O domínio de todos os níveis de geometria era assim uma prerrogativa do pedreiro livre. Com esse conhecimento podia não só provar a validade da sua marca, para efeitos de identificação, como reconhecer alguma outra com que fosse confrontado.

Conhecem-se quatro diagramas geométricos básicos, que representavam as quatro grandes lojas de obreiros construtores: a de Colónia, Estrasburgo, Viena e Berna. Os modelos destes diagramas eram: *ad quadratum*, *ad triangulum* e outros dois mais complexos, o quadrifólio que, baseando-se na geometria do quadrado, integra também *vesicas* no conjunto e o trifólio, baseado na combinação de círculos e triângulos equiláteros (fig. 1).

Estas quatro matrizes constituíam-se numa ferramenta fundamental, sendo usada, além de no traçado de siglas, no desenho de campanários, capitéis, rosáceas, etc.

No entanto, para obter todos os traçados usados pelos construtores do gótico, quer no desenho de pormenores arquitectónicos, quer ainda na definição de plantas e alçados, no dimensionamento e proporcionamento global das edificações, é necessário acrescentar uma outra matriz a essa ferramenta: o Ponto de Bauhütte, que deve o seu nome à confederação antes referida.

O ponto de Bauhütte não é explicado em nenhum registo conhecido, constituindo provavelmente o grande segredo geométrico dos mestres construtores de catedrais, só acessível no último grau de iniciação. (Noutra ocasião, poderá este assunto ser motivo de desenvolvimento, tal a sua importância.)

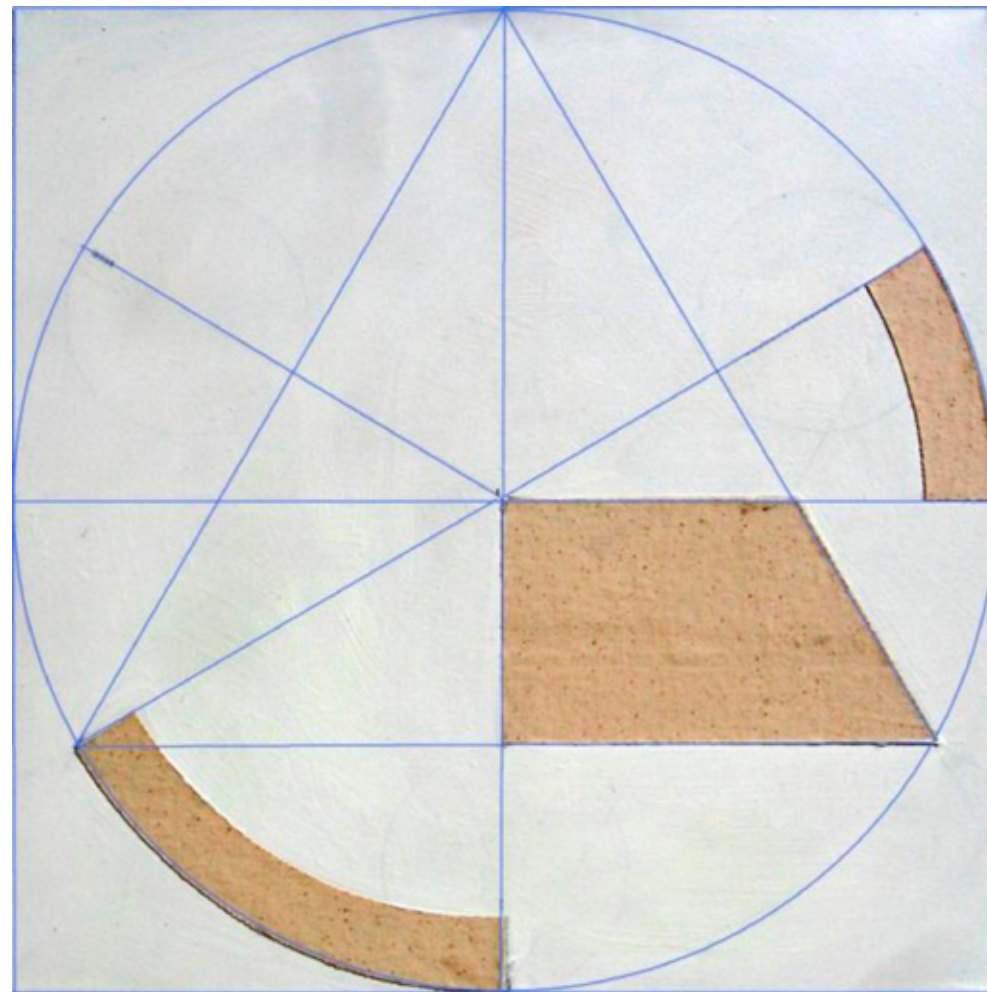


Fig.2

Diagramas Matrizes e todo o fascínio que lhe está subjacente foram, portanto, o tema inspirador e motivador e a razão de ser do conjunto de trabalhos de pintura a que dei o nome de Invisible Shapes em exposição talhada em 6009:

INVISIBLE SHAPES

14 trabalhos de desenho e colagem.

Suporte quadrado – Terra, corpo e matéria. Branco base. Princípio. Branco inicial.

Há em parte do desenho a matriz comum que a todos faz com que sejam um só.

Jogo, tensões e silêncios. Espaços, pontos, cruzamentos. Diâmetro em compromisso.

Circunferência que solta outras formas e se subtrai.

Formas. Invisíveis.

Ordem, sequencia e proporção como ferramentas para a edificação em equilíbrio.

Números e letras que escondem e revelam, que enfatizam o percurso do lápis e da razão. Códigos para uma viagem.

Neste trabalho adoptei, sintetizando e depurando, o modelo de diagrama trifólio, desenvolvendo um conjunto de composições plásticas que, embora arredadas do propósito de reproduzir marcas pessoais, mantém e confirmam o carácter único de cada uma

das peças tendo todas elas sido criadas sobre o mesmo desenho matricial (fig. 2).

Com efeito na génese deste trabalho foram consideradas três formas geométricas base: no suporte, o quadrado, símbolo da estabilidade e do microcosmo; o círculo, desenho primordial, completo, uno e integral; o triângulo equilátero, a divindade, harmonia e proporção.

Traçadas linhas que dividem e multiplicam, mediatrizes, bissetrizes, pontos que se encontram, eixos, intercepções... como se na terra se fosse achando em finas linhas a energia que regula os ímpetus e estabelece a ordem das coisas. Sobre estas, como numa dança ritual, vão rodopiando em sentido dextro-cêntrico (das mais toscas e imprecisas nos primeiros quadros às mais rigorosas e intencionais da última fase do conjunto) formas máticas e tácteis que coladas ao suporte branco deixam a nítida sensação de transitoriedade do lugar que ocupam, como se a qualquer momento pudessem retomar a dança e assentar em outro lugar do quadro gerando uma nova composição.

É deste conjunto de leituras e estímulos cognitivos e sensoriais que se extrai o sentido e o propósito da exposição: se ela, na sua fase uterina, deriva dos ancestrais diagramas matrizes, nasce e cresce autonomizando-se e recria na sua fase mais solar, a sua própria dinâmica conceptual, a sua alegoria goética, propondo para a reflexão, não só este testemunho de que, sob ou sobre a mesma malha matricial é possível desenhar destinos diversos correlacionados como a tomada de consciência da eterna temporalidade daquilo que percebemos.



POR FERNANDO GASPAR

A COLMEIA E O PELICANO: A SEGURANÇA SOCIAL

POR NUNO SANTOS SILVA

Sabemo-lo: a Segurança Social é um dos marcos da nossa civilização.

Olhamo-la no entanto, com alguma frequência, como uma mera fonte de despesa, como encargo, como algo que merece uma certa desconfiança por contaminada pela burocracia do Estado.

Mas não estará este olhar demasiado carregado de individualismo, esquecendo que o Homem é um ser de comunidade e não um Robinson Crusoe? Vejamos então o que é, e de onde vem a segurança social.

Uma definição simples e abrangente é a de que a segurança social é um sistema que protege o indivíduo contra os riscos da perda de rendimentos, da falta de meios de subsistência ou um acréscimo excecional de determinados encargos. Por esta definição é-nos possível detetar duas colunas neste edifício: a Assistência e a Previdência.

A assistência, vocábulo algo proscrito pelo politicamente correto da modernidade, é uma forma de proteção social, de natureza unilateral e em regra reparadora, que procura responder a situações de falta ou insuficiência dos meios indispensáveis à satisfação das necessidades básicas de subsistência física e autonomia pessoal: unilateral porque não resulta de nenhum con-

trato, e reparadora porque – em regra – tem um papel reativo.

Já a previdência é uma forma de equilíbrio entre previsão e prevenção: pressupõe uma escolha de eventos futuros (que poderão resultar em perda ou redução de rendimento), e garantem-se os meios de se lhes responder.

A primeira forma de segurança social nasce com os alvares da civilização humana e com uma das suas primeiras manifestações: a família. É nas famílias que encontramos o primeiro sentimento de proteção mútua e provisionamento para dias de escassez.

No que respeita à Assistência, à medida que a civilização se foi estruturando, foram surgindo as leis que procuravam regular os seus aspetos mínimos e também a incentivá-la. Encontramos disso exemplo quase mil anos antes de Cristo, no legado do Rei Salomão: «o homem de olhar generoso será abençoado, porque dá do seu pão ao pobre» (Provérbios 22: 9).

Quinhentos anos mais tarde, com a criação de uma caixa denominada “theorikon”, o estadista Péricles alargou o conceito de assistência aos bens culturais (algo apenas recuperado quase dois mil e quinhentos anos mais tarde...), permitindo que os pobres assistissem a peças de teatro, sendo os custos suportados pelo Estado. Na República Romana, cerca de cento e cinquenta

anos antes de Cristo, por pressão dos tribunos da plebe Caio e Tibério Graco, foi aprovada a Lei Frumentária, que subsidiava com dinheiros públicos o preço do trigo para assim torná-lo mais acessível aos pobres.

O advento do cristianismo, em particular a expansão do monaquismo, resultou numa atenção redobrada na assistência, mas ao mesmo tempo os pobres eram vistos pelos poderes públicos – na melhor das hipóteses – como um mero recurso para trabalho forçado, sendo disso exemplo a Lei das Sesmarias, aprovada em 1375 por D. Fernando I: “Mais ordeno que todos os homens ou mulheres que andem vagueando ou pedindo ou não tenham mester (...) sejam obrigados pela Justiça a servir na lavoura ou em outros mesteres.”

Se bem que, em Portugal, existissem já experiências de assistência organizadas, como as Confrarias do Espírito Santo e as Confrarias de Santa Maria de Rocamador (estas desde 1193), é em 1498, com a criação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, por ação da Rainha D. Leonor, que a Assistência é organizada pelos poderes públicos, incidindo a sua atividade na saúde e proteção dos indigentes. Em Inglaterra, cerca de 100 anos mais tarde, é uma outra rainha, Isabel I, que em 1601 codifica a Lei dos Pobres. Este sistema era financiado pela Coroa mas gerido de forma descentralizada pelas paróquias, e combinava uma ação repressiva com a responsabilidade assistencial coletiva: é com este instrumento que surgem as “work houses”, onde os pobres aptos para o trabalho podiam viver e trabalhar.

Voltando a Portugal, em 1780, é criada – também por ação do

Estado – a Casa Pia de Lisboa, destinada a acolher os órfãos e a recuperar, pelo trabalho, os mendigos e os vadios. Com o advento do liberalismo, dá-se a emergência do Estado moderno, que passa a centralizar a assistência, sendo que, na sequência da extinção das Ordens Religiosas em 1834, foi criado o Conselho Geral de Beneficência, em 1835, o que no entanto era visto por alguns como um mero expediente para reprimir a mendicidade.

À medida que nos aproximamos do fim do século XIX e avançamos no século XX, encontramos medidas mais abrangentes e humanas no que à assistência concerne: é em 1891, na Dinamarca, que é criada a primeira pensão não contributiva (i.e., para a qual não é necessário “desconto” prévio), e é na Primeira República em Portugal que são definidas os parâmetros de atuação das instituições de assistência, que evoluíram para as atuais Instituições Particulares de Solidariedade Social, reconhecidas pelo Estado como suas parceiras, trabalhando em prol da inclusão social, ou seja, não têm um caráter meramente assistencialista, mas promovem também a inclusão social daqueles que dela carecem.

Já no que respeita à Previdência, à medida que a sociedade humana se foi sofisticando, também mais complexa se foi tornando a relação com os possíveis eventos futuros que resultariam em escassez.

Encontramos um exemplo simples desta atitude de prevenção na Bíblia, mais propriamente no Génesis, capítulo 41, em que José revela ao faraó do Egito o sentido dos sonhos deste: José disse ao faraó: «O sonho do faraó é só um. Deus anunciou ao faraó o que vai fazer. As sete vacas belas são sete anos; as sete

espigas grandes são sete anos; é um mesmo sonho. E as sete vacas magras e feias, que subiam em segundo lugar, são sete anos; e as sete espigas raquíticas e ressequidas pelo vento do oriente são sete anos. Serão sete anos de fome. É o que eu disse ao faraó: Deus revelou ao faraó o que vai fazer. Sim, vão chegar sete anos de grande abundância a todo o território do Egito. Mas sete anos de fome surgirão a seguir, de modo que toda a abundância desaparecerá do Egito e a fome devastará o país. A recordação da abundância apagar-se-á no país, devido à fome que se seguirá, porque será excessiva. E se o sonho do faraó se repetiu duas vezes, é porque isto está decidido diante de Deus e porque Deus está quase a realizá-lo».

A solução oferecida por José foi a da intervenção do próprio faraó, ou seja o Estado, na tarefa de provisão dos bens necessários, recorrendo-se aos impostos:

«Agora escolha o faraó um homem prudente e sábio, encarregando-o do país do Egito. Que o faraó nomeie comissários para o país e lance o imposto de um quinto sobre as colheitas do Egito, durante os sete anos de abundância. Que se acumulem todas as sobras de víveres desses anos férteis que se aproximam; que se armazene trigo sob a autoridade do faraó, nas cidades, como reserva de víveres. Essas provisões serão um recurso para o país durante os sete anos de fome que vão chegar ao Egito, a fim de que o país não pereça pela fome».

Ou seja, reconhecendo-se que as famílias, só por si, não teriam capacidade para se prevenir face a períodos prolongados de escassez, o Egito organizou um sistema em que a comunidade

partilha dentro de si o risco da falta de meios. Este episódio bíblico ilustra assim as possíveis insuficiências da poupança como previdência voluntária: por um lado, só pode poupar quem tem disponibilidade para fazê-lo após a satisfação das suas necessidades, por outro, a poupança é – essencialmente – individualista, ou seja, dispensa a comunidade.

Mas, na verdade, a Previdência esteve praticamente sempre associada à iniciativa cooperativa: se há referências a formas primitivas de mutualismo nas margens do Nilo cerca de 3.000 anos antes de Cristo, é na Grécia antiga que encontramos informação mais estruturada: Teofrasto de Lesbos (372 a 288 a. de C), relata a experiência – de pelo menos dos séculos VI e V a.C. – das sociedades socorros mútuos e de apoio a funerais, eventualidades também cobertas pela proteção garantida pelos “collegia” da Roma Antiga, verdadeiras associações mutualistas, juridicamente reconhecidas pela República e pelo Império.

A experiência cooperativa foi mantendo a sua ligação à atividade económica, e encontramos traços dela nos séculos IV e V, na Palestina, com o “Tratado Bavá Camá”, que segurava as caravanas de mercadores do Próximo Oriente, destacando-se na Idade Média – claro está – as Corporações de Artes e Ofícios. Estas corporações de profissionais tinham, no plano da proteção mútua, um papel desenvolvido, que garantia – pelo menos – proteção contra invalidez, morte e velhice.

A experiência liberal permitiu, no século XIX, um grande desenvolvimento do movimento mutualista, até ao momento em que o Estado passou a intervir diretamente nesta matéria.

Primeiro, na sequência da revolução industrial, Otto von Bismarck instituiu os seguros sociais com caráter obrigatório, financiando as respectivas caixas com quotas pagas pelos trabalhadores e empresas, visando proteger a doença e depois, mais tarde, os acidentes de trabalho, invalidez e velhice, passando os seguros sociais a abranger também o desemprego após o fim da Primeira Guerra Mundial.

Depois, em plena segunda Guerra Mundial, o chamado Relatório Beveridge, propôs a instituição de um sistema de segurança social, de natureza universal, suportado por quotizações e contribuições de trabalhadores e empresas na sua vertente previdencial, e por impostos na sua vertente assistencial, que apoiasse cada ser humano do berço ao túmulo. O objetivo? Não nos esqueçamos que estávamos em 1942, em pleno esforço de guerra: o objetivo era criar as condições para que não mais houvesse guerra.

Mesmo uma viagem rápida pela História, como a que acabámos de fazer, mostra-nos uma importante ligação da Maçonaria à segurança social. Dois dos mais relevantes símbolos maçónicos têm – como interpretação possível – associações à Previdência e à Assistência: a colmeia e o pelicano.

O pelicano, geralmente associado a graus de cavalaria rosa-cruz (como por exemplo no Rito Escocês Antigo e Aceite e no Rito Francês; no caso Rito Escocês Retificado, ao grau preparatório de Escudeiro Novo), está intimamente ligado à virtude teológica da Caridade, que se manifesta na ação humana como beneficência.

No quadro maçónico, a beneficência não se esgota na mera distribuição de bens materiais, mas também na busca da recuperação cívica daqueles que estão excluídos, sendo que o objetivo principal será a emancipação do seu espírito, livre e eterno.

Encontramos traços rituais desta postura na proteção dada às viúvas (o Tronco da Viúva), e no especial apoio dado aos filhos de maçons (“lowtons” em inglês, “louveteau” em francês, e “lobitos” em português).

No que respeita à colmeia, representando ela a Indústria, o trabalho e a perseverança, a mesma simboliza também a Previdência, o trabalho para um objetivo comum, com vista à preparação da comunidade para os tempos de mingua.

Como é evidente, a circunstância de encontrarmos traços fortemente maçónicos na Previdência e na Assistência, não significa que a Ordem possa ter uma preferência no sistema a adotar: existe espaço para todas as opções, seja a de pendor público, a de pendor privado e a de pendor social.

Cabe-nos sim a nós, enquanto maçons, ter a consciência da importância que é trabalhar para o Bem Comum, não nos limitando nem à escolha meramente individual, nem à imposição eminentemente pública. O caminho entre ambas as opções é bastante estreito e nenhum está isento de perigos. É por isso que a virtude associada à Segurança Social é tão cara à Maçonaria: a Prudência.

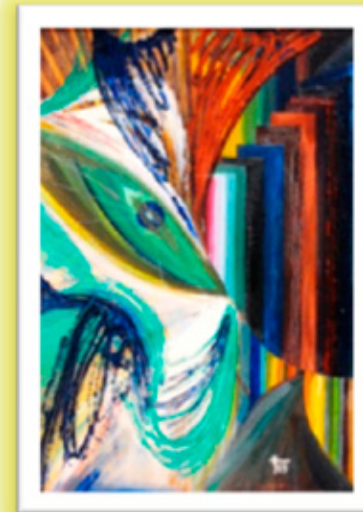


POR FERNANDO GASPAR

MANIFESTO DA REALIDADE

POR HERMÍNIO DUARTERAMOS

O que é realidade? A decisão tomada. Eis o manifesto hervatar, antigo e aceite. Pois sempre assim foi: escolho o Grão-Mestre e apercebo a realidade da Ordem. Porque decisão é liderança, na crença do livre arbítrio, baseado na probabilidade dos estados da realidade. Realidade que só é sinais. Quer a realidade objetiva quer a realidade subjetiva.



SINAL 1: MEDITAÇÃO DO EGO.

A realidade é formada por sinais, somente ondulatórios, de espectro mais ou menos vasto, até ao infinito dos impulsos.

Na linguagem simbólica da Maçonaria, o novo maçom, ainda aprendiz e também de companheiro no percurso da aprendizagem, adquire as ferramentas para laborar a mestria do eu, que é o ego superficial, a fim de procurar o caminho do ego profundo, com valores dignos do humanismo experimental, proveniente da razão bem facetada e polida, para compreender os sinais da realidade e agir com sabedoria.

Como é que atinge essa via da perfeição?

Todos sabem, e portanto não poderei deixar de referir, são as ferramentas básicas de construção que permitem erguer as boas edificações, assentes na harmonização de diferentes pedras umas às outras, seguindo as linhas mestras dos traçados arquitetados por cada um e bem assim as formatações instrumentais no seu interior.

O maçom aprende a utilizar a régua graduada, para marcar as medidas corretas do que pensa, embebido no silêncio das suas reflexões, a fim de só exteriorizar as ações necessárias e que sejam suficientes, sem carências prejudiciais nem excessos inúteis naquilo que empreende, procurando nivelar os dispêndios racionalmente e chegar à felicidade tangível.

Nessa procura do ótimo existencial, terá de assestar o esquadro nas suas constantes decisões, a fim de estabelecer as orientações comportamentais mais valerosas, e apoiar o fio de prumo, que garante a verticalidade daquilo que diz e faz, dentro do alcance circular do seu próprio compasso, com respeito pelos outros e reconhecida dignidade nas tolerâncias admissíveis às imperfeições humanas.

É devido ao instinto imperfeito que o humano usa a razão, com vista a suprir as deficiências alheias e também as suas, num quadro lógico de justificações compreensivas e numa incessante procura do melhor conhecimento.

Em especial, o maçom aperfeiçoa a pedra bruta na execução das suas tarefas, à custa da perícia operativa na percussão do cinzel com o maço, até polir a pedra cúbica e preencher os encaixes mais perfeitos.

Então, exalta a condição de mestre nas obras que produz.

Trata-se da verdadeira atividade humana exercida na sociedade, que exprime ação, designada na antiguidade oriental por karma em sânscrito, como exteriorização do atman ou ego profundo da alma.

Eis a dinâmica da “ação” na realidade objetiva do exterior, manifestada em impulsos discretos, portanto, apenas contínua na aparência cognitiva da decisão subjetiva dessa realidade.



SINAL 2: CAMINHO DA REALIDADE.

No atual cultivo da civilização tecnológica, a prática vivencial aplica múltiplas linguagens de expressão da realidade, incluindo as diversas formatações das necessidades de quem precisa, particularmente nos arranjos das redes da sociedade, desde as personalizações em família ou na profissão até aos agrupamentos comunitários ou solidários das organizações interativas e mesmo nas redes sociais do mundo digital.

De que maneira se processa esta evolução social?

No decurso do tempo, os mecanismos sociais desenvolvem atitudes, estruturam projetos, animam empreendedores, estabelecem organizações, congregam obreiros, reúnem esforços, produzem artes, recolhem frutos, disfrutam vivências.

Nesta permanente realização vital, cresce o maçom após ter renascido convictamente (pressuposto indispensável para tudo o que segue), a erguer e fechar elevados arcos reais de suporte à sua própria vida e à dos outros, através de silenciosas e esforçadas participações na sociedade pela economia solidária, em complemento da economia social, devido aos desequilíbrios libertários da economia mercantil.

Depois, engrandece o maçom a escavar fundas criptas de preservação das riquezas sapientais acumuladas, por meio de feitos valerosos na descoberta dos segredos do desconhecido e no aperfeiçoamento das circunstâncias, que o vão prolongando além da finitude da morte.

Na verdade, o maçom atinge outra dimensão transfinita quando se envolve nas cruzadas de defesa dos princípios da ética universal, qual cavaleiro transmigrante num mundo sem fronteiras, armado na mente [1] com a razão desembainhada da memória neurónica (pelo imagerial) e escudado no intelecto transcendente (do imaginal) pelo exercício de ações comportamentais dignas e justas.

Nesta evolução, se o maçom julga ter alcançado o patamar superior da evolução possível, dominando grande parte dos mistérios acessíveis ao desfile mental por intermédio da sabedoria, interroga-se naturalmente a si mesmo se terá da vida amadurecimento bas-

tante para trilhar o caminho regular de um Grão – Mestre esclarecido.

Para isso, terá de conhecer a realidade.



SINAL 3: OLHAR NEO-ILUMINISTA.

Estamos perante uma questão que pode ser desenvolvida em variadas ações, correspondentes a realidades distintas, pois cada humano é o que é, conforme quis ser, dado todos serem livres de arbitrar aquilo que querem viver no espaço real com os movimentos nos ciclos do tempo.

Essa construção do templo interior, entrega-se ao acaso?

O livre arbítrio existe no humano para gerar múltiplas diversidades, que se articulam na unicidade da coerência global, donde se forma a personalidade do indivíduo, caracterizada por diferentes virtudes, desde a refulgente coragem e também a justiça, até à preciosa humildade e sobretudo a sagesa.

Todavia, neste processo formativo, também sobrenadam algumas escórias, como a cobar-
dia obscura e a fria humilhação ou a arrogância falaciosa e a débil ignorância, muitas vezes
debaixo do sinistro manto da hipocrisia.

Sentimos os agressivos efeitos dessas atitudes viciosas na irresponsabilidade de al-
guns poderosos, escondidos atrás do oportunismo permitido e forçando a austeri-
dade aos indefesos, em nome da honra coletiva (até dita democrática), enquanto ao
lado regorjeiam indecorosos trinados, vendidos que estão os seus troantes aos pre-
dadores financeiros da globalização imperfeita, por afilada ambição e rebaixamento
ético.

Por isso, não admirará a emergência da necessidade de acender a luz primordial da
ansiada neorrenascença cultural, extensiva ao mundo inteiro, objetiva e pragmática
na renovação do fecho dos arcos reais de sustentação da maçonaria universal, e que
preserve a cripta sagrada com a herança da ampola de riquezas dos princípios comu-
mente aceites, os quais incorporam os filamentos da ética.

Tal aconteceu no iluminismo do século 18, que deu abertura à maçonaria simbólica e
à capitular, influenciando a marcha da história da humanidade na renovação ética dos
usos e costumes, bem testemunhada pela declaração de independência americana
(ratificada em 1776) e através da revolução francesa (deflagrada em 1789), onde pri-
maram significativas contribuições de homens livres e de bons costumes.

O objetivo da ação no presente momento (vivemos em 2014), em toda a extensão
do imenso mundo, consiste na garantia do futuro dos humanos com valores cruza-
dos da razão livre e da fé fraterna num “neo-iluminismo” que dê novo ânimo à espe-
rança e outra vida à existência na realidade devassada.



SINAL 4: INCERTEZA PARADOXAL.

Ora, recentemente, cogitou-se uma inovadora forma científica de interpretar a realidade física, que me leva a identificar a pedra cúbica, consequente do trabalho maçónico perfeito, como sendo outra luz na evolução dos modos de pensar e agir.

Afinal, o que é a realidade?

Arrisco a prosseguir nesta manifestação de princípios, com uma formulação simples, talvez complicada, mas inegavelmente aliciante, em consonância com a linguagem da física quântica.

Sabe-se que a função de onda [2], deduzida pelo físico austríaco Erwin Schrödinger (1887-1961), descreve o comportamento de uma partícula elementar no espaço, em

cada instante do respetivo movimento existencial, por intermédio da sobreposição de dois estados possíveis e complementares, dos quais apenas um se materializa probabilisticamente quando ocorrer a sua observação (ou medição).

É daí que vem aquilo que dizemos existir e julgamos estar presente no exterior que observamos.

Deste modo, os entendidos afirmam que se poderá prever o comportamento de um eletrão, a partir do cálculo da evolução da sua função de onda ao longo do tempo, correspondente à respetiva probabilidade frequencial (definida pela frequência de ocorrências) dos seus estados naturais, que é uma probabilidade objetiva, neste caso igual a 50 %, porquanto essa partícula eletrónica só pode assumir um estado natural entre dois únicos (spin acima ou spin abaixo, isto é, revolução do corpúsculo para a direita ou para a esquerda).

Desta narrativa quântica surgiu o “paradoxo do gato de Schrödinger”, considerando um gato dentro de um compartimento hermeticamente encerrado e no qual há mais um frasco com cianeto e uma fonte de ínfimas partículas radioativas, cuja deteção de um certo limite prefixado do seu decaimento faz acionar um pilão que quebra o vidro do frasco e derrama o veneno, com efeito letal sobre o vivente ali exposto.

Os únicos estados prováveis da existência do gato, vivo ou morto, dependem da sobreposição probabilística na referida função de onda existencial das partículas, e, portanto, enquanto o compartimento estiver fechado à observação humana, o gato está simultaneamente vivo e morto (pela lei quântica).

Isto significa que a função de onda não exprime de maneira inequívoca a existência real que se passa no espaço fechado, enquanto essa realidade não for observada.

Com a observação humana, direta ou por meio de adequada medição instrumental, a função de onda colapsa, devido ao fim da sobreposição de estados expressos nas ondas da matéria última (pois acaba a sua definição pela probabilidade objetiva dos estados da partícula), e determina-se a certeza do gato estar vivo ou morto.

A busca de um pensamento quântico esclarecedor desta conjuntura paradoxal (facto imaginado para refutação científica pelo absurdo), mas essencial à compreensão da existência material na transfinitude da natureza e do universo, tem ocupado sucessivas gerações de eminentes cientistas, com diversas reflexões sobre as dúvidas suscitadas, a que não será alheia a célebre convicção de Einstein de que «Deus não joga aos dados» [3].

A “incerteza” não se desfez, e continuou-se sem saber o que é a realidade.



SINAL 5: CRENÇA PROBABILÍSTICA.

Hoje, todavia, parece que tão inquietante contradição lógica no âmbito quântico está a ser ultrapassada pelo chamado quebismo (ou QBisme em inglês), definido com base na probabilidade de Bayes, uma ideia vertida no século 18 pelo presbiteriano e matemático

Thomas Bayes (1701-1761) e disseminada em 1812 pelo astrónomo e matemático francês Pierre-Simon, marquês de Laplace (1749-1827), entre os intelectuais de todo o mundo.

Que modo evolutivo ocorreu para que eu tenha aí ancorado?

Na última década do século 20, fui conduzido pela vida livre a investigar a teoria de decisão, e constatei que esse conceito probabilístico de Bayes adquirira grande relevo em vários domínios da estatística aplicada, particularmente na psicologia cognitiva e na prática económica.

De facto, a probabilidade bayesiana mede o nível de crença do humano acerca das observações que efetua para decidir, e, por conseguinte, trata-se de uma probabilidade subjetiva, afinal um complemento útil às ciências exatas no exercício de muitas profissões (em medicina, engenharia, sociologia, etc) e até nas decisões do dia a dia de qualquer humano (tomar uma bebida fresca ou quente, comprar uma camisa com mangas curtas ou compridas, trocar de automóvel ou mudar de casa).

Na verdade, acontece no diagnóstico de uma doença por um médico, ao observar o doente e o conjunto de sintomas detetados, que induzem nesse especialista uma determinada convicção, em resultado da consequente probabilidade subjetiva quanto à enfermidade, a qual nada tem a ver com a probabilidade objetiva dada pela vulgar frequência com que a moléstia ocorre.

Também a realidade emergente da função de onda no limiar da materialidade advém da probabilidade subjetiva, a qual alicerça a convicção do observador acerca daquilo que realmente existe quando observa o mundo real.

Dentro da demonstração na teoria quântica, o quebismo da convicção estabelece sem equívocos que a função de onda, em vez de se caracterizar pela probabilidade objetiva, exprime a realidade através da probabilidade subjetiva.

Tal enunciado baseia-se na aplicação da probabilidade bayesiana à teoria quântica, tese defendida pelo físico canadiano Christopher Fuchs [4], sobretudo desde 2012, e que os

físicos de todo o mundo se encontram a discutir entre si.

Assim, a realidade corresponde aquilo que as capacidades biológicas do humano, quanto à detecção sensorial dessa realidade natural, conseguem fazer interpretar pela convicção emanada do processo racional desenrolado na mente [5].

Os valores atribuídos pelo observador da realidade exterior são processados conscientemente à custa da sobreveniência proveniente da memória no cérebro e da ciseniência oriunda do intelecto na alma [1], exprimindo então a convicção da realidade material existente ao seu alcance.



SINAL 6: CORRESPONDÊNCIA NEO-ILUMINISTA.

Compreendo agora, ou, se quiserem, compreende-se melhor a significativa perfeição da pedra cúbica na simbologia maçónica, visto corresponder à perfeita predição interpretativa que o quebismo faz daquilo que observamos na natureza, fora de nós próprios.

Quando o humano pratica o desbaste da pedra bruta, porque é um bom maçom, a fim de talhar a pedra cúbica de encaixe perfeito nas suas atividades sociais, está a interpretar o realismo natural com a perfeição da sua “convicção” – e esta é a realidade.

Tão complexa incursão pelo relacionamento da maçonaria com a realidade é balizada por cinco marcos essenciais, a que um maçom regular terá de atender no seu caminho, se quiser chegar a uma meta aceitável naquilo que pretende ver concretizado na sua vida do mundo real.

Quais são essas ideias chave?

Em síntese, manifesto o respetivo desenho nos moldes seguintes:

- ✘ pelo conhecimento (conjunto de saberes acumulados dos mais experientes), os maçons adquirem as ferramentas que permitem construir o futuro com a atividade exercida;
- ✘ pela inteligência (processo mental de inovação imagerial e imaginal), entendem as funções de onda manifestadas na realidade apercebida;
- ✘ pela energia (paixão resultante da fusão no processo de animação mental), usam os instrumentos internos que asseguram eficácia e eficiência nas ações aplicadas;
- ✘ pela razão (desfile mental do eu com origem cerebral), elaboram as suas obras percorrendo os caminhos da ética universal, como é a ética maçónica;
- ✘ pela sabedoria (estado dinâmico do ego com origem intelectual), agem na via maçónica da tradição filosófica que aproxima à perfeição.

Ainda me atrevo a acrescentar que deixei marcas noutras importantes pedras da linguagem, as quais devem permanecer em potencial no entendimento de quem se deixou seguir na corrente das palavras escritas.

Assim penso, porque contendo a mente no horizonte expansivo do século 21, não só no

cosmos, em geral, mas também na filosofia especulativa do mundo, em particular, dando a compreender como a função de onda da realidade significa a tradicional perfeição da pedra cúbica, polida pelo verdadeiro maçom.

E ainda assim julgo por manter os pés assentes no chão da sabedoria ancestral, sedimentada em todos os territórios abertos ao longo dos milénios, donde terão emergido os princípios da Maçonaria.

É claro, tudo se deve a raciocínios por analogia entre a ciência e a arte da vida, convicções emergentes da integração cienciarte que me formata, seguindo a tradicional “correspondência” ou bandus na linguagem védica em sânscrito.

Este é o modo de ser daquilo que existe à nossa volta, afinal a interpretação que escolhemos como realidade, ou seja, a aparência representativa das nossas crenças.



SINAL 7: APARÊNCIA DA NEORRENASCENÇA.

Em causa estão valores da civilização, dita tecnológica no corrente século 21, pelo que se torna necessário saber fazer.

Porém, acima de tudo, é indispensável saber evoluir, integrando os bons costumes na sinceridade, a fim de que a razão se valorize e seja exaltada pelo intelecto.

Trata-se dos fundamentos reais de saber conduzir permanentemente e com grande mestria a evolução normal desses bons costumes, sob a intencionalidade de encontrar um meio de consolidar a expansão da espiritualidade maçónica, sempre no momento histórico em que se vive, usando a sabedoria racional acumulada.

Tudo tem a sua origem (desde Aprendiz) e um fim (ser Mestre) depois da passagem intermédia da aquisição prática do conhecimento pela convivência (como Companheiro), portanto, a partir do enunciado dos princípios até à crítica dos resultados e passando pela construção das obras que corporizam a evolução.

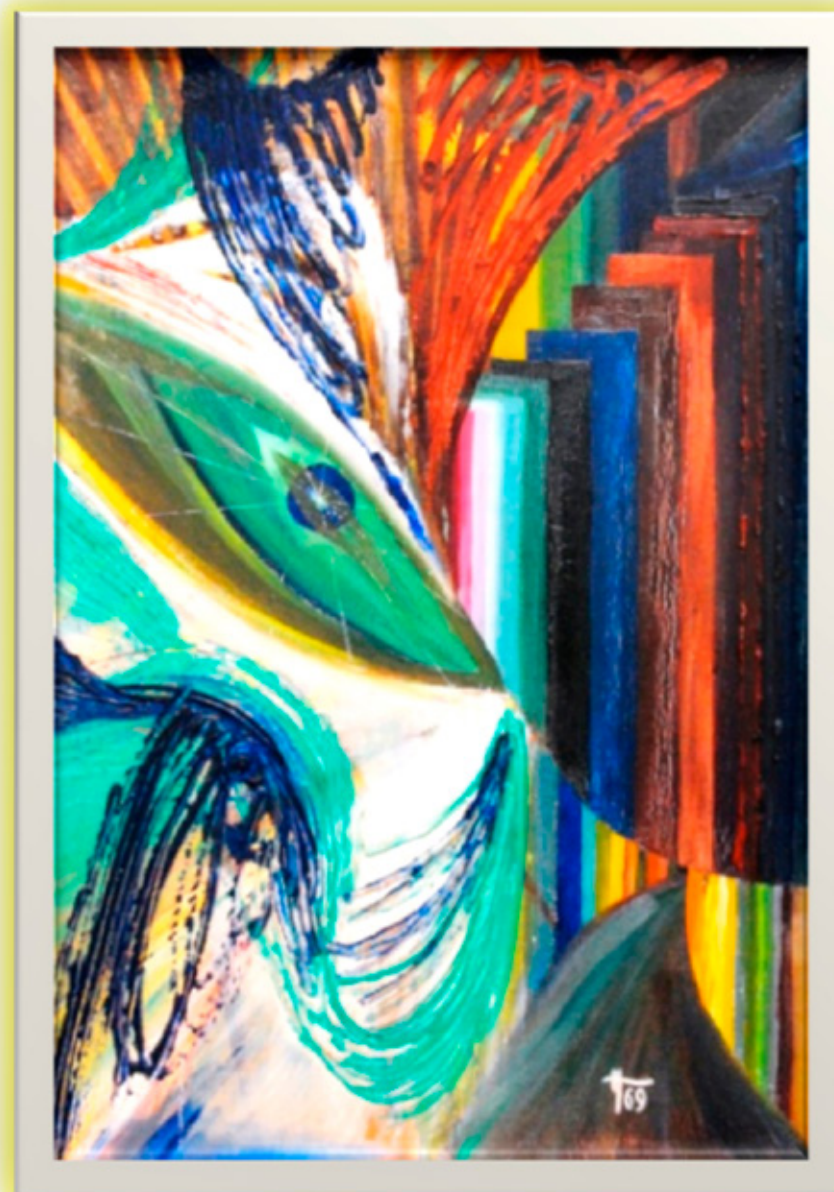
Vem daí o sonho que alimenta o projeto, e que perdura para além, misturado com a esperança: o advento da neorrenascença neo-iluminista.

Estou convencido da necessidade urgente de implementar na realidade do mundo um novo iluminismo, sapiente e virtuoso, que estabeleça as linhas mestras da futura arquitetura societal e instale as traves mestras de suporte das estruturas superiores.

Se todos os maçons regulares participarem em conjunto e harmonia, orientados pelo ideal correto da tradição depurada, certamente que construiremos um modo simples e eficaz de sedimentar a sabedoria para termos uma “sociedade mais perfeita”.

Eis o significado manifesto da realidade.

*Investigação científica, Heronda
(Hermínio Duarteramos),
óleo sobre tela, 50x70 cm, 1969, Luanda (Angola).*



REFERÊNCIAS

- [1] H. Duarteramos, «Campo holotérico», Ad Fratres, n.º 4, 2013, Supremo Conselho para Portugal do REAA, Lisboa.
- [2] B. R. Martin, G. Shaw, Particle physics, John Wiley & Sons, 1999, New York.
- [3] Johannes Wickert, Albert Einstein, Selbstzeugnissen und Bilddokumenten, Rowohlt, 1972, Hamburg.
- [4] Christopher Fuchs, Interview with a Quantum Bayesian, arXiv.org (internet), 2013.
- [5] Hermínio Duarteramos, «Tackling foundations of systemic complexity on reality and decision systems», 9 th Congress of the European Union for Systemics, Valencia, 15-18 outubro 2014.

POEMAS

POR GABRIEL MENDES

A LUZ QUE SE VÊ, E A QUE SE NÃO VÊ

Sinto a hora da mudança da luz
Como verdadeiramente mágica...
Sinto a suavidade do escoar da luz visível,
Diante dos meus olhos,
Mas, e talvez principalmente,
Sinto no corpo a nova realidade que,
Sorrrateiramente me cerca...
Sinto que as sombras me invadem os sentidos,
Mas é uma invasão consentida,
Quase desejada,
Certamente mágica...

A parte do dia com luz verdadeira vai embora,
É trocada por outra parte do dia,
Esta sem luz visível,
Mas tantas vezes luminosa,
E ainda bem que assim é...
É essa “luminosidade sem luz” que dá beleza à noite,
Essa outra parte do dia...

Noite das formas novas,
Porque diferentes.

Noite dos contrários!...
Dos amores mas também dos ódios,
Da paz e da ausência dela,
Da vida plena e intensa,
Mas também da solidão...

Da solidão que queremos,
E da que não queremos.
E que tantas vezes iludimos
Em monólogos com a alma...

Por isso a hora da mudança da luz é tão especial,
É tão mágica...
Por tudo o que as suas novas formas me trazem,
Mas acima de tudo por aquilo
Que traz de novo à minha mente...
A capacidade de dar asas ao pensamento,
E de o levar a vaguear sem outros limites
Que não sejam os da mais pura imaginação...

E o vaguear da imaginação,
Sem limites materiais,
É,
Estou certo disso,
O golpe de asa
Que transforma tudo
Em Pura Magia!...

A hora mágica da mudança de luz...

PAIXÃO

Lisboa, oh Lisboa!...
Lisboa do fado, do que se canta e ouve,
E do outro,
Lisboa das ruas,
Dos jardins, dos miradouros,
Lisboa das esplanadas e das pessoas,
E...Daqueles recantos mágicos
Onde do nada, se faz o encontro.
Do simples estar,
Se faz o viver grande e pleno,
Da simples partilha do tempo,
Do ar e da luz,
Se faz o ambiente onde apetece estar,
E...simplesmente viver.

Dizem-te das “sete colinas” para imitar Roma,
(que sempre o foi...)
Mas Tu não precisas de imitar Roma,
(a eterna),
Porque Tu tens em ti a tua própria a magia,
Que é a tua LUZ!...
A luz que para mim, e só para mim,
Simboliza a beleza e o encanto,
Quem sabe o mistério (ou a magia),
Que existe em cada mulher.
Tu encantas e levas sempre à “Paixão”
Quem quer que te visite,
Basta que seja capaz de amar de extremos,...

De verdade!...
Eu sou de certeza,
Pois embora não fosses a “minha cidade”,
Eu sinto-te, com o coração,
E é em ti que me perco e me encontro,
E continuo, ainda e sempre,
Apaixonado por ti,...
Numa paixão sem tempo!...

Tu tens, Lisboa,
Aquela maneira especial de coar a LUZ,
Quando, olhando de ti para o teu rio,
Te vejo ao anoitecer..
E sinto a tua beleza singela,
Ao mesmo tempo etérea e física,
Que eu nunca encontrei em qualquer outra cidade,
Das que conheço.

Apenas posso comparar o que sinto,
À beleza que vejo numa mulher,
Quando, por pura magia e encanto,
A paixão a sério, bate à porta!
Por isso em verdade te digo Lisboa,
Que para despertares tal paixão,
Tens que ser Mulher!
Só podes ser MULHER!...

Não sei se és a “*Maria Lisboa*” do fado,
Que se canta e se ouve,
Na alma das tuas pessoas,
Nos recantos onde o encontro acontece,
Se és a “...*Boémia estouvada*” da marcha,
Que corre pelas tuas ruas,
Como o sangue inflamado pela paixão,
Corre nas veias dos amantes...
Ou se és simplesmente as duas,
E tudo mais aquilo que a sensibilidade,
A capacidade de amar,
Do visitante “amador” for capaz de sentir,
De viver, em cada instante,
Em cada “quadro vivo” que partilhe,
Na sua relação contigo.

Mas eu continuo, ainda e sempre,
Apaixonado por ti, ...numa paixão sem tempo!...

E a paixão, que tem que ser a vida,
É feita de encontros e desencontros.
Quase morre quando o desencontro acontece
E me perco simplesmente,
É infinita quando nos encontramos e,
Apesar de dois, somos um.

(...encontros com Lisboa...)



POR FERNANDO GASPAR

POEMAS

POR MANUEL BARREIRO

I
Amanheço no horizonte das palavras
em lutas corpo a corpo;
vou pelo rasto dos instantes
perdidos no mar Tejo
sem âncora que os amarre;
persigo-os em cada acordar
entre momentos em aço inox
sequestrados na memória
e os instantes que precedem
as partidas e chegadas.
Embarco neles e perco-lhes o rasto.

II
Em luminosas noites, tresmalhados,
bebemos o vinho ácido da tribo
ao som de mornas, funánás e coladeiras
esquecidos das horas, adormecidos nas
coxias
com as contas debitadas com usura.

E na intenção de as não pagar
insistimos no consumo desbragado
bebendo whiskies velhos em vez de ginja
medronheira ou amêndoa amarga
para, no agastar deste final de festa
erguermos a taça de vinho fino
e brindar ao acaso da fortuna
neste carnaval estarmos vivos.

III
No entroncamento das palavras fáceis
ouço o troante silvo
das máquinas americanas;
e com a plataforma cheia
de fantasmas e sombras
a negra cortina da dúvida
ameaça a minha catarata.
O céu está limpo,
não há máquinas voadoras;
estão todas alinhadas
nas placas do esquecimento
sem mapas de voo nem querosene.
Da Boca do Inferno
enxergo os navios
já escondidos além do horizonte
sem retorno.
Desfaço o nó da gravata,
amasso entre os dedos
o bilhete de ida e volta
e vou andando aos tropeções
pelo descampado dos ancoradouros
desertos.



POR FERNANDO GASPAR

TEMPLÁRIOS: SUBVERSÃO DE UM MODELO DE CAVALARIA?

POR ANTÓNIO M. BALCÃO VICENTE

A partir de 1098, em resultado da Primeira Cruzada e da tomada de Jerusalém, surgem, no corredor sírio-palestiniano, os chamados estados latinos do Oriente: Edessa (1098 – 1144), Antioquia (1098 – 1268), o reino de Jerusalém (1099 – 1291) e, finalmente, o reino de Tripoli (1104 – 1288).

Os peregrinos podiam chegar agora aos portos de Acre ou de Jaffa, com a Terra Santa sob o controlo do poder cristão, para visitar os lugares sagrados relacionados com a vida terrena de Jesus: Belém, o rio Jordão, o Monte das Oliveiras, o Santo Sepulcro...

No entanto, os caminhos pedregosos que, da costa, conduziam a Jerusalém não apresentavam qualquer garantia de segurança, sujeitos ao vandalismo de grupos de salteadores, ou a pequenas incursões de cavaleiros fatimidas provenientes da cidade de Ascalon que, na costa de Gaza, continuava orgulhosamente sob domínio muçulmano.

É em resultado destas circunstâncias que, em 1118 ou 1119 segundo optarmos pela data preferida por Michel Picar ou pelo glossário Du Cange, Hugo de Payens, cavaleiro natural da Champagne ou da Borgonha, em conjunto com um grupo de oito cavaleiros, entre os quais alguns autores incluem um proveniente deste ocidental território português, toma a iniciativa de garantir a protecção desses peregrinos. Pretendiam eles, simultaneamente, assegurar aquele serviço de características militares e manter uma vida religiosa que os sujeitasse aos votos monásticos de obediência, castidade e pobreza, sob os preceitos de uma Regra, à semelhança do que, havia vários séculos, faziam os monges beneditinos, os cónegos regulares de Santo Agostinho e, mais recentemente, os cartuxos (1084 – S. Bruno) e os cistercienses (1098 – Robert de Molesmes).

Alguns cavaleiros, chamados por Deus e ordenados para o seu serviço, renunciaram ao mundo e consagraram-se a Cristo. Mediante votos solenes pronunciados perante o patriarca de Jerusalém, dedicaram-se a defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões, a proteger os caminhos e a servir de cavaleiros ao so-

berano rei. Observaram a pobreza, a castidade e a obediência, segundo a Regra dos Cônegos Regulares. Os seus chefes eram dois homens veneráveis, Hugues de Payns e Geoffroy de Saint-Omer. Inicialmente, só houve nove que tomaram uma decisão tão santa e, durante nove anos, serviram com vestes seculares e cobriram-se com aquilo que os fiéis lhes deram como esmola. O rei, os seus cavaleiros e o senhor patriarca encheram-se de compaixão por esses nobres homens que tudo haviam abandonado por Cristo e deram-lhes algumas propriedades e benefícios para proverem às suas necessidades e pelas almas dos doadores. E porque não tinham igreja ou casa que lhes pertencesse, o rei instalou-os no seu palácio, perto do Templo do Senhor. O abade e os cônegos regulares do Templo deram-lhes, para as necessidades do seu serviço, um terreno que não ficava distante do palácio e, por essa razão, foram mais tarde chamados Templários¹.

Rapidamente esta protecção aos peregrinos se mostrou fundamental para a segurança do Reino Latino de Jerusalém, acabando por transformar-se num apoio essencial aos estados latinos contra os seus vizinhos muçulmanos. Não surpreende, por isso, que a atitude de Hugo de Payens tenha sido encorajada por Balduíno II, rei de Jerusalém, que deu ao grupo um dos seus palácios situado na proximidade da mesquita al-Aqsa, então associada ao antigo Templo do rei Salomão, para nele estabelecerem a sua residência.

(Na realidade, a implantação do Templo de Salomão coincide com a da mesquita do Rochedo, correspondendo os únicos restos do Templo de Herodes, herdeiro do de Salomão, ao actual Muro das Lamentações, na base da célebre Esplanada das Mesquitas, sobre o qual se ergue a mesquita Al-Aqsa.)

No entanto, para este grupo de cavaleiros do início do século XII, as novas instalações correspondiam ao Templum Domini, passando o selo do Mestre Templário a reproduzir, frequentemente, a respectiva cúpula.

Mas o reconhecimento real e o acordo do patriarca de Jerusalém não bastavam para dar carta de natureza religiosa a estes guerreiros. Era ainda necessário o apoio do herdeiro de S. Pedro, ao qual se colocava uma questão primordial:

Até que ponto era legítimo conciliar o ofício das armas com o hábito de religioso? Verter sangue, matar e ser morto, ainda que pela própria fé, envergando um hábito de religioso?

¹ Jacques de Vitry, *Historia Orientalis*

Esta hipótese, até então considerada inadmissível, implicava a ideia de uma profunda reforma nas mentalidades e estava intimamente ligada à teoria da trifuncionalidade social, teoria formulada, no início do século XI, pelos bispos Adalberón de Laón e Geraldo de Cambray.

No topo da hierarquia, situavam-se os que rezavam, os oradores, cuja função consistia em servir de intermediário entre os homens e a divindade, oferecendo-lhe, qual Melquizedec, as suas primícias, e em apaziguar a ira dos poderes invisíveis por gestos, fórmulas e cantos². Eram seguidos pelos bellatores, os especialistas da guerra, garantes da manutenção da paz, expulsando pela espada as forças do mal. Os dois grupos constituíam a estrutura do poder que garantia a coesão social e a segurança dos que trabalhavam e produziam, os laboratores. Assim se completava uma divisão social que se pretendia hierárquica, mas solidária.

Ora o que Hugo de Payens propunha era a fusão dos dois primeiros grupos num só, sendo certo que a perspectiva da reforma gregoriana havia atribuído aos cavaleiros, profissionais da violência, um lugar no plano divino, de modo a poder garantir-lhes a possibilidade da salvação, apesar do exercício da sua função de violência e de guerra.

Assim, estes cavaleiros cruzados, durante nove anos refugiados nas criptas do Templo, como se de criaturas regressadas à caverna de Platão, depois de terem alcançado a luz exterior se tratasse, surgiam com uma dupla característica piedosa. Não apenas se sujeitavam às obrigações da Reforma Gregoriana, aceitando as limitações previstas na Trégua de Deus, como, ainda, canalizavam a violência para uma obra pia, unificadora e libertadora da cristandade. É esta conjugação de cruzada e de reforma que caracteriza a via de aperfeiçoamento proposta aos leigos envolvidos nas campanhas militares do Oriente. O cavaleiro, desta forma transformado num miles Christi, num cavaleiro de Cristo, é um religioso, mas não um monge, permanece leigo sem ser ordenado e por isso pode combater. É verdadeiramente, um cavaleiro destemido e amparado por todos os lados, pois a sua alma é protegida pela armadura da fé, tal como o seu corpo está protegido pela armadura de aço. Está, portanto, duplamente armado e não deve temer demónios nem homens³.

Trata-se de uma inovação radical quando comparada com uma certa tradição não violenta do cristianismo e opondo-se à teoria da trifuncionalidade social. Não surpreende, assim, que, numa fase inicial, tenha sido lim-

2 Georges Duby, *S. Bernardo e a arte cisterciense*, p. 23

3 S. Bernardo, «De Laude novae militiae», in *Obras completas de San Bernardo*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993, Vol. I, pp.496-543.

inarmente rejeitada por todos os pensadores da época, incluindo os cistercienses como S. Bernardo e Isaac de Estella, ou D. Guido, prior dos Cartuxos, que viam nesta evolução um conjunto de variadíssimos perigos.

Mais compreensível era a posição da igreja bizantina que se opunha terminantemente à ideia de cruzada, não só porque entendia a violência e a guerra como uma atribuição de cavaleiros, incompatível com a de gente dedicada à religião, mas também porque a sua experiência lhe demonstrara já como, sob o pretexto de ser protegida, acabava por ser a mais prejudicada pelo fervor de quem não distinguia credos entre a amálgama de cultos que a tolerância ensinara a conviver pacificamente.

Importa, no entanto, fazer uma precisão. Embora nascida no Oriente, a nova ideia tinha as suas origens no Ocidente, não lhe devendo mesmo ser estranha a noção de yihad, a guerra santa muçulmana, mas numa incorporação com origem ocidental.

Há mesmo quem veja mais do que uma coincidência na contemporaneidade do surgimento do movimento templário, no Oriente cristão, e do movimento almóada, no Ocidente muçulmano. Eu prefiro mencionar as relações entre o modelo de cavalaria proposto por S. Bernardo e a ideia de cavalaria espiritual do movimento sufi. Mas esse é tema para outro artigo.

Curiosamente, é S. Bernardo, inicialmente opositor da nova ideia, quem vai transformar-se no seu mais eloquente e fervoroso defensor. É ele que anuncia que «uma nova espécie de cavalaria viu a luz, nesta região que, há tempo, o ‘sol nascente’ encarnado, visitou desde o alto»⁴.

Em Janeiro de 1129, o concílio reunido em Troyes, sob o comando do papa Honório II, com a assistência de S. Bernardo, de vários abades cistercienses e de Hugo de Payens, reconhece a nova Ordem, oficialmente designada por Pobres Cavaleiros de Cristo do Templo de Jerusalém, confirmando-lhes a sua Regra. Para este sucesso contribuiu fortemente a acção do obreiro da grandeza de Cister, transformado em advogado destes Cavaleiros de Cristo, com o seu texto *Laude novae militiae* ou Elogio da nova cavalaria, escrito antes da realização do concílio.

4

S. Bernardo, «*Laude novae militiae*», in *Obras completas de San Bernardo*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993, Vol. I, pp.496-543.

Dez anos mais tarde, completava-se o processo de legitimação da nova Ordem através da bula *Omne datum optimum*, do papa Inocêncio II, que colocava os cavaleiros na dependência directa do papa, libertando-os da dependência episcopal e lhes concedia um variado leque de privilégios.

(Em jeito de nota de rodapé, lembremos que não são os templários a primeira Ordem a ser criada no Oriente. De facto, já antes da Primeira Cruzada e da conquista de Jerusalém, tinha nascido outra ordem, junto do Santo Sepulcro, nas instalações de um hospital para alojar e cuidar dos peregrinos, mas sem funções militares. Em 1113, converteu-se na casa mãe da Ordem que só se militarizaria depois da fundação dos templários. O futuro mostraria como o destino dos cavaleiros de S. João de Jerusalém andaria associado ao dos Cavaleiros de Cristo.)

Centremo-nos um pouco mais na influência que S. Bernardo teve na génese da Ordem do Templo, enquanto modelador de um projecto que dava corpo a um vasto leque de ânsias reformadoras que vinham ganhando consistência desde o início do século XI. E a primeira constatação é a de que, dentro do esquema trifuncional da sociedade, o lugar de destaque era atribuído aos belatores. Eram eles quem garantia a coercividade necessária à manutenção de um modelo social assente no senhorio, entendido, na perspectiva de Georges Duby, como uma grande família governada pelo senhor, os seus filhos, irmãos e sobrinhos, que detinham todos os meios de produção, a terra, as florestas, o gado e os homens.

Este modelo assente na ociosidade dos senhores, ociosidade que incorporava a própria manifestação do poder, era sustentada ideologicamente pelos oradores através da formalização de uma imagem assente na missão atribuída pelos desígnios de Deus a cada homem, mas era nos belatores que encontrava o seu esteio.

Por isso, os rendimentos do senhorio eram preferencialmente canalizados para aperfeiçoar tudo o que dissesse respeito à vida militar, quer se tratasse das fortalezas, das armaduras, espadas e lanças, quer mesmo, do apuramento das raças de cavalos dedicados à função da guerra.

A cavalaria parecia, de facto, ter atingido o auge, a sua idade de ouro, pelo prestígio que exhibia, pelo temor que inspirava, pelo poder que demonstrava, mesmo quando à falta de confrontos de guerra, buscava o seu exercício em torneios que, na opinião de S. Bernardo, mais não eram que festas de ostentação, onde se



POR FERNANDO GASPAR

gastavam grandes quantias para beber, comer, enfeitar-se e fornicar⁵. É certo que a igreja, desde o início do século XI, passara a condenar, veementemente, estas condutas, por inconciliáveis com o espírito evangélico. Basta lembrarmos o Juramento de Paz dos Cavaleiros do Beauvais, de 1024 para compreendermos o que realmente estava em causa:

Não tomarei o boi, a vaca, o porco, o carneiro, o cordeiro, a cabra, o burro, o molho de lenha que carrega, a égua e o seu potro ainda não amestrado. Não me apoderarei do camponês ou da camponesa, dos criados e dos mercadores, não lhes tomarei o seu dinheiro; não os obrigarei ao resgate; não os arruinarei exigindo os seus bens com o pretexto de estar em guerra com o seu senhor e não os açoitarei para lhes roubar a subsistência⁶.

Mas, quando a Igreja se ia já convencendo do seu êxito em domar os excessos dos membros da cavalaria, surge uma nova subversão do modelo, com a eclosão de inúmeros poemas que convencionámos apelidar de amor cortês.

Talvez uma das suas primeiras consequências resida no irromper do desejo de conquista do inalcançável, quando o amor imaterial da dama inatingível se tornava o principal objectivo de todo o cavaleiro bem-nascido, mas desprovido de bens materiais, em resultado do modelo que atribuía ao primogénito a garantia da perpetuação da linhagem e a transmissão dos seus bens fundiários.

O século XII abria os seus horizontes a uma Europa cada vez mais rica, já refeita dos medos milenaristas que a haviam perturbado cem anos antes, mas incapaz, ainda, de digerir os primeiros efeitos produzidos pelo regresso da maioria dos que haviam participado nas carnificinas da segunda cruzada. Nenhum cavaleiro voltava, impunemente, com as ilusões com que partira. A inocência, se alguma vez existira, desvanecera-se-lhe, definitivamente, do olhar. A igreja que julgara ter exportado a violência e a agressividade da Europa para o Oriente, canalizando-a para a luta contra o usurpador dos lugares santos, acabava, afinal, por receber os despojos de uma luta que, de longe, não podia compreender.

Quem regressava tinha visto riquezas que nunca ousara imaginar, conseguira despojos incontáveis que apre-

5 Geoges Duby, S. Bernardo, p. 24.

6 Ibid., Nota I.

ndera a dissipar e, na sofreguidão da vitória, embriagara-se com a violência mais extrema, sob o pretexto da matança de infiéis.

O regresso sabia um pouco a fim de festa, especialmente porque esta decorrera faustosa, onde todos os luxos, vícios e excessos haviam sido permitidos. No final, restava a consciência de haver perdido o rumo e dois caminhos apenas se apresentavam viáveis: entregar oferendas para que a glória de Deus se manifestasse em construções majestosas ou renunciar ao «século» oferecendo-se ao serviço de Deus.

É este mundo que S. Bernardo encontra e rejeita ao ingressar na Ordem fundada por Robert de Molesmes.

Por essa altura, não devia existir cavaleiro em toda a cristandade que não tivesse partido ou desejado partir em cruzada à Terra Santa. Fosse por desejo de simples aventura e oportunidade de alcançar riqueza, fosse com o objectivo de se afastar do mundo pela descoberta dos lugares onde Cristo vivera, e a sua recordação incitava a uma aprendizagem evangélica como se de uma *Imitatio* se tratasse, ou fosse ainda, por uma questão de lealdade para com um senhor de quem dependia e a quem jurara acompanhar.

É a este mundo que S. Bernardo tem consciência de responder quando, após o terceiro pedido de Hugo de Payens, resolveu redigir o texto que consagraria a defesa da maior alteração teológica ocorrida durante o século XII, o Elogio da Nova Milícia, *Laude novae militiae*

Mas a recepção favorável que obteve em Troyes não se deve apenas à sua celebrada eloquência. Dificilmente a sua palavra teria frutificado se o terreno que a absorveu não estivesse preparado para receber a sementeira. Quer no Ocidente, quer no Oriente, a ânsia de «conversão» por parte de uma cavalaria em busca de ideais, potenciava a concepção de um novo cavaleiro, que aceitasse os princípios de uma regra monástica como meio de salvação e mantivesse as suas características guerreiras, agora sujeitas às regras evangélicas e não determinadas por ímpetos sanguíneos.

Mas para que tal se tornasse concretizável, S. Bernardo apenas encontrava um caminho. Os novos cavaleiros, a milícia de Cristo, deveriam, à semelhança dos monges da clausura, sujeitar a sua altaneira afirmação individual à disciplina do grupo, numa total e humilde renúncia à individualidade, fundindo-se no grupo como se cada elemento mais não fosse que uma simples pedra, devidamente aparelhada, na construção colectiva. Tal

não impedia, no entanto, que a busca da perfeição deixasse de ser uma tarefa individual, ainda que com o apoio de todos os outros membros da comunidade.

Não deixa de ser estranho como, pouco depois, Chrétien de Troyes, ressuscita pela compilação escrita das lendas do ciclo arturiano, transmitidas oralmente, o mito do cavaleiro ideal, transfigurado no Galaaz de uma Távola Redonda que apenas se mantém operante enquanto nela não entra qualquer dissensão.

O novo modelo para a nova cavalaria não poderia deixar de ser o que S. Bernardo considera o mais perfeito dentro da cristandade, o da Regra de S. Bento reformada pelos cistercienses. Tal como eles, a Ordem do Templo passará, como dizia Duby, a constituir uma comunidade de homens (...) de irmãos gerindo em conjunto uma comunidade, discutindo entre si a forma de a administrar, sob a autoridade do mais antigo, que se aconselha, mas decide só, e, responsável pela concórdia no seio da família, julga, reprime e castiga quando necessário⁷

A influência mútua das duas instituições passa a ser tão forte que difícil é afirmar se S. Bernardo faz entrar a Cavalaria em Cister ou Cister na Cavalaria.

S. Bernardo nunca aceitou homens que, tal como ele, não tivessem bom sangue, não fossem cavaleiros, não tivessem ascendência nobre, com excepção de monges provenientes de outras ordens. Também o Templo apenas aceitava entre os seus quem desse garantias de ter direito a ser cavaleiro.

No sermão XXVI sobre o Cântico dos Cânticos não podia ser mais eloquente: Aqui estamos, tal como os guerreiros sob a tenda de campanha, tratando de conquistar o céu por meio da violência. A existência humana sobre a terra é idêntica à do soldado, e, embora prossigamos este combate afundados nos nossos corpos actuais, não deixaremos de estar em peregrinação para o Senhor, isto é, para a Luz⁸.

Esta aristocracia de homens não dispensava, porém, um vasto conjunto de auxiliares para que toda a máquina monástica ou de guerra pudesse funcionar. Quer no claustro, erguido à medida dos ensinamentos da Geometria Sagrada, quer na Comenda, enclausurada na fortaleza protegida por um escorregadio alambor, todos eram apoiados por um vasto grupo de laboradores, transformando este universo numa réplica do modelo trifuncional do mundo exterior. Conversos em Cister, e sargentos e soldados de infantaria, no Templo, repro-

7 Duby, S. Bernardo, p. 93.

8 *Sed et militamus in eis, tanquam in tabernaculis, prorsus violenti ad regnum. Denique militia est vita hominis super terram, et quamdiu militamus in hoc corpore, peregrinamur a Domino, id est a luce.*

duziam um modelo onde não faltavam os freires presbíteros, impedidos de combater, para apenas prestarem assistência religiosa aos seus irmãos.

Monges brancos, cavaleiros do Templo e «Perfeitos» cátaros, todos assumem a essência da busca da perfeição numa demanda como a que Perceval enceta em busca do Graal, que culminará no final da Terceira Idade do mundo, dando origem a uma nova Era de Ouro.

Trata-se da preparação para a espera escatológica de que Joachin de Fiore se fará arauto. E quem melhor se posiciona para esse momento de glória são os cistercienses e os cavaleiros do Templo, quando os cátaros sucumbem, numa imagem premonitória, aos golpes de Simon de Monfort.

Entretanto, os fracassos militares nos reinos militares do Oriente iam acompanhando a progressão do seu enriquecimento material. Dir-se-ia que à medida que os valores iniciais se iam perdendo, perversamente, o destino ia compensando a Ordem com maior prestígio e poder. À semelhança do que sucedia com Cister, Claraval e com todos os outros mosteiros que a força avassaladora de S. Bernardo fizera erguer nas inúmeras clareiras abertas no deserto das florestas da Europa.

Da simplicidade clara do claustro, da luz branca que atravessa as janelas nuas da nave da igreja, pouco restava já nas abadias cistercienses. À medida que os celeiros se iam enchendo com produção de novas arroteias, acentuava-se a exploração dos colonos seus dependentes, o orgulho dos que se reviam nas riquezas que o século XIII anunciava em profusão. Era o modelo trifuncional que começava a ser posto em causa e com ele a própria sobrevivência das instituições que o corporizaram. O Templo sucumbiu da forma trágica por todos conhecida. Cister foi perdendo influência para as ordens mendicantes que acabaram por ocupar o seu espaço, usurpando-lhe seguidores e doações.

Os tempos eram efectivamente de mudança, mas só as lendas registaram as formas de adaptação que os homens do Templo utilizaram para lhes sobreviver.

Até hoje...

Non nobis, Domine, non nobis sed nomini tuo da gloriam



POR FERNANDO GASPAR

ALGUNS ASPECTOS DA ALQUIMIA OCIDENTAL

POR JOÃO A. DE OLIVEIRA E SILVA

*“Então a Trindade está na Unidade
Pois onde está o Espírito a Alma e o Corpo
Está também,
O Enxofre o Mercúrio e o Sal”*

Bernard Le Trévisan

*“Então o Templo terá sido consagrado,
As suas pedras mortas tornar-se-ão vivas,
O Metal impuro será transmutado em ouro
E o Homem recuperará o seu primitivo estado”*

Robert Fludd

1 - INTRODUÇÃO

Como nota introdutória e em primeiro lugar, gostaríamos de esclarecer que o presente artigo é resultado da síntese de um trabalho bastante mais vasto escrito pelo autor, para apresentação do tema em causa a uma sociedade esotérica.

Os faraós do Egipto foram os primeiros a efectuar a exploração de ouro há cerca de 5000 anos. O ouro terá sido extraído pela primeira vez das entranhas da terra, nas minas que os faraós exploravam nas terras da Núbia, presumivelmente em meados do quarto milénio. Embora o ouro egípcio fosse também explorado na região de Copto, as minas da Núbia cujas ricas jazidas tinham fornecido na Antiguidade grandes quantidades de ouro, tinham o inconveniente de estarem situadas numa região onde era escassa a água. Mesmo assim, a verdade é que o ouro abundava no Antigo Egipto, sendo considerado desde essa

altura o metal directamente ligado ao deus Rá, o Sol. Relativamente à prata que aí também abundava as suas características físicas assemelhavam-se às da Lua, pelo que deste modo, tanto o ouro como a prata podiam incorporar as características que se atribuíam aos dois corpos celestes.

Talvez não seja surpreendente que nesta terra de deuses e ouro a ancestral Obra Alquímica, na busca da riqueza e da Sabedoria Divina, estivesse destinada a tornar-se a obra secreta e estranha que procurava transformar metais menores em ouro, e pretendia aperfeiçoar a alma humana. Há cerca de 2000 anos um grupo secreto denominado “Alquimistas” enveredou por uma busca misteriosa e com riscos, onde em precários laboratórios usavam métodos perigosos e primitivos, nos quais arriscavam a vida para tentar fabricar ouro, procurando ao mesmo tempo a Sabedoria Divina e o segredo da imortalidade ou do *elixir da longa vida*.

A busca do Alquimista era a busca da perfeição. Na história obscura da Alquimia abundam vários mistérios, as catedrais da Europa apresentam na pedra ou nas pinturas dos vitrais os seus símbolos místicos. O grande objectivo de um Alquimista do Renascimento era principalmente criar vida humana num tubo de ensaio. A ciência do século XX pode ter conseguido provar as antigas afirmações dos Alquimistas. Os físicos modernos conseguiram transmutar metal básico em ouro, levantando-se então a questão de saber se os Mestres alquímicos possuíam na realidade uma sabedoria secreta e procuravam essa sabedoria alquímica na procura de ouro ou na procura de Deus.

2 – AS ORIGENS DA ALQUIMIA

A *Ars Regia* ou Arte Real é a forma empregue em numerosos tratados referindo-se à Alquimia, nome que não poderá deixar de ser o mais indicado se tivermos em conta que, ao cumprir-se o autêntico propósito do trabalho alquímico, isto é, a transformação da alma do Alquimista, o indivíduo transformar-se-ia num verdadeiro *rei de si mesmo*.

A Alquimia é uma das muitas ciências que compõem o Esoterismo, universo muito variado formado, por exemplo, pela Gnose, Astrologia, Cabala, Sufismo, Teosofia, Rosacruzianismo, Magia Natural, etc.

A origem da Alquimia perde-se no tempo, o verdadeiro início é de certo modo desconhecido e envolto



POR FERNANDO GASPARE

em obscuridade e mistério, porém, a maior parte dos estudiosos defende que as origens se localizam efectivamente no Antigo Egito; e sempre que se fala em Egito e Alquimia um nome salta de imediato à memória: Hermes Trimegisto.

Foram alguns colonos gregos do Antigo Egito que identificaram Hermes, o deus alado mensageiro dos deuses e deus da medicina. Hermes Trimegisto¹ foi um filósofo egípcio que se supõe ter vivido 2000 a.C. Foi identificado pelos eruditos com o nome do antigo deus solar *Toth* o “três vezes Altíssimo”, ao qual os gregos chamavam o deus *Hermes*. Trimegisto significava três vezes mago ou magno, visto que sendo um agente da Sabedoria Eterna os seus conhecimentos abarcavam os três mundos: Físico, Astral e Mental. A sua filosofia é conhecida por Hermetismo² e os seus ensinamentos fizeram-se sentir na Literatura, Ciência, Religião, Magia e Alquimia.

Deriva do nome de Hermes não só a filosofia esotérica, como a exegese ou aplicação da referida sabedoria.

Os 42 livros atribuídos a Hermes foram destruídos no célebre incêndio da biblioteca de Alexandria, mas os seus sete princípios, o mentalismo, a correspondência, a vibração, a polaridade, o ritmo, a causa e efeito e a geração, os quais estão contidos na sua *Tábua Esmeralda*³ (*tabula smaragdina*).

A Tábua Esmeralda afirma, entre outras coisas relevantes, “*Todas as coisas procedem de uma só essência, a mais secreta de todas as coisas secretas, por disposição de um ser único*” e ainda “*Aquilo que está em baixo é como aquilo que está em cima, e aquilo que está em cima é como aquilo que está em baixo, para realizar as maravilhas de uma coisa*”.

Por outro lado a tradição grega era muito rica como fonte de Alquimia. Os primeiros filósofos gregos

1 Associava-se também a representação mística de Hermes Trimegisto a um faraó lendário que teria ensinado conhecimentos reunidos em mais de 30.000 livros sobre as coisas naturais e sobrenaturais.

2 Hermetismo é o estudo e prática da filosofia oculta e da magia associados a escritos e ensinamentos atribuídos a Hermes Trimegisto.

3 A Tábua Esmeralda é um dos textos fundamentais da Alquimia; o exemplar mais antigo encontra-se no papiro dito de Leyde, que data do século I ou II d.C., e que foi descoberto num túmulo de Tebas, no Egito. A Tábua Esmeralda é o texto que deu origem à Alquimia Islâmica e Ocidental. Acredita-se que o nome deriva do facto de quando o texto apareceu encontrar-se gravado em duas colunas de mármore verde ou numa placa de esmeralda. A Esmeralda era considerada nesta época a pedra preciosa mais bela e com uma maior simbologia. A Tábua Esmeralda é um denso e enigmático texto hermético que contém o segredo da matéria-prima e da sua transmutação, representando para os Alquimistas europeus a fundação da sua tradição hermética.

defendiam a existência dos quatro elementos, Ar, Fogo, Água e Terra⁴ que afirmavam estarem presentes em todo o universo.

Conheciam também o quinto elemento, a *quinta-essência*⁵, representando o *anima*, o espírito latente da matéria, defendendo mesmo alguns que o Cosmos tendia do caos para a perfeição, conceitos estes fundamentais e ligados à Grande Obra.

A Alquimia age sobre os corpos que constituem o Cosmos, é um catalisador da grande reacção química do Universo, e submetendo-se às Leis da Natureza usa-as para fazer a Natureza submeter-se pela reintegração às Leis da Natureza.

Em Alquimia afirma-se que os metais vão-se formando no interior da terra, graças à acção que os planetas exercem sobre esta. Os referidos planetas neste caso são sete, se bem que entre estes e em primeiro lugar se incluía uma estrela, o Sol; os seguintes seis planetas são a Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno.

Partindo do princípio que o Sol simboliza o ouro, isto é, o princípio activo, e a Lua a prata, o princípio passivo, os restantes planetas terão a seguinte correspondência: Mercúrio corresponde ao mercúrio, Vénus ao cobre, Marte ao ferro, Júpiter ao estanho e Saturno ao chumbo.

Na actualidade têm surgido alguns factos e estudos que apontam para o desenvolvimento da Alquimia no Oriente, mais especificamente na China.

4 A doutrina dos quatro elementos remonta a Empédocles que os designa pelas “quatro raízes de todas as coisas”. O Ar representa o meio onde todas as acções e realizações humanas têm o seu início, ou seja, o mundo das ideias. O Fogo representa o desejo, a vontade, a mudança, a purificação, a transformação, a energia de activação que em termos estritamente espirituais, pode ser representado pelo poder da fé. A Água está relacionada com as emoções do inconsciente, ou seja, as emoções que alimentam os nossos sonhos e ideais de vida. A Terra representa o lado visível da vida ou a manifestação concreta de todas as sementes que germinam no mundo das ideias. Com Aristóteles esta “*prima materia*” foi associada às quatro qualidades: seco, frio, humidade e calor, formando assim os quatro elementos.

5 O quinto elemento é a energia pura emanada do centro criador e presente em todos os compostos. Os cientistas consideram-no a causa ou origem dos outros quatro elementos; por isso o quinto elemento está no centro da cruz dos quatro elementos; é uma substância diferente, um tipo especial de matéria que preenche o Cosmos, por vezes denominada por *Éter*. O termo quinta-essência foi primeiramente utilizado por Aristóteles que considerava que o universo era composto pelos principais quatro elementos. Mas para além destes, dizia, deveria haver uma substância etérea que interpenetrava em todos os compostos, impedindo assim os corpos celestes de caírem na terra. Anos mais tarde o grande físico Isaac Newton, que também foi Alquimista, deixou transparecer a sua crença numa força imaterial presente nos corpos materiais e nas formas de energia. Admitia que matéria e luz se comunicavam por algo desconhecido pela ciência da altura. De Aristóteles até aos cientistas modernos muito já se reflectiu sobre a força oculta presente em todas as coisas. A ciência hoje já tem quase confirmado a realidade da existência de um quinto elemento através da Física Quântica.

Sabe-se que a Alquimia Oriental chinesa divergia da Ocidental, nomeadamente na questão dos cinco elementos que considerava, Terra, Fogo, Água, Madeira e Metal.

Por haver escassa documentação expressamente sobre Alquimia, muitos estudos embora tecnicamente notáveis são desprovidos da componente filosófica, indispensável para classificá-los como ciência Alquímic.

3 – AS FASES DA GRANDE OBRA – O PROCESSO ALQUIMICO

Segundo o Alquimista português Rubellus Petrinus, e da leitura das obras dos maiores Mestres, há fundamentalmente quatro Vias Alquímicas: a Húmida, a Seca, a Mista ou das Amálgamas e a Breve, sendo as duas primeiras geralmente as mais utilizadas.

A Alquimia age sobre os reinos que constituem a Natureza. Cumpre a evolução microcósmica no Athanor contribuindo assim para a reintegração macrocósmica.

Grande parte das operações do processo alquímic era deste modo levada a efeito num forno especial chamado *Athanor*⁶

A Via Húmida, a mais nobre, é processada por meios húmidos, líquidos ou salinos, que normalmente compõem o dissolvente da matéria, também conhecido por fogo secreto, havendo operações que chegam a demorar meses a realizar, enquanto outras demoram menos de um mês. O orvalho⁷ particularmente importante é utilizado para humedecer ou banhar a matéria-prima.

6 Um dos elementos relevantes na obra alquímic, o Athanor, é o forno onde se tem de preparar o elixir. O Athanor, termo que deriva do vocábulo árabe *at-tannūr*, é um forno especial com uma pequena torre que contem no interior um recipiente de vidro devidamente protegido por uma camada de areia. Era sobretudo usado em operações que requeriam lentidão, porque uma vez cheio de carvão mantinha-se a arder por muito tempo, e por isso os gregos chamavam-no de “ausente de problemas”. Nele se põe o ovo filosófico (recipiente) para que a matéria seja cozida. Geralmente era este o tipo de forno utilizado pelos metalúrgicos e pelos químicos para os diferentes trabalhos de aquecimento e de cocção (acto ou efeito de cozer) dos materiais. Os alquimistas não o modificaram de maneira apreciável, mas dotaram-no de um significado importante, porque este Athanor é nem mais nem menos que a representação do corpo do homem, na medida em que é o receptáculo do “ovo”, em cujo interior ocorrerá a cocção, ou seja, a transformação dos materiais. O recipiente de vidro de que falamos atrás é o elemento que recebe a força do fogo que vai aquecer o recipiente oval produzindo a cocção. O calor produzido por este fogo é de três tipos: o primeiro, o calor directo da chama, o segundo, o calor concentrado na camada de areia que envolve o recipiente de vidro, o terceiro, o calor produzido no interior deste recipiente ocasionado pela reacção dos materiais que ali se encontram. O calor na camada de areia deve ser suave, envolvente e penetrante, significando o recolhimento da “alma” mantido pelo fogo. O fogo que arde então no Athanor e aquece o recipiente de vidro, é um fogo interior nascido do “espírito”, um fogo transformador que deve manter-se em permanência sem nunca cessar.

7 Abençoada seja a terra pelo Senhor, pelas preciosas coisas do céu, pelo orvalho... (Deuterónimo 33.13)

A Via Seca, de um modo geral é executada exclusivamente no forno, e em cadinhos de barro refractário com temperaturas de cerca de 1.000° centígrados, sendo uma via difícil e muito trabalhosa, que mesmo quem possui algumas luzes e conhecimentos desta Via, nunca deverá conseguir executar sem a ajuda de um Mestre.

Quanto à *Alquimia Operativa*, esta age no Reino Mineral, no Reino Vegetal e no Reino Animal, enquanto a *Alquimia Vegetal* age no Reino Mineral, procurando a transmutação dos metais impuros ou comuns num metal nobre, o Ouro. A nível mineral existem três vias de acesso à Grande Obra, sendo cada uma das vias Húmida, Seca e Breve caracterizadas pela velocidade ou factor de catalisação do processo cósmico com que se finaliza a Obra.

A *Alquimia Vegetal* age no Reino Vegetal extraindo essências e tinturas principalmente de plantas. O processo, chamado *Espagíria*⁸, consiste em separar os três Princípios Alquímicos⁹ Mercúrio, Sal¹⁰ e Enxofre, purificá-los cada um per si e reuni-los numa nova matéria, a *Pedra Vegetal*. Na Espagíria, o Enxofre (energia vital) está contido no óleo essencial, o Mercúrio é fixado pelo álcool e o Sal está presente nas cinzas da calcinação.

A *Alquimia Animal* age no Reino Animal e opera através do sangue. Pretende-se fazer a *iniciação da Alma* através do sangue e a sua origem perde-se nos tempos, havendo poucos tratados que a descrevam. Aqueles que a praticavam esconderam-se dos olhares profanos e nada revelaram que nos permitisse a sua compreensão. Desta não compreensão nasceram práticas de bruxaria e magia negra que envolvem o sangue de animais.

O Reino Humano, o quarto reino da Natureza pode servir também como matéria-prima da Alquimia, por duas vias distintas. A *Alquimia Espiritual*, defendida como a única verdadeira, trata da transmutação do indivíduo, do caminho da iniciação, da extração e obtenção da Pedra Cúbica da Pedra Bruta. Pode fazer-se Alquimia Espiritual ignorando-se a Alquimia Operativa, isto é, todas as vias de que falamos anteriormente.

8 Espagíria na terminologia grega significa, separar, dividir, coligar ou unir; é a aplicação da Alquimia na preparação de tinturas vegetais e metálicas, assim como de compostos minerais, de espíritos e mênstruos.

9 Não designam os corpos químicos com o mesmo nome mas *qualidades da Matéria*.

10 Princípio Alquímico neutro mediador entre o Mercúrio e o Enxofre, por vezes também denominado arsénico.

Uma outra via usa as secreções do corpo e outros fluidos como matéria-prima, a *Alquimia do Sangue*, praticada ao longo da História. O seu objectivo era proceder à *Iniciação da Alma* actuando sobre o véiculo físico e fixador, o sangue. Da sua manipulação degeneraram práticas e rituais satânicos com sangue humano, assassinios ritualísticos, vampirismo, resumindo, todas as práticas de uma subversão aos princípios naturais que era objecto da Alquimia do Sangue.

Analizando agora em termos gerais as fases ou operações da Grande Obra (Opus Magnum) estas repartem-se por três estádios ou etapas: *Nigredo* ou “obra ao negro”, primeira fase da Obra Alquímica simbolicamente equivalente à morte da Matéria, *Albedo* ou “obra ao branco”, segunda fase da Obra Alquímica simbolicamente equivalente à purificação da Matéria e *Rubedo* ou “obra ao vermelho”, terceira e última fase da Obra Alquímica simbolicamente equivalente à exaltação da Matéria.

Alguns defendem ainda uma fase intermédia do Albedo para o Rubedo chamada *Citredo* ou “obra ao amarelo”. No entanto, os três primeiros estádios são os mais referenciados.

O Nigredo ou obra ao negro decorre sob o signo de Saturno, dando-se a morte e dissolução do mercúrio¹¹ e a coagulação do enxofre¹². Contava seis operações sucessivas, começava na *calcinação* das matérias metálicas para passarem a ser uma matéria informe, seguindo-se a *dissolução* para repor em solução as substâncias secas (salsatura ou marinada). A terceira operação era a *coagulação* para separação dos resíduos metálicos, seguindo-se uma *redestilação*, e operando-se nesse momento uma *sublimação*.

O composto Masculino-Sol-Prata fornece três partes da sua “água” e o seu complemento Feminino-Lua-Prata nove partes; depois tapa-se o recipiente e aquece-se em lume brando durante longos meses. Sucede-se a *putrefação* ficando então uma matéria espessa e escura a que sucederão as cores brilhantes como o arco-íris, pelo que esta fase é denominada *cauda pavonis* (cauda do pavão)¹³.

Seguidamente na sexta operação, *congelção*, as cores desaparecem e a matéria transforma-se ficando seca e branca, marcando o fim do primeiro estádio.

11 Não deve ser confundido com o mercúrio comum, é um princípio Alquímico volátil, passivo, feminino, frio, oposto ao enxofre e mediador entre o enxofre e o sal. Pode designar quase todos os tipos de matéria presentes na Obra.

12 Princípio Alquímico fixo, activo, masculino, quente, oposto ao Mercúrio; contido na matéria-prima e composto dos elementos Fogo e Ar. É a energia da vida.

13 Na Alquimia o pavão simboliza a noite da putrefacção.

As operações sete a doze da obra ao branco decorrem sob o signo da lua e da obra ao vermelho sob o signo do sol; retomam então as precedentes operações, excepto a calcinação, e têm por objectivo a transformação da pedra branca em pedra vermelha, terminando pela projecção ou conjunção final, a adição da pedra vermelha ao mercúrio aquecido que a transmutará finalmente em ouro.

Para o iniciado ou adepto os três estádios correspondem respectivamente à *morte espiritual*, à *purificação* e à *iluminação*.

Quanto ao Citredo dá-se sob a influência de Vénus e irá reunir cada um dos três princípios separados e purificados por si mesmos numa única matéria-prima, a qual será submetida a um processo de sublimação.

4 – CAMINHOS DA ALQUIMIA OCIDENTAL

Desde os primórdios da humanidade que o sonho do ouro fascina, muitos adoravam o ouro por aquilo que permitia adquirir, outros adoravam-no como símbolo daquilo que aspiravam ter, visto que o ouro era o *metal perfeito*. O ouro foi extraído, como já vimos, pela primeira vez das entranhas da terra em meados do quarto milénio, das minas que os faraós egípcios exploravam nas terras da Núbia.

Podemos pegar num anel de ouro deixá-lo na água do mar que não é corroído, enquanto a prata, o ferro e até o chumbo degradam-se com o tempo.

Como já dissemos atrás a Alquimia foi “inventada” nos primeiros dois séculos a.C. em Alexandria no Egipto; os egípcios eram conhecidos por terem práticas espirituais muito desenvolvidas e complicadas, a par digamos, de práticas tecnológicas.

As origens da Alquimia ainda são, apesar de tudo que foi dito, tão misteriosas que ninguém sabe em concreto o que significa a palavra “alquimia”. Alguns estudiosos vão buscar o significado à palavra egípcia *Khem* ou *Chem*, rico fertilizante do Nilo; outros creem que advém da palavra grega *Chyma* que significa verter ou moldar metais.

Outros autores defendem ainda que teria sido na Caldeia, berço de todas as ciências que acabaram por



POR FERNANDO GASPAR

ser chamadas “ocultas”, que teria acontecido o aparecimento da Alquimia. Num texto da biblioteca de Ninive mandada construir pelo rei assírio Assurbanipal (sec.VII a.C.) pode ler-se: “Quando dispuseres do plano de um forno mineral, procurarás um dia propício de um mês favorável e estudarás o plano. Enquanto construírem o forno trabalharás tu mesmo. No dia em que depositares o “mineral” no forno, farás perante o embrião um sacrifício.”

Quer tenha sido na Assíria quer tenha sido na Babilónia, uma arte metalúrgica de conteúdo sacro era praticada de maneira razoavelmente bem organizada, para que figurassem textos sobre o tema na biblioteca do rei em Ninive.

Desde o princípio os Alquimistas¹⁴ decidiram esconder do mundo os seus segredos e as suas experiências. A Alquimia não se destinava a ser entendida pelo homem comum, considerava-se que apenas os favorecidos por Deus, os iniciados, conheciam a linguagem, podiam ler os símbolos e só os verdadeiramente puros podiam alcançar o conhecimento.

Por razões de espaço deste artigo vamos dar agora um salto sobre alguns séculos relevantes da História alquímica, e caminhemos firmemente até ao século XVIII, época importante em que paralelamente a Maçonaria especulativa deu um grande passo para o seu desenvolvimento e consolidação, com a criação em 1717 da Grande Loja Unida de Inglaterra.

Neste tempo a Alquimia era ainda investigada em laboratórios primitivos com poucas condições de segurança, mas em que se deram alguns avanços importantes nesta ciência.

Quando se fala da Alquimia do século XVIII um nome surge de imediato ao nosso espírito, o conde de Saint-Germain, cujo caminho está repleto de mistérios e de pontos de interrogação. A sua personagem é frequentemente definida em dois termos lapidares, aventureiro e charlatão, o que verdade se diga é muito restritivo. O conde de Saint-Germain foi uma das figuras mais misteriosas do século XVIII, considerado como místico, alquimista, ourives lapidador, cientista, músico, compositor e cortesão.

O conde de Saint-Germain nasceu na Transilvânia em 1696 e veio a falecer, segundo mostram os re-

¹⁴ Um Alquimista normalmente era também médico, filósofo e astrólogo e não um fazedor de ouro, pois a transmutação só podia ter lugar como demonstração provada da veracidade da medicina universal ou pedra filosofal.

gistos, em Janeiro de 1784,¹⁵ na residência do seu amigo o príncipe Karl de Hesse-Kassel¹⁶ governador do Schleswig-Holstein. Na altura apresentou-se ao príncipe como sendo Francis Rákóczi II príncipe da Transilvânia.

Foi educado em Itália pelo último dos Médicis, Gian Gastone, cunhado da sua mãe, tendo estudado na Universidade de Siena. Nunca revelou a sua verdadeira identidade o que levou a muitas especulações sobre a sua origem. Entre imensas especulações sobre a sua origem, alguns historiadores portugueses consideram-no filho ilegítimo do rei D. João V, fruto da ligação com uma freira do Convento de Odivelas.

Em 1743 deparamos com a sua aparição em Londres, tendo anos mais tarde estado a contas com a justiça por suspeita de espionagem, que afinal não se viria a confirmar, e em 1745 em Edimburg, terá sido preso e acusado de espionagem (período da rebelião jacobita).

Nessa época aparentava ter entre quarenta e cinquenta anos, e assim se manteve durante todo o tempo de que há notícias documentadas sobre si.

Em 1746 abandonou Londres e durante doze anos ignorou-se o seu paradeiro. Reapareceu em Paris em 1758 dizendo-se ourives e lapidador, dirigindo então um pedido de uma casa real a Marigny, director dos edifícios do rei Luís XV, a fim de poder instalar um laboratório e uma manufactura.

Falava com fluidez diversas línguas como se sempre as conhecesse desde há largos anos. Ao mesmo tempo que narrava antigos factos históricos com detalhes bastante pormenorizados, alguns perceptíveis apenas por quem os tivesse presenciado, pelo que tal lhe valeu a fama de ter uma idade superior a mais de mil anos.

Prometeu ao rei Luís XV “*a descoberta mais extraordinária e mais rara que alguma vez se fez*”. Foram-lhe atribuídas então as instalações desertas do castelo de Chambord (vale do Loire) onde instalou os seus assistentes, os seus obreiros e o seu laboratório.

15 Contudo no ano seguinte a ter “falecido” assistiu à convenção Maçónica de Paris juntamente com Louis Claude de Saint-Martin e Mesmer.

16 O príncipe Karl de Hesse-Kassel presidiu no Convento de Wilhelmsbad de 28 de Agosto de 1782 ao projecto do esboço que serviu de base ao ritual maçónico do 4º grau maçónico do Rito Escocês Rectificado. “O 4º grau estabelecerá de acordo com as precedentes deliberações do Convento, uma passagem da Antiga Lei para a Nova Lei, figurada pelo Apóstolo Sto. André, que abandonou S. João Baptista para seguir Jesus Cristo”. Da conclusão e redacção da versão final foi encarregue Jean-Baptiste Willermoz, nesta altura com 79 anos de idade. Este ritual manuscrito está depositado na Biblioteca de Lyon sob o nº Ms.5922/2.

Depois de ter abandonado a Inglaterra o conde de Saint-Germain viveu dois anos na corte dos Países Baixos, sob o nome de conde de Saint-Surmont, onde construiu um laboratório de química industrial e de Alquimia.

De seguida desapareceu de novo, mas, tendo realizado um lucro de 100.000 florins vamos encontra-lo de novo na Bélgica, agora sob o nome de marquês de Montferrat.

Depois de ter aí construído um novo laboratório tornou a desaparecer, e assim foi continuando a sua vida percorrendo os países da Europa sob diversos nomes aristocráticos.

Um ano depois da sua morte várias fontes afirmam que esteve presente a assistir a uma reunião maçónica havida no Convento de Wilhelmsbad¹⁷. Outros afirmam que o viram em outras ocasiões após a sua morte, na companhia de Cagliostro e de Louis-Claude de Saint-Martin (*o Filósofo Desconhecido*).

Um pouco antes da revolução teria estado ao lado de Marie-Antoinette, que no seu diário reconheceu que o conde tinha-lhe previsto os acontecimentos revolucionários que iriam acontecer, e que lamentava bastante não lhe ter dedicado a devida atenção.

Em 1789, cinco anos após a sua morte, diz-se que o conde de Saint-Germain apareceu na corte sueca onde preveniu o rei Gustav III dos perigos que o ameaçavam. Aproveitou também a altura de estar na Suécia para visitar a sua amiga Madame d'Adhémar, a qual anota no seu diário que o conde parecia ter, como sempre, pouco mais de quarenta anos.

Segundo relatos antigos o conde era imortal e possuía *o elixir da juventude*, tinha alcançado a pedra filosofal. Numerosas sociedades esotéricas como as teosóficas, associadas ao ensino de Madame Blavatsky, inscrevem o conde de Saint-Germain entre os Mestres pensadores, ao mesmo nível de Platão, Buda ou Christian Rosenkreutz.

Mas nos finais do século XVIII, cientistas respeitáveis já não acreditavam que os metais vivessem e

¹⁷ No Convento de Wilhelmsbad, (perto de Hanau e Frankfurt) que decorreu em Julho e Agosto de 1782, foi decidido em definitivo criar o 4º grau do Regime Escocês Rectificado (R.E.R.), o grau de Mestre Escocês de Sto. André; grau de transição entre a Maçonaria Simbólica e a Ordem de Cavalaria (Ordem Interna). Neste mesmo Convento de Wilhelmsbad foram fixados, nos seus termos fundamentais, o ritual do 5º grau de Escudeiro Noviço, 1º grau da Ordem Interna, o qual foi definitivamente completado no Convento de Wilhelmsbad de 1808, apesar de que já em 1790 (em plena Revolução) se encontrava a versão em tudo igual à definitiva.

crescessem. Apenas alguns loucos e artistas trapaceiros ainda praticavam Alquimia. Após séculos a concentrar a atenção dos maiores espíritos da Europa, a Alquimia parecia destinada a ir parar à lixeira da História, como uma relíquia descartada de um passado de ignorância.

Mas a Arte Real antiga e mística recusou-se a morrer, e um dos novos grandes impulsionadores terá sido Fulcanelli, eventual pseudónimo do pintor e alquimista Jean-Julien Champagne.

Fulcanelli, de origem francesa, terá nascido em 1839 (?) e morrido em 1953 (?). Defendeu Paris sob o comando do tenente-coronel, o famoso arquitecto e restaurador de catedrais góticas, Viollet-le-Duc, durante a guerra Franco-Prussiana de 1870-1871.

Depois da Segunda Guerra Mundial alguns serviços secretos procuraram Fulcanelli como um “expert” físico nuclear, para lhe arrancarem informações, porém, ele soube evadir-se a tempo para vários lugares secretos.

Pouco tempo depois terá desaparecido clandestinamente e voltado a reaparecer em Sevilha em 1952. Na presença de cientistas e jornalistas terá em 1922, no seu laboratório da fábrica de gás de Sarcelles conseguido a Grande Obra, transmutar 100 gramas de chumbo em ouro.

Entre os Mestres da Alquimia quem mais se aproximou do segredo inenarrável do Grande Arcano foi Fulcanelli, porém, sem se atrever a rasgar o Véu do Santuário, esse que constitui o *Secretum Secretorum*, o *Magnum Misterium* que requer a ajuda de um agente oculto de um fogo secreto, que Fulcanelli apenas mencionou.

Segundo o seu discípulo Eugène Canseliet, escritor e divulgador de Alquimia e da obra do Mestre, um pouco antes de morrer revelou importantes pormenores: Fulcanelli teria sido o pseudónimo do Engº Paul Decoeur, que teria estudado engenharia na Escola Politécnica de Paris.

Das investigações efectuadas posteriormente verificou-se efectivamente que Decoeur foi o único engenheiro de pontes e calçadas, nascido em 1839, que esteve na defesa de Paris.

Fulcanelli é o autor de dois livros excelentes sobre Architectura e Alquimia, o Mistério das Catedrais (1926) e as Mansões Filosóficas (1930), escritos de uma forma encriptada e erudita, repleta de termos

em latim e grego, com trocadilhos e algum calão, os quais foram ambos publicados por Canseliet após a sua morte,

Fulcanelli dedicou também muito do seu tempo ao estudo da Geometria Sagrada, tendo afirmado e escrito “o Templo construído segundo a Geometria Sagrada é um ser vivo, algo que respira, que tem pulsação, e que está envolto por uma energia e electricidade peculiares”.

É um organismo organizado, no qual todas as partes se interrelacionam e se integram, naturalmente com os seus habitantes. A egrégora é fortalecida, a energia circundante benéfica é sentida por todos”.

No Mistério das Catedrais desvela toda a complexa plêiade de símbolos alquímicos e alegorias existentes nas catedrais góticas, igrejas, castelos, ícones sagrados e muitos outros espalhados por toda a Europa, resumindo que toda a Verdade, a Filosofia e a Religião está baseada na “Primeira Pedra”, sobre a qual repousa toda a estrutura do Templo.

Fulcanelli apresenta a Catedral fundamentada na Alquimia, enquanto investigadora das transformações da Substância Original (*Energia Sexual*) da Matéria Elementar.

A Virgem Mãe despojada do véu simbólico não é mais que a personificação da Substância Primitiva que empregou para realizar os seus designios, o Princípio Criador de tudo que existe.

Maria, Virgem e Mãe, representam a *Forma*, o Deus Sol; Pai, é o símbolo do *Espírito Vital*; e da união destes dois princípios resulta então a *Matéria Viva* submetida às vicissitudes das Leis da Mutação e Continuidade. Surge então Jesus, o Espírito Encarnado, o fogo que toma corpo nas coisas tais como as conhecemos.

As Mansões Filosóficas são o livro mais conhecido e mais apreciado pelos estudantes de Alquimia de todo o mundo, o qual contém os segredos mais profundos da Grande Obra.

A Alquimia elevada do concreto ao abstracto, do positivismo material ao espiritualismo puro, amplia o campo dos conhecimentos humanos, das possibilidades de acção e realização da união de Deus e da Natureza, da Criação e do Criador, da Ciência e da Religião.

A Alquimia não se ensina, cada um deve aprendê-la por si mesmo, não de maneira especulativa, mas com

a ajuda de um trabalho perseverante multiplicando os ensaios e as tentativas, de modo que se submetam sempre as produções do pensamento ao controle da experiência.

Muitas das maravilhas alquímicas Fulcanelli operou-as na presença de dois escritores franceses famosos nessa época, Jacques Bergier e Louis Pawels, que detalharam todos os seus feitos alquímicos no extraordinário livro o “Despertar dos Mágicos”.

Na aurora do século XX a antiga Arte da Alquimia parecia destinada de novo ao esquecimento. Havia muito que fora posta de lado como uma curiosidade histórica, mas na década de 1920 o interesse pela Alquimia ressurgiu subitamente, depois de um dos mais distintos cérebros da Europa ter feito uma surpreendente afirmação.

Carl Gustav Jung, psicólogo suíço nascido em Kessel no ano de 1875, e formado pelas Universidades de Basel e Zurich, era um ex-discípulo de Sigmund Freud, mas rompeu com o seu mestre para fundar a sua própria escola de psicoterapia. Jung relatou que os seus doentes viam imagens fantásticas e misteriosas nos seus sonhos, imagens que nada nas suas vidas pessoais poderia explicar.

Durante anos Jung esteve intrigado com estas imagens dos sonhos dos seus pacientes, incapaz de interpretá-las, até que um dia tropeçou nas obras há muito esquecidas dos antigos Alquimistas. Ao estudar os símbolos dos arcanos Jung ficou espantado, ao descobrir que eram bastante semelhantes aos dos sonhos dos seus pacientes.

Carl Jung decidiu-se então atraído a estudar e explorar em profundidade a Alquimia Medieval, para procurar explicações sobre o significado da constante recorrência a certos símbolos e cores, nos sonhos e pinturas dos seus pacientes.

Em 1930 encontrou alguns antigos textos alquimistas que demonstravam o papel vital que a cor exercia na ciência alquímica. Os textos explicavam as diferentes tonalidades que surgiam, quando o alquimista transmutava as substâncias no cadinho, simbolizando cada estágio da transformação interna pela qual estava passando.

Quando Jung comparou as cores e os símbolos que apareciam nos sonhos dos seus pacientes, com as cores e os símbolos que descreviam a composição alquímica, percebeu então que eram o mesmo.



POR FERNANDO GASPAR

As cores básicas usadas pelos alquimistas eram o verde, o preto, o branco, o vermelho e o dourado. O verde estava representado no leão ou dragão, simbolizando o começo da Grande Obra, a preparação para a sua ciência.

O primeiro estágio da Grande Obra era comparado ao preto que não contem qualquer cor. O segundo estágio era inspirado no branco simbolizando o Mercúrio, a Lua e o princípio feminino, bem como a pureza da luz não fragmentada. O vermelho era a cor atribuída ao terceiro estágio associado ao princípio masculino, ao Sol e ao Enxofre, sendo o ouro considerado o apogeu da cor.

Ficou então convencido que as estranhas imagens da Alquimia eram mensagens de cura psíquica vindas das profundezas do inconsciente, que apareciam a mentes perturbadas em tempos antigos e nos tempos actuais.

O simbolismo da Alquimia tem assim muito que ver com a estrutura do inconsciente. Por isso Jung concluiu que os sonhos dos homens e mulheres modernas contêm muitas vezes as próprias imagens e metáforas, que podemos encontrar nos tratados e escritos medievais.

Para Jung a Obra Alquímica refere-se na sua maior parte, não apenas a experiências químicas, mas também a algo semelhante a processos psíquicos, expressos através de uma linguagem pseudoquímica.

Jung que faleceu em 1961 tinha dedicado o resto da vida a desvendar e defender a sua nova e espantosa interpretação da Alquimia. Como uma escola secreta de psicoterapia sagrada, os seus discípulos continuaram e ainda hoje continuam o seu trabalho.

A psique está na escuridão e precisa ser libertada da escuridão, tal como na Alquimia o ouro é extraído da matéria. Por isso ao libertar-se, ao trazer ao consciente o que está no inconsciente, estamos a executar uma espécie de processo alquímico. Passar pelo processo da psicanálise ou andar às voltas no laboratório até alcançar a pedra filosofal é sensivelmente o mesmo.

Quando alguém se tiver tornado uma pessoa auto-realizada atingiu a pedra filosofal e metafórica, e psicologicamente conseguiu a transcendência. A interpretação psicológica de Jung no que respeita à Alquimia permanece controversa, mas ele acabou por não ser o único pensador do século XX a investigar os seus mistérios.

Marie-Luise von Franz, psicoterapeuta analítica nascida em Munich, capital da Baviera, conheceu Carl Jung em 1933 e seguiu os passos do seu Mestre, que via na sua colaboradora uma Alquimista nata. Foi autora de vários livros sobre Alquimia, alguns em colaboração com Jung.

Marie-Luise tal como o seu Mestre, acreditavam na unidade dos mundos psicológicos e materiais “*unus mundus*”, ou seja, são uma e a mesma manifestação, mas apenas com aspectos diferentes.

Para Marie-Luise a Alquimia era um relato lúcido e prático daquilo que os alquimistas estavam na realidade buscando, equilíbrio emocional e plenitude. Marie-Luise possui um dom particular para traduzir material simbólico esotérico em experiência quotidiana, imagens e motivos que tanto ocupavam os alquimistas, eram de natureza arquetípica e por isso constantemente aparecem nos desenhos e sonhos actuais.

Marie-Luise fundou o Instituto CG Jung em Zurich e afirmou ter interpretado mais de 65.000 sonhos e que a ideia da Pedra Filosofal dos alquimistas é idêntica à ideia do corpo glorificado. Curiosamente isto oferece numa linguagem arquetípica algumas ideias orientais, porque em diferentes práticas de yoga e meditação o objectivo é produzir dentro de si mesmo, o chamado *corpo de diamante* que é um núcleo imortal da personalidade.

Marie-Luise possui um dom particular para traduzir material simbólico esotérico em experiência quotidiana, imagens e motivos que tanto ocupavam os alquimistas eram de natureza arquetípica, e por isso constantemente aparecem nos desenhos e sonhos actuais.

Na universidade de Harvard em 1941 os Físicos elevaram alto o poder da era atómica, como uma antiga obra de transmutação.

Usando o recentemente inventado *acelerador de partículas*, bombardearam 400 gramas de mercúrio com neutrões a alta velocidade, e transformaram uma pequena quantidade de mercúrio em ouro.

Teria sido a primeira transmutação bem-sucedida da História, ou apenas a prova que a transmutação sempre fora possível, é uma dúvida que se coloca.

Os Alquimistas da antiguidade medieval ou até os modernos não tinham nada de semelhante à energia

agora disponível e que se pode alcançar hoje, devido à existência de um acelerador de partículas ou *ciclotrão*.

Mas, de facto, isto não nos dá qualquer justificação para pensarmos que os Alquimistas teriam mesmo sido capazes de realizar a autêntica transmutação dos metais, só porque os modernos Físicos o conseguiram.

Mas por outro lado, é também como apresentar-se uma tardia justificação da sua teoria, na convicção de que os elementos podem ser transmutados.

Os Físicos ao bombardearem o mercúrio com radiações até criarem ouro, podem ter conseguido a transmutação da forma mais difícil, pois pode efectivamente existir um método mais simples de transmutação, encerrado nos manuscritos dos Alquimistas e nas gravuras e pinturas que as catedrais medievais apresentam.

A experiência de Harvard que demonstrou uma transmutação minúscula de ouro não é uma afirmação da Alquimia, embora se trate de uma experiência bastante interessante.

Aquilo que é mais importante é tentar descobrir a energia subjacente relacionada e como funcionava e actuava, e não provar que é possível fazer a transmutação.

Quem estuda Alquimia e a interpreta do ponto de vista espiritual percebe que a matéria tal como a vemos não passa de uma ilusão da nossa mente. Percebemos que tudo não passa de energia e que tudo é uma única coisa só.

A matéria nada mais é que energia cristalizada numa forma ou numa categoria de vibração que os nossos sentidos podem perceber.

O universo é uma dança frenética de energias em constante mutação, e aquilo que vemos dele representa apenas o que somos capazes de captar através dos nossos sentidos físicos.

Em 1879, na cidade de Ulm na Alemanha, nasceu aquele que viria a ser considerado um dos maiores cientistas de todos os tempos, o físico teórico Albert Einstein. Em 1933 emigrou para os EUA onde viria

a falecer na cidade de Princeton em 1955.

Einstein foi um dos pilares da física moderna ao lado da mecânica quântica, tendo desenvolvido a *Teoria Geral da Relatividade*, que com a mais famosa equação do mundo $E=mc^2$ (em que E = energia, m = massa c = velocidade da luz no vácuo) é paralelamente muito pouco conhecida no seu desenvolvimento.

Einstein genialmente mostrou que espaço, tempo, massa e gravidade estão intimamente ligados. Einstein acreditava que a mecânica de Newton não conciliava as leis da mecânica clássica com as leis do campo electromagnético que levou ao desenvolvimento da Teoria da Relatividade Especial. A diferença entre a teoria Geral e a Especial é que a primeira trata do movimento acelerado e da gravitação e a segunda do movimento uniforme.

Em 1939 os físicos Otto Hahn¹⁸ e Strassman desenvolveram um processo que passou a ser mais bem compreendido chamado Fissão Nuclear. A Fissão Nuclear é o processo de quebra de núcleos grandes em núcleos menores libertando uma grande quantidade de energia. Quando um conjunto de reacções de fissão nuclear se inicia geralmente pelo bombardeamento com neutrões e que continua espontaneamente pela captação de neutrões originados em fissões anteriores. temos então uma Reacção em Cadeia.

Quando algumas pessoas dizem que o Sol é uma bola de fogo que arde e está queimando, verdadeiramente no Sol nada se está queimando, tal como em outras estrelas, aquilo que ocorre é um processo denominado Fusão Nuclear. Fusão Nuclear define-se como a união de núcleos maiores libertando uma quantidade muito grande de energia. Para ocorrer o processo de fusão nuclear é necessário uma temperatura muito elevada, pelo menos de 10.000.000°C. A energia libertada pela reacção de fusão é bem maior que na fissão nuclear.

Contudo ainda hoje alguns perseguem a demanda Alquímica envolvidos pela sua atração aparentemente intemporal.

Russel House e sua mulher Sue House são Alquimistas contemporâneos; para eles a Alquimia não é mais a busca de riqueza, é uma busca das verdades espirituais mais profundas, no seguimento da alquimia

¹⁸ Nobel da Química em 1944. Com as suas experiências demonstrou a quantidade de energia que a fissão nuclear com neutrões possui com utilidade para a fabricação de armas nucleares.

espiritual e da Via Interior¹⁹ preconizada particularmente por Robert Ambelain²⁰.

Para Ambelain a Grande Obra tem um triplo objectivo, no Mundo Material a transmutação dos metais para os fazer chegar ao ouro, logo à Perfeição, no Microcosmos o aperfeiçoamento do homem Moral, no Mundo Divino a contemplação da Divindade no seu Esplendor.

Ambelain considerava ainda necessário distinguir entre alquimistas e sopradores: Os primeiros são filósofos de posse de uma doutrina, a gnose, tinham teorias que não lhes permitiam ultrapassar certos limites nas suas pesquisas, o seu campo de experimentação estava no mundo metálico, enquanto os segundos são pessoas sem conhecimentos esotéricos que não hesitavam em trabalhar com as substâncias mais estranhas e os resíduos naturais mais repugnantes. Por isso os alquimistas conservaram e demonstraram os limites do Hermetismo e da Alquimia e os sopradores embora ignorando-os criaram uma ciência, a Química.

Voltando a Russel House e sua mulher, como Alquimistas modernos do século XX não estão interessados em fazer ouro, mas nunca pela razão de não acreditarem que não possa ser alcançado.

Russel afirma que o interesse pela Alquimia começou quando criança. Curioso, gostava da Natureza, mas estava também muito envolvido na Igreja e gostava das prédicas que ali escutava. Russel pensava então que se as pessoas pudessem ver o que ele tinha possibilidade de ver através do microscópio, entenderiam que é evidente que *“existe alguma espécie de Deus”*.

A Energia Superior é a fonte primária por detrás de tudo que há no homem e no mundo. Assim, tomando consciência da forma como se combinam as energias inferiores, o homem pode realizar precisamente uma operação de hermetismo alquímico.

Na verdade todo o homem pode –se tornar apto em manipular a energia da sua essência e trabalhar no laboratório da alma, visando à construção do grande processo alquímico chamado realização.

19 O simbolismo mítico interior flui por sua própria via, desvelando para a consciência objectiva o trabalho subjectivo alquímico de retorno à fonte de vida universal.

20 Escritor ensaísta nasceu em Paris em 1907, membro da Academia Real de História e da Associação de Escritores de Língua Francesa. Além da Maçonaria onde recebeu todos os graus do REAA e do RER, participou em muitas outras organizações iniciáticas Seu livro que gerou mais polémica foi *“Jesus ou o Segredo Mortal dos Templários”*. Morreu em Paris em 1997 deixando por acabar um livro intitulado *“Finis Gloríae Mundi”*.

A frequência das vibrações que ecoam na consciência do homem, em concordância com o seu modo de pensar e agir, faz com que a energia do homem produza uma certa ressonância e se combine com outras energias similares, formando uma cadeia de efeitos e acontecimentos para ele próprio.

5 – SITUAÇÃO DA ALQUIMIA EM PORTUGAL

Não queremos terminar este trabalho sem abordar a situação actual da Alquimia em Portugal. Rubellus Petrinus (Pedra Rubra²¹), de que falamos no início deste trabalho, é o pseudónimo de Telémaco Pissarro um dos últimos Alquimistas portugueses. Nasceu em Bragança no dia 25 de Março de 1931, e com a idade de 18 anos, depois de ter concluído um curso industrial e estudos de electrónica foi para Angola. Partiu então em 1951 para Angola, e com uma tendência para a electrónica foi um dos primeiros radioamadores locais, o que lhe permitiu contactar praticamente com todo o mundo.

Seguiu depois a carreira profissional como técnico de electrónica nos serviços de telecomunicações do Estado, onde se especializou em telecomunicações de feixes hertzianos.

Um dia em Angola um amigo emprestou-lhe um livro que iria mudar completamente a sua vida e a sua carreira profissional, “O Despertar dos Mágicos” de Jacques Bergier.

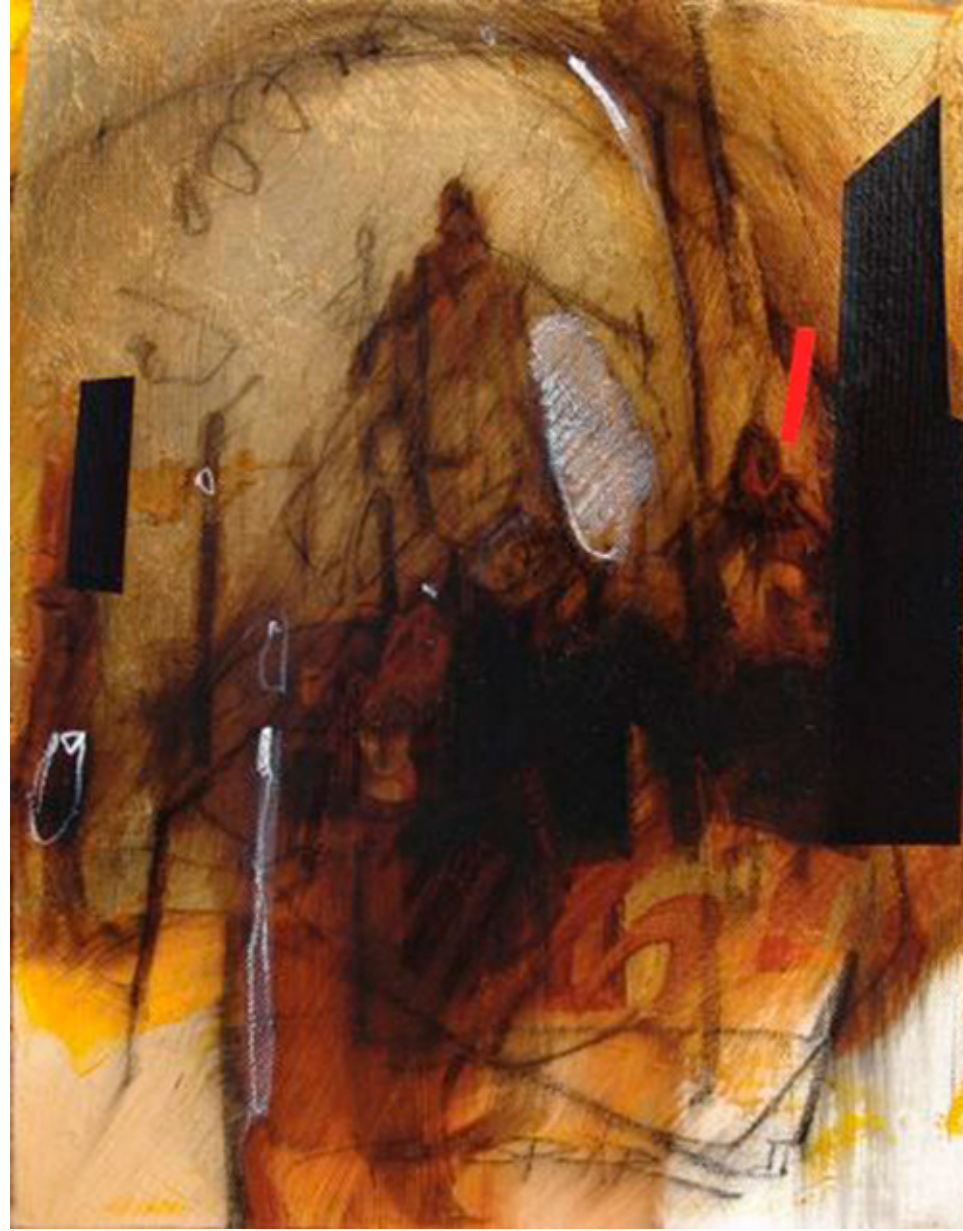
A leitura desse livro despertou-lhe a curiosidade pelas chamadas ciências secretas. O meio não era propício para o estudo da Alquimia que o autor referia no seu livro, e naquele tempo ainda não existia como hoje a Internet.

Numa livraria local adquiriu o livro de Fulcanelli “O Mistério das Catedrais” e a sua leitura deixou-o em dificuldades, não só por o texto ser difícil leitura como por ser incompreensível. Seguidamente leu “As Mansões Filosóficas” e se o primeiro livro era difícil de compreensão este não era menos.

Com a descolonização²² voltou a Portugal e instalou-se perto de Lisboa, conhecendo então um pequeno grupo que se dedicava à Alquimia, onde começou a fazer as primeiras experiências.

21 Pedra Rubra ou Dragão Vermelho é o mineral no estado natural, donde através de várias operações se faz a separação Alquímica do mercúrio e do enxofre por um sal adequado chamado *fluxo secreto*, para que então através desse processo se chegue à Pedra Filosofal.

22 Independência de Angola em 11 de Novembro de 1975,



POR FERNANDO GASPAR

Entretanto, o grupo deslocou-se a França numa viagem de estudo, onde acabou por contactar com o grande Mestre Solazaref²³, e aí, perante os factos, entendeu a verdadeira Alquimia, tal como a via seca e a espagíria²⁴ sobre as quais muito tinha lido.

Compreendeu então a razão que têm os Mestres quando fazem notar que sem o auxílio e apoio de um Mestre não é possível apreender a Alquimia.

Em espagíria fez de tudo, desde a espagíria vegetal à metálica e mineral, incluindo o grande arcano vegetal da “volatilização do sal” que poucos Alquimistas conhecem, e mesmo aqueles que conhecem o processo foi-lhes ensinado por ele.

De regresso a Portugal o grupo ficou reduzido a três pessoas, ficando a trabalhar sob as directizes do Mestre Solazaref. Em Março de 1994 Solazaref visitou Portugal tendo dado uma notável conferência pública em Maфра.

No ano anterior tinha sido convidado para uma conferência internacional nas Nações Unidas, em Nova Iorque, onde apresentou material fotográfico científico e um vídeo sobre o tema “Metalurgia Sagrada – Materiais para o Terceiro Milénio”, tendo no fim posto à disposição dos cientistas presentes exemplares para testes e análises.

Com os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo de trinta anos de estudos e práticas, Petrinus adquiriu os conhecimentos necessários para entender o “modus operandi” das vias descritas nos tratados dos melhores Alquimistas clássicos. Mas tal como aconteceu a Fulcanelli e a muitos outros, infelizmente não conseguiu terminar ainda com sucesso a Grande Obra Alquímic.

23 Solazaref, formado em engenharia nuclear, nasceu em 1947 na Alsácia sob o nome patronímico de Daniel Winter. Residia num castelo nas imediações de Clermont-Ferrand, França, onde tinha uma escola “Les Amoureux de la Science”. Solazaref é o nome do “filósofo pelo fogo” e encontra-se há alguns anos em parte incerta, desconhecida mesmo dos seus discípulos. Foi um dos poucos que afirmou no século XX ter chegado ao fim da Obra.

24 Espagíria na terminologia grega significa separar, dividir, coligar ou unir. Espagíria é a aplicação da arte da Alquimia na preparação de tinturas metálicas e vegetais, e também na de compostos minerais de espíritos e mênstruos. Consiste em provocar uma evolução da matéria para a purificar e exaltar, o que não é possível fazer sem longas e subtis operações que alguns antigos autores nunca revelaram com clareza.

6 - CONCLUSÃO

Muitos mais Iniciados e Iluminados ocidentais poderíamos ter enumerado neste trabalho, como Alberto Magno, Roger Bacon, Nicolas Flamel, Basile Valentin, Tomás de Aquino, Paracelso, Cornelius Agripa, Isaac Newton entre muitos outros. A sabedoria gnóstica entrega a toda a humanidade, a todos os seres humanos de puro e nobre coração, os Grandes Segredos que podem mudar e revolucionar a vida de cada um, tanto material como espiritual.

A Alquimia como vimos é uma forma de cada um viajar dentro de si, não se trata apenas de um processo de observação, de uma experiência que está a acontecer, mas é cada um buscar dentro de si e descobrir centros e partes que nem sequer se apercebia que existiam; é ser capaz de se enredar e usar toda essa riqueza verdadeira na sua vida futura, e crescer e aperfeiçoar-se a partir daí.

Alguns dos objectivos da Alquimia foram alcançados, outros sob novos aspectos continuam ainda a ser actuais. Hoje é possível fabricar ouro a partir de outros metais, é uma questão técnica sem qualquer interesse prático, pois o processo é mais dispendioso que a sua extração das minas. Mas a transmutação de outros elementos tem grande interesse, por exemplo, na medicina ou na descoberta e produção de novas formas de energia.

A matéria então nada mais é que a energia cristalizada em forma ou em categoria de vibração que os nossos limitados sentidos podem perceber. O universo é um bailado frenético de energias em constante mutação, e aquilo que nos apercebemos dele representa apenas o que somos capazes de captar através dos nossos sentidos.

Contudo o mundo não está limitado aos nossos sentidos, é precisamente o contrário, os nossos sentidos foram limitados para que possamos entender somente o que faz parte do mundo sensorial.

Por isso talvez a magia da Alquimia resida efectivamente, não tanto na sua antiga promessa de transmutar metais básicos em ouro, mas nas suas qualidades místicas que parecem transcender as capacidades da ciência moderna, isto é, a Alquimia Espiritual.

A Alquimia Espiritual é assim uma tentativa de alguém se elevar pela meditação da esfera humana para a esfera Divina, do reencontro da união da criatura com o seu Criador, que subentende um conjunto

ordenado, gradual, de exercícios espirituais, pondo em correspondência fases da Obra e etapas de um aperfeiçoamento interior.

O Alquimista já não é unicamente um fazedor de ouro como alguns ainda pensam, a transmutação só terá lugar como prova evidente de uma medicina universal ou *pedra filosofal no seu estado primário*²⁵.

A transmutação dos elementos para o Alquimista que trabalha no laboratório da sua alma é um processo simples, basta canalizar correctamente a ideia originária daquilo que se aspira. A Energia Universal criadora encarregar-se-á do resto, pois trás para a existência as realidades formadas no mundo das ideias.

A terminar podemos e devemos questionar-nos: a procura do *elixir de longa vida* não continua na ordem do dia? a medicina não pretende prolongar a vida do ser humano? os grandes mitos da moda não se baseiam no prolongamento da juventude, através de cosméticos, spa's, health clubs e tratamentos que retardam o envelhecimento da matéria corporal ou da aparência física?

Hoje a Alquimia coabita pacificamente com a natureza e encontram-se indivíduos com formação superior nos ramos mais variados como da medicina, da ciência e das letras a praticarem esta Arte Real.

Seja qual for o seu atractivo, os grandes segredos da Alquimia só serão revelados àqueles que com Vontade de Perfeição e de Sabedoria vão em busca da Verdade e da História.

25 É um cristal vermelho translúcido fusível pela seda. Essa pedra filosofal dissolvida em álcool ou outro espírito qualquer numa proporção determinada e pequeníssima, seria bebida (*o elixir da eterna juventude*) e haveria um rejuvenescimento das células dos seres humanos, isto é, aquilo que os Alquimistas buscam permanentemente encontrar.

BIBLIOGRAFIA:

- ✠ José Manuel Anes, A Alquimia, Lisboa: Editora Esquilo, 2010.
- ✠ Luís de Matos, Alquimia, Lisboa: Edições Nihil Obstat, 2012.
- ✠ Alexander Roob, Alquimia & Misticismo, Editora Taschen, 2009.
- ✠ Rubellus Petrinus, A Grande Obra Alquímica, Lisboa: Hugin Editores, 1997.
- ✠ Hermes Trimegisto, Corpus Hermeticum, Lisboa: Hugin Editores, 2002.
- ✠ Mircea Eliade, O Mito da Alquimia, Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.
- ✠ Pierre Laszlo, Qu'est-ce que l'Alchimie?, Paris: Hachette Livre, 1996.
- ✠ S. Tomás de Aquino, Tratado da Pedra Filosofal, Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.
- ✠ Mariano Vázquez Alonso, O Universo da Alquimia: Lisboa, Editorial Estampa, 2007.



POR FERNANDO GASPAS

POEMAS

POR JOAQUIM SANTOS

I
Pegámos nas mãos,
tivemos saudades
De alguém

Pegámos no corpo,
Lembrámos amor
De alguém

Pegámos nos lábios,
Beijámos alguém

Pegámos nos ombros,
Quisemos alguém

Pegámos na vida,
Fizemos ninguém

II
MEDO

Medo!
Tenho medo!
Tenho medo de acordar
....(não vá a vida fugir-me);
Tenho medo ao levantar
(por não saber o porvir);
Tenho medo de continuar acordado, por não saber os efeitos
De mais um dia
Perverso...

Tenho medo de dar os passos que,
Em lugar de me conduzirem na vida
Me cantam o desalento.

Medo de me alimentar,
Porque a fome é meu consolo.

Tenho medo de comer ,
Porque a doença é minha esperança.

Medo de trabalhar porque interrogo o cansaço
E a dor
E a inanição.

Medo do isolamento
E raiva por me sentir acompanhado.

Medo de viver em sociedade
E medo de estar só.

Medo da claustrofobia,
E medo de me sentir oprimido pelo ar que me rodeia.

Medo de sentir no peito a dor que me provocam os elementos,
Os ventos,
As nuvens,
A chuva,
As tempestades,

O sol e os perigos da sua explosão.

Ai quando atravesso uma ponte e sinto pavor de um terramoto!
Ai quando atravesso um rio e receio um maremoto!

Como eu gosto então de ter medo.

... Muito medo

Medo do ocaso quando sinto o sol a desaparecer!
Medo da noite porque posso morrer de frio!

Medo do sol quando renasce e me pode queimar!

Sinto medo, medo, medo...

Medo de amar e não ser amado,
Medo de querer e não ser querido,
Medo da paixão e de não ser aceite,
Nem compreendido.

Medo do dia
Medo da noite
Da caridade
Da opressão
Da vida
Da morte.

Tenho medo!
De ter medo.



POR FERNANDO GASPAR

A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DE ADULTOS E IDOSOS COMO FACTOR PRIMORDIAL DE ENVELHECIMENTO ACTIVO E SAUDÁVEL

POR CARLOS ALBERTO SEQUEIRA SILVESTRE

O meio da vida não é nenhum paraíso, a velhice não é o inferno. O desafio para o futuro é perceber o que leva a que algumas pessoas de 80 anos tenham elevados níveis de funcionamento e algumas pessoas de 50 anos mostrem já sinais de declínio.

(Marmot, et al. 2004)

Na tentativa de mostrar uma outra faceta do que é, ou como devia ser considerado e interpretado o conceito de Educação e Formação de Adultos e Idosos (EFAI), apresentarei, neste texto, uma vertente mais vocacionada para as questões da conscientização (Freire, 1975/2^a) de todos nós, em vertentes que vão muito para lá da fraca e vergonhosa visão, de que alguns ainda hoje comungam, de que a Educação de Adultos se prende somente com o ensinar a ler, escrever e contar. Para quem assim pensar, relembro que isso se chama Alfabetização e porque, como dizia Rui Grácio (1995), *educar é provocar*, provoco-o, caro leitor, com o seguinte: Todos somos analfabetos! Não acredita? Leia este texto, embora, se se interessa por estas questões, o ideal seria ler o livro.

A sociedade intelecto-bárbara e selvagem da *engenheirice* e *doutorice* aguda em que vivemos faz ressaltar uma preocupante constatação: o que hoje é imprescindível e necessário, amanhã está ultrapassado (Silvestre, 2000).

Nesta linha de pensamento, vimos que o final do século XX demonstrou e o dealbar do século XXI demonstra, por parte dos decisores políticos mundiais em geral e dos portugueses em particular, que a actividade educadora e formadora (Silvestre, 2011), em todas as suas componentes, foi e é sempre considerada o eixo principal para o desenvolvimento (que se quer integrado e sustentado) do Mundo e das Pessoas. No entanto, as políticas desenvolvimentistas continuam a fazer da E/F um meio e não um fim para esse desenvolvimento. Acreditamos que o progresso científico e tecnológico e o avanço/aumento dos conhecimentos constituem factor decisivo do crescimento económico do Mundo. Porém, este desiderato tem sido, na minha opinião, um dos mitos do desenvolvimento, uma vez que tem sido usado somente como forma de “engordar” alguns tubarões.

Para mim, o maior problema destas políticas, sobretudo em Portugal, é precisamente o pouco investimento que se faz na Educação e na Formação e sobretudo na Educação e Formação dos Adultos e Idosos e que passa até por algum desprezo do Estado nessa área.

Há quem não acredite, mas eu estou convencido que não há crianças, nem adolescentes, nem jovens mal-educados, há é sim adultos e idosos menos esclarecidos e como nós, consequentemente mal-educados (e não me refiro somente à utilização de linguagem mais imprópria para os ouvidos mais castos).

A história mostra-nos que o facilitismo, iniciado no pós-25 de Abril de 1974¹, na educação/formação das pessoas e que tem sido dinamizado até hoje², finalmente, faz-se sentir e a sociedade está a ficar cansada e a exigir os melhores. Este facilitismo criou seres perversos e desumanos... enfim, podia seguir este rumo de apresentação,

1 Longe de mim estar a fazer a apologia do Estado Novo.

2 Parece que as coisas começam a mudar e que o ditado que diz que *casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão* também mostra a necessidade que há, de inverter esse facilitismo.

pois também é uma forma de educar e formar e também de envelhecer não activa e não saudavelmente, mas não o vou fazer.

Tendo em conta que o ano de 2012 foi consagrado como o *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Entre Gerações 2012* e que este meu livro (*Educação e Formação de Adultos e Idosos: Uma Nova Oportunidade*) foi distinguido, reconhecido e recomendado como livro de referência no âmbito da Educação pelo organismo que promovia tal acontecimento em Portugal³, resolvi pegar nesta parte do mesmo e explicitar um pouco mais este tema.

Neste século que continua a ser de muita crise⁴, mas que considero ser o Século da Esperança para o Mundo, pretendo, embebido dessa mesma Esperança, e partindo da citação de Marmot et al, transcrita no início deste artigo, apresentar, a partir dos conceitos de Educação e Formação de Adultos e Idosos, uma pista, uma visão ou uma possível (por mais utópica que se queira considerar) forma de envelhecimento activo e saudável. Tudo feito na/com e para a intervenção na sociedade a partir das pessoas. De todas as pessoas, independentemente da raça, estado, religião, cor, profissão ou idade.

Aliás, a questão da idade, que hoje faz inclusive querer voltar alguns reformados à vida activa, vista pela lupa da velhice, tem-se, ultimamente, subvalorizado e desprezado, facto que, na minha opinião, tem degradado, não só as relações intergeracionais, como também tem trazido maior selvajaria ao mundo. Ninguém quer aprender com o passado. Todos queremos viver o presente a pensar no futuro, mas esquecendo-nos que o futuro somos nós e que ele será passado para aqueles que virão.

O presente mostra-nos que continuamos a viver mais uma inacreditável crise (será que alguma vez, desde que há mundo, saímos dela?!) e as notícias que nos chegam todos os dias dos decisores políticos (mundiais e nacionais) não são nada agradáveis nem nada originais.

Em Portugal, as propostas dos Orçamentos de Estado dos últimos anos são catastróficas e apontam, sucessivamente, para drásticas reduções na Educação (está claro!), nomeadamente, o corte em áreas que considero intermultitransversais, intermultitransdisciplinares e intermultitransculturais (Silvestre, 2011) e que muito poderiam contribuir para o desenvolvimento integrado e sustentado do país e das pessoas. A título de exemplo, dessas áreas, refiro-me àquilo que nas escolas se chamou em tempos a Área Escola, o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto que, como áreas de âmbito mais não formal e informal, poderiam permitir a promoção de uma filosofia e de um espírito

3 Consultar o site: <http://www2.seg-social.pt/left.asp?01.15.01.07>

4 Tal como Edgar Morin, 1984, acredito que a crise é sempre um bom momento de mudança.

mais próximo do desenvolvimento das competências e de (des)envolvimento intergeracional. Para mim, essas áreas encaixa(va)m perfeitamente num caminho de continuidade mais condizente com o sentido da EFAI veiculado por aquela que eu considero a melhor reforma educadora e formadora de sempre na área da Educação e da Formação e que, independentemente do governo⁵ que a preconizou, se chamou Iniciativa Novas Oportunidades (INO). Isto porque, as finalidades e os objectivos desta INO o que pretendiam não era somente a meta pela meta, mas a meta, com o engrandecimento e a valorização da pessoa e dos seus conhecimentos. Aliás, com o fim (corte, extinção) dessa Iniciativa, aquilo que prevejo para a EFAI será que esta (re)viverá novos/velhos fantasmas e seremos relançados, consequentemente, em mais anos de trevas na Educação/Formação (E/F) em geral.

Por isso, afirmo que esta forma de fazer política (deseducando as pessoas) é o cúmulo da miséria na educação e é lamentável. Mostra-nos que a educação continua(rá) a ser o parente pobre dos demais sistemas em Portugal e que fará dos portugueses cada vez mais pobres e menos esclarecidos.

Não acreditam?

Então vejamos! O que pretendem os decisores políticos com:

- todos os cortes, agregações/junções de escolas (em Mega Agrupamentos)?
- a diminuição de horas em áreas/disciplinas importantes para a aprendizagem e o crescimento global e harmonioso da pessoa, como são os casos da Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical, TIC, Língua Francesa no 2º Ciclo...?
- o aumento do número de alunos por turma que mostra ter aumentado a indisciplina na sala de aula, diminuído a qualidade da educação e, consequentemente, aumentado o insucesso e o abandono escolar?
- a diminuição dos tempos livres, de lazer e de actividades lúdicas para as crianças e de descanso para os adultos (cada vez mais) idosos professores, para que ambos possam retemperar forças do desgaste brutal que é hodiernamente a vida escolar, para ambos, professores e alunos?
- ...

⁵ Para mim (ver Silvestre. C., 2008), em termos governativos/político-partidários do país, no pós 25 de Abril a grande e a maior diferença que consigo encontrar é mesmo o D, pincelado de vez em quando por um C que pouco ou nada lhe acrescenta. Talvez assim acreditem que eu considero a INO como uma excelente reforma educadora/formadora.

Enfim, estes e outros problemas resultantes destas políticas, só trarão, seguramente, mais problemas e despesas para o estado, ou seja, para todos nós. Refiro-me a problemas ligados à depressão e à velhice e, por conseguinte, à saúde e que, por sua vez, acarretarão novos problemas e o tal aumento de despesas. Como todos sabemos e de acordo com a Organização Mundial de Saúde, esta é entendida como um bem-estar físico, psíquico e social. Daí que, se as pessoas não desfrutarem destas condições na sua plenitude, o estado gastará exponencialmente mais e as convulsões sociais serão mais frequentes e desastrosas (como aliás se tem vindo a perceber).

Portanto, de acordo com o panorama actual, o que se me apraz dizer é que os nossos governantes não aprenderam com o passado, nem querem aprender com o presente. O importante para a maior parte deles é deixarem a sua marca, nem que essa marca seja desastrosa e estropiante.

Posso afirmar que qualquer pessoa, minimamente esclarecida, sabe que não é preciso tirar nenhum curso (nem mesmo nas NOVAS OPORTUNIDADES) do Ensino Superior, para perceber que uma política de cortes só pode é trazer miséria e desgraça. Nunca trará crescimento e muito menos para quem não tem acesso a novas oportunidades. Aprender a Desaprender (Silvestre, 2000) é um exercício que implica humildade e muita inteligência. Por isso, o meu apelo aos senhores políticos é que o façam urgentemente, caso contrário, o “desumanismo” imperará.

Um outro caminho a evitar, e que também já vimos que não traz grandes resultados, é não se tentar impor e “obrigar” as pessoas a fazerem Educação e Formação, por exemplo, de Adultos e que essa obrigação se impinja e imprima pela necessidade do cumprimento de metas impostas pela UE ou por outros organismos quaisquer.

De acordo com notáveis pensadores do século passado, o que precisamos é de pessoas conscientes e emancipadas como diziam Paulo Freire e Rui Grácio, respectivamente, e que sintam que a educação e a formação devem ser realizadas de forma permanente (porque é de livre e espontânea vontade) e ao longo da vida (por necessidade actual de adaptabilidade e flexibilidade no cada vez mais exigente e volátil mundo em que vivemos).

Assim, os desejos que conduzem este meu texto são:

- que a dificuldade que vivemos faça perceber aos decisores políticos, deste cada vez mais pequeno país, que não é na Educação/Formação que reside o problema da crise (se calhar até é, porque não tem gerado pessoas com capacidade crítica e reivindicativa de um estado incorrupto, mais social e solidário. Será que é de propósito?);



POR FERNANDO GASPAR

- que, pelo contrário, se promovam políticas e se desenvolvam fórmulas e estratégias integradas e sustentadas para a Educação e Formação de Adultos e Idosos e que essas políticas e os políticos portugueses vejam na Educação e Formação, em Geral, e na dos Adultos e Idosos, em particular, a catapulta para o sucesso e desenvolvimento da nação lusa. Ainda há esperança, mesmo com todas as medidas já anunciadas de cortes e de regresso ao passado;
- que os políticos percebam que a Educação e a Formação (permanente e ao longo da vida e comunitária) de um povo é garante de saúde e paz, mesmo que alguns promovam a crise, a fome, a doença e a guerra. Vejamos, pois, na Educação e na Formação, uma Nova Oportunidade para nos desenvolvermos e envelhecermos activa e saudavelmente, melhorando integrada e sustentadamente o mundo cada vez mais idoso (sobretudo na Europa) em que vivemos.

A importância que há de um investimento desmesurado e de valorização da educação em geral e da educação de adultos em particular, para mim, permite-me ter a certeza que só com adultos educados/formados, teremos, seguramente, crianças educadas e formadas nas mais diversas dimensões da vida e garantias de progresso, solidariedade, fraternidade, liberdade... e que só dessa forma teremos pessoas capazes de combater a opressão, o pessimismo, e a tentativa dos governantes e dos mercados nos tentarem controlar a partir da desmoralização, da falta de vergonha e impunidade que eles vivem e, conseqüentemente, do medo.

Quem se preocupa com as questões da E/F sabe que uma nação educada/formada é saudável e confiante e, por isso, envelhecerá activa e saudavelmente fazendo avançar e produzir muito mais e não será facilmente controlável... Porém, e talvez por isso, o mundo está como está: deseducado, assustado, pessimista e desmoralizado... logo, controlado pela ganância dos tubarões.

Educar/Formar para uma mudança de mentalidade é indispensável, caso contrário, o futuro já era! Esse futuro e essa mudança é urgente e passa pela forma como encaramos a velhice.

O desassossego com os Idosos e a forma como se processa o seu (nosso) envelhecimento que, actualmente, se diz ter de ser activo, mas que, para mim, terá também de ser saudável (isto porque dizer envelhecimento activo não é sinónimo de dizer envelhecimento saudável) tem, ao longo destes últimos anos, sido objecto de estudo pelos mais diferentes sectores da ciência e da sociedade. Assim, será como indivíduo desta sociedade que tentarei partilhar aqui algumas das minhas aprendizagens sobre este assunto.

A questão do envelhecimento (importante fase da vida de todos nós), que se preconiza hoje como activo, envolve, desde logo, uma intermultitransversalidade, porque interliga o conceito em si com os problemas e questões de cada diferente idade da pessoa, com o conceito de saúde e, sobretudo, com o conceito de educação/formação que é, para mim, o motor que promove o (des)envolvimento integrado e sustentado de qualquer país.

Tenho a certeza que é na E/F que se desenvolvem, promovem e aprendem as pedagogias, métodos/metodologias, actividades, estratégias que são precisas dinamizar, promover e implementar para que a tese do envelhecimento activo e saudável tenha sucesso.

Desaproveitar os saberes/experiências/competências/capacidade de quem já passou por inúmeras e distintas situações não é ter futuro... é não ter pedras basilares que catapultem o nosso desenvolvimento. Por mais tecnologia e melhores condições de vida que existam, atentar na voz da vida, da sabedoria/experiência, das pessoas MAIORES (prefiro esta imagem de idoso que os *nuestros hermanos* espanhóis dão)⁶ é, também, meio caminho andado para o sucesso de qualquer povo.

Quem é pai sabe isto muito bem. O maior esforço que realizamos é tentar fazer com que os nossos filhos não passem pelos erros que nós cometemos e pelas dores, infelicidades, angústias que sofremos e vivemos. Porém, os mais novos não gostam, a maior parte das vezes, de admitir os conselhos dos mais velhos, e dizem que estes não estão in, até que *«batem com os burros na água»*.

Então o que está errado? Por onde, quando e como começar a passar uma cultura e uma mensagem de valorização dos saberes/conhecimentos?

Tentando responder a estas e outras interrogações, partamos, pois, do princípio que todos sabemos que a evolução demográfica se pauta presentemente por um envelhecimento demográfico acentuado (brutal nalguns países!), que faz deste factor um fenómeno actualíssimo e que, por isso, deve ser encarado, não somente como um problema, mas, sobretudo, como uma oportunidade e um desafio a promover e a vencer, uma vez que o mesmo intrica directamente no desenvolvimento das sociedades e no crescimento económico das mesmas.

Mais uma vez, reforço que a construção deste caminho tem de ser feita a partir da Educação/Formação das pes-

⁶ Ao longo do ano de 2012, participei em alguns seminários sobre o tema, quer como orador, quer como simples assistente e, do que me pude aperceber, há um estigma comum apresentado pela maioria das pessoas: o vocábulo Idoso. Este termo, por si só, é uma nódoa muito negra e meio caminho andado para a ostracização do próprio idoso. Por isso, passei a designar (usando o termo espanhol) essas pessoas como *personas mayores*. Ou seja, ao dizer pessoa maior estou, por si só e de certeza, a valorizar a pessoa.

soas, uma vez que é de pessoas que se trata e será pelas pessoas e com as pessoas que os estados terão de se preocupar.

Na perspectiva que me envolve, a E/F das pessoas deve acontecer 20 anos antes delas terem nascido e o seu eixo primeiro e raiz de desenvolvimento deve ser a família, depois a comunidade e a escola (Silvestre, 2000), tendo em conta que o nosso sistema só exige que a escolaridade das pessoas se faça a partir, sensivelmente, dos 6 anos de idade com a entrada no 1º ciclo do ensino básico.

Assim, e acreditando que a E/F pode e deve ser o motor que promove o (des)envolvimento integrado e sustentado de qualquer país, sonho com um projecto que envolva toda essa ordem (cfr. fig. abaixo):



FONTE: Carlos Silvestre, 2013:377.

Por isso, também o meu conceito de adulto e idoso terá de começar 20 anos antes de eu ter nascido. Ou seja, devem e têm de ser os mais novos a procurar a **FONTE**, isto é, a *pessoa maior*.

Embora certo de que todos aprendemos com todos, também acredito que a aprendizagem será, seguramente,

mais e melhor com quem tenha mais idade que nós. Consciente da inverdade e da subjectividade do que acabei de escrever, assento, porém, a lógica deste raciocínio na mesma que me serve para fazer a diferença entre adulto e idoso, entre bebé e criança, entre criança e adolescente, entre adolescente e jovem e entre jovem e adulto. Isto é, embora todos aprendamos uns com os outros, acredito que aprendemos mais (não necessariamente melhor) com aqueles que são mais experientes.

Rentabilizar os saberes, os conhecimentos, as competências das *pessoas maiores* é saber beber água da fonte. Uma fonte de vida, de experiência e de saber. Uma fonte que, para o efeito, é sempre inspiradora, mesmo quando é uma má fonte ou uma fonte não potável, porque, mesmo assim, é possível beber dela. Ou seja, até com o mal e com os erros nós aprendemos. Aliás, todos sabemos que as mais rápidas aprendizagens são aquelas que nos trazem dor e sacrifício, principalmente se formos daqueles que vêm sempre o “copo meio vazio”. Aprender com os erros também significa “crescer” mais depressa e de certeza sem vontade de querer repetir.

Portanto, idade é sinónimo de sabedoria e, como tal, acredito que começamos a ser sábios, logo a envelhecer, a partir do dia em que somos concebidos. Mas, para percebermos isto, precisamos de educação/formação. Quanto mais E/F eu tiver, melhor e mais depressa vou compreender que estou a envelhecer (convém que com saúde e activamente) a cada dia que passa.

Neste contexto, o que se pede é que haja uma cultura do Saber e da Experiência de Vida. Para mim, essa cultura tem de começar, evidentemente, na família, mas terão de ser as instituições estatais e outras organizações da comunidade a continuá-la e a promovê-la a todo o momento, criando condições para que a pessoa seja capaz de ler e dizer o mundo. A pessoa capaz de compreender e dizer o mundo que a rodeia é a pessoa que se pretende para que a humanidade seja desenvolvida. Só com pessoas educadas/formadas e com capacidade de entender o mundo é que o mesmo poderá continuar a existir.

Logo, este problema do envelhecimento, sendo também ele parte activa do problema, só se resolverá se se integrar este tema urgentemente na ESCOLA.

Aliás, tenho a certeza que é um passo que já devia ter sido dado e que venho defendendo, pelo menos, desde 1997, ano em que iniciei o trabalho da minha tese de mestrado⁷. A Escola vai ter de começar a difundir esta mensagem e a trabalhar esta questão do que é envelhecer, do que é ser idoso, ser maior, enfim, do que é ser estigmatizado

⁷ Ver o 3º capítulo do livro que fundamenta este texto e que é baseado na minha tese de mestrado: SILVESTRE, C. (2000). A Educação/Formação de Adultos Como Dimensão Dinamizadora do Sistema Educativo/Formativo. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho.

como velho, com as crianças, o mais cedo possível, para que estas consigam ser mais responsáveis para com elas próprias e mais integradoras e respeitadoras para com os mais velhos, tomando consciência que um dia também elas serão velhas. Ou seja, tal como a família, a escola tem (num paralelismo com a utopia da saúde que é promover saúde, prevenir a doença e evitar o tratamento) de ser o veículo de promoção e prevenção, integrando nos seus programas e currículos os meios necessários para *conscientizar* para o envelhecimento, de forma a evitar o tratamento, isto é, de forma a evitar que o envelhecimento seja visto como uma doença de todos nós e de quem os mais novos se querem afastar. Já repararam que há pessoas a quem a velhice repugna?! Já repararam que os pais têm de instigar os filhos a darem um beijo ao avô, ou à avó? O que é isto? Que sociedade estamos a criar?

Neste sentido, utilizar, investigar e desenvolver o conceito de educação e formação, considerando explicitamente a educação/formação para a saúde (sendo que este conceito é de forma resumida nos diz, como já vimos, que a saúde só existe se houver um bem estar físico, psíquico e social), e associando-lhes o conceito de envelhecimento, como um processo dinâmico, intermultitransfacetado que abarca inúmeras dimensões do ser humano, do seu meio/contexto e da vida que cada um consegue ter e que cujo processo se inicia a partir do momento em que cada um é concebido, permitir-nos-á ter uma visão diferente, mais respeitadora e mais exequível de envelhecimento activo e saudável.

Por isso, quanto mais depressa cada um de nós estiver consciente desta realidade e problemática, mais depressa perceberá que (saber) envelhecer se deve tornar numa ciência de disciplina rigorosa e não somente num conceito que, agora, e na minha opinião, parece estar a querer ser usado como o *el dourado* do mundo capitalista e da sociedade inteletual-bárbara e selvagem (Silvestre, 2000) que visa, mais uma vez e unicamente, o lucro a partir desta questão e, mais uma vez, à custa do sacrifício do ser humano.

No entanto, e não querendo ser utópico, nem ingénuo, aceito que se promova o envolvimento de todos os sectores da sociedade e se incentivem as parcerias necessárias a este (des)envolvimento e crescimento económico, com o aparecimento de novas profissões e outras tecnologias de bem estar, mas que nunca se esqueçam as pessoas, sobretudo as mais desfavorecidas do ponto de vista social e as menos capazes fisicamente: idosos e crianças.

Essas pessoas maiores têm de se sentir como uma solução e não como uma parte do problema. Elas têm de continuar a sentir-se úteis à sociedade e, uma vez que a sua esperança de vida é cada vez mais longa, é importante que a sociedade saiba aproveitar todas essas pessoas, nas suas mais intermultitransdisciplinares e culturais capacidades, saberes e competências. Aquilo que importa salientar é que para os “tubarões” da ciência, da economia e do capitalismo, não pode continuar a existir uma política de laxismo, de impunidade e de vale tudo para atingir os seus fins.



CAMILO CASTELO-BRANCO

POR FERNANDO GASPAR

Portanto, aquilo que defendo, pegando no conceito de saúde mencionado, é que devemos apostar activamente nas 3 dimensões que fazem de nós seres humanos e nos distinguem dos animais: a dimensão social, a dimensão física e a dimensão intelectual e trabalhá-las de igual forma. Isto é imprescindível, inadiável, urgente e necessário ser feito por todos, independentemente da idade e do estado em que cada um de nós se encontre de maneira que a luta contra a pobreza, a velhice e a degradação do idoso seja na realidade uma verdade.

Explicando um pouco o pensamento anterior, aquilo que digo é que podemos estar bem fisicamente e não termos actividade social e capacidade de nos envolvermos com outras pessoas, logo, não sermos capazes de nos relacionar. A partir do momento em que uma pessoa não se consegue relacionar, começa a perder muitas das suas faculdades, nomeadamente, do fórum emocional que vão sobremaneira afectar o domínio cognitivo e físico.

Ora, o mesmo acontece quando o factor psíquico/intelectual que, na minha opinião, é o baluarte da pessoa, é abalado. Tenho a certeza de que quem não conseguir colocar a sua capacidade cognitiva a funcionar (uma vez que a cognição, vulgo a cabeça das pessoas, é que comanda tudo), desenvolverá automaticamente imensas dificuldades físicas e sociais. Essas dificuldades são facilmente detectáveis e identificáveis pois são visíveis a olho nu. Talvez, por isso, essa parte visível do iceberg do envelhecimento tenha levado as pessoas a associarem ao conceito de envelhecimento, simplesmente, o activo, entendendo por activo essa prática de exercício físico.

E o social?

E o cognitivo?

Falar da prática social como uma possibilidade de envelhecer activa e saudavelmente também parece inteligível, uma vez que se consegue facilmente perceber se a pessoa a estabelece, a realiza e a exercita, ainda que seja possível e devamos mesmo considerar a subjectividade dessa relação social. Porquê? Porque também aqui será o cérebro a controlar. Portanto, mais uma vez, será este órgão, o principal administrador desta troika. Ora, se é o cérebro que dirige tudo e se este órgão também envelhece, comandando por isso o envelhecimento do corpo e do espírito, então é o cérebro que temos também de estimular e exercitar, à semelhança do que se tem querido fazer crer com a promoção de exercício físico no idoso, esquecendo-se, por vezes, que muitos dos actuais idosos não tiveram nem hábitos, nem cultura física, excepto, talvez, aqueles que trabalharam em profissões que exigiam sobretudo o aspecto físico e que, mesmo assim, não desenvolveram as capacidades e estruturas físicas que lhes são agora exigidas e nem sempre acauteladas.

Porém, como o cérebro é a parte não visível do envelhecimento, só quando se manifestam algumas perturbações a este nível é que percebemos que algo se passa e só aí é que nos preocupamos, facto que poderá ser tardio. Neste envolvimento, o que importa destacar é que, se não promovermos e exercitarmos o desenvolvimento intelectual e cognitivo, seguramente não vamos envelhecer com saúde nem activamente, mas sim muito desastrosamente.

Nesta continuidade de ideias, os factores físico-psíquico-sociais têm de ser trabalhados de igual forma⁸ e com vista a realizar uma excelente promoção e prevenção do envelhecimento (por isso, devemos começar o mais cedo possível - na família, na escola, através dos meios de comunicação, enfim, de toda a sociedade - a perceber que todos envelhecemos de forma intermultitransversal e facetada). Ou seja, não é possível valorizar um, em detrimento dos outros. Se percebermos isto, teremos um envelhecimento saudável e com mais capacidades e faculdades.

Claro que, quando falamos de incapacidade física, motora ou intelectual, esta questão complica-se, pois associam-se outros problemas que não nos permitirão envelhecer com qualidade. Porém, se esses problemas forem *conscientizados*, poderão deixar-nos envelhecer activamente, desde que se invista numa boa promoção e prevenção da saúde e dos riscos associados a estilos de vida que, por vezes, tão precocemente, o ser humano desenvolve.

O que quero dizer com isto é que, mesmo com grandes problemas físicos, se a pessoa/família/sociedade e o meio envolvente auxiliar (entra aqui a importância da Educação Comunitária⁹), a pessoa poderá manter-se activa e envelhecer com mais qualidade e saúde. O ser humano precisa é de se sentir útil e saber que é valorizado. É dever da sociedade, da escola, das famílias fazerem que essas circunstâncias se concretizem de maneira a criar condições para que todos evoluam e se desenvolvam de forma livre, autónoma, equilibrada e harmoniosa.

Resumindo, é, pois, urgente, procurarmos ter uma vida que nos permita encontrar um ponto de equilíbrio entre o bem-estar físico, psíquico e social para que este equilíbrio nos conduza a um envelhecimento activo e saudável. Só nestas condições teremos uma velhice mais feliz, autónoma, livre e capaz.

No enquadramento até agora manifestado, relativamente ao Envelhecimento Activo e Saudável, acredito em algumas soluções para que possamos envelhecer dessa forma, mas a mais importante de todas, para mim, é o regresso/manutenção dos adultos/idosos à/na escola quer seja pelo trabalho, pelo desporto, pela leitura, pelo

8 Ver, a este propósito, Simone de Beauvoir, 1990.

9 Ver Silvestre. C., 2013: 152.

lazer e, sobretudo, pela partilha de saberes/conhecimentos/competências (já agora, aproveitando o infeliz facto dela não ter, em alguns sítios, crianças para lá colocar, e noutros locais ter muito poucos, uma vez que, como todos sabemos, a nossa sociedade está envelhecida).

Neste sentido, o desenvolvimento da Educação/Formação que defendo para todos (independentemente da idade) aconteceria numa Escola onde coabitariam num mesmo espaço e tempo físico (ilimitado e intemporal) a Educação Escolar/Formal (EF) e Obrigatória, a Educação Não Formal (ENF) e a Educação Informal (EI).

Esse espaço, que denominei de Núcleo de Educação/Formação Global (NEFG) ou Núcleo de Educação/Formação Integrada (NEFI), (Silvestre, 2000), seria um espaço, um tempo e um contexto que promoveria a *intermultidisciplinaridade*, *intermultitransdiversidade*, *intermultitransculturalidade* (Silvestre, 2011). Ou seja, seria o espaço, o tempo e o contexto capaz de dar e promover o Empowerment pessoal, comunitário e permanente dos seus utilizadores porque seria construído, partilhado e pensado por todos os intervenientes/parceiros (Silvestre, 2000). Resumidamente, apresento num quadro esses Núcleos e, de seguida, explícito, ainda que de forma breve, o que se podia fazer nos mesmos¹⁰.

10

Ver Silvestre, C. 2013: 361-378.

QUADRO I - COMPOSIÇÃO DOS NÚCLEOS DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO GLOBAL
OU NÚCLEOS DE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO INTEGRADA

FASES DA VIDA ESCOLAR	IDADES DA VIDA	COMENTÁRIOS
Creche	0-3 anos	Início de um crescimento mais estável em todos os aspectos.
Jardim de Infância	3/4-5anos	O aumento da estabilidade emocional
1º Ciclo	6-9/10anos	O contacto com novas realidades
2º Ciclo	10-11/12 anos	O alargamento de novos horizontes
3º Ciclo	12-14/15 anos	A sensibilização para um ofício, arte, profissão
Educação Secundária	15-17/18 anos	Uma possível pré-preparação para um ofício, uma arte, uma profissão.
EFAI	18 anos até morrer	Rentabilização profissional, social, económica, cultural e emocional. (Nesta fase, encontraríamos todas as vertentes, modalidades e projectos que hoje promovem a EFAI, incluindo a E/F Profissional).

Explicando de uma forma sucinta, esta Escola (NEFG ou NEFI) assentaria num espaço, tempo, contexto Educador/Formador que importaria (re)definir e no qual implicaria que, da sua convivialidade, constassem, na mesma estrutura, espaço, tempo físico, um grupo populacional dos zero anos até ao fim da vida, otimizando e rentabilizando os meios humanos e materiais disponíveis, favorecendo a dinâmica de associação de projectos pela articulação entre a teoria e a prática, interagindo com o meio, compreendendo e negociando todas as necessidades e aspirações da comunidade, de forma a:

- ✘ contribuir para fixar e (re)qualificar os recursos humanos que gera;
- ✘ saber cativar, (des)envolver e promover parcerias educadoras/formadoras;
- ✘ saber interpretar e dialogar com as novas tecnologias;
- ✘ saber reflectir, investigar e (re)avaliar;
- ✘ promover a intergeracionalidade e a partilha de saberes/competências;
- ✘...

Tudo isto, tendo em conta que, e baseados em Ribeiro Dias (1982a), para nós, a E/F consiste, essencialmente, em criar condições para que, através do desenvolvimento global e harmónico de todas as suas capacidades e competências e ao longo de todas as fases da sua existência (infância, juventude, idade adulta, incluindo a dos idosos), o ser humano cresça até à sua plena realização como pessoa (Educação/Formação Permanente e ao Longo da Vida - EFPLV¹¹) e que, em interacção com todos os seus semelhantes, participe na construção e (des)envolvimento(s) integrado e sustentado da(s) comunidade(s) humana(s) de que faz parte (Educação/Formação Comunitária), dentro do contexto mais amplo em que se encontra inserido (Educação Ambiental ou Ecossistémica).

Se a todos estes tópicos juntarmos os diferentes SABERES (ser, estar, fazer, aprender) e, sobretudo, aquele que eu considero indispensável para envelhecer activamente e que, cada vez mais, estou convencido que importa trabalhar o *Saber Aprender a Desaprender* (Silvestre, 2000), então muito poderemos evoluir.

11

Chamo a atenção para este conceito de EFPLV que resolvi ligar, uma vez que cada um por si não reflectia a minha visão de Educação/Formação. Ver, a propósito, Silvestre, C., 2013: 143.

SÍNTESE FINAL

Portanto, fazer com que todos, desde o mais tenro bebé, ao mais duro idoso se envolvam, se relacionem e coopecrem será promover um excelente envelhecimento activo, saudável e responsável entre as gerações. Que cada um de nós possa ajudar-se, ajudando o outro, possa partilhar, partilhando do outro. A título de exemplo, dou sempre a imagem do mais novo ajudando o mais idoso a lidar com o mundo, por vezes, complexo da informática e das tecnologias e o mais idoso explicando ao mais novo que, na vida, há coisas tão ou mais importantes que a correria e o *stress* que todos os dias vivemos.

Resumindo e citando Ribeiro Dias (1982a), as pergunta são: *quem educa mais quem? O avozinho ao netinho, ou o netinho ao avozinho?*

É, pois, assente nesta Educação para a Mudança (sobretudo de mentalidades) que aponto algumas transformações e soluções. Tentei, neste texto, deixar retratadas e reflectidas algumas. Isto porque acredito e tenho a certeza de que, só com pessoas educadas e bem formadas, poderemos mudar o ciclo e o sentido degradante que o homem e o mundo têm vindo a perseguir. Só com pessoas com um elevado grau de conhecimento e educação/formação, poderemos ser mais humanos e solidários, menos explorados e espoliados, logo, vivermos e envelhecermos num mundo mais justo e perfeito, logo mais saudável.

Só nos resta pois reconhecer e acreditar que a educação/formação de um povo é garante de saúde e paz, mesmo que alguns promovam a guerra, as crises, a fome e a doença. Portanto, Aprender a Desaprender é urgente se queremos, definitivamente, ter uma E/F que promova activamente princípios, valores, ética, moral, autonomia, participação, solidariedade, verdade, fraternidade, consciência, igualdade, justiça, liberdade... caso contrário, continuaremos a ser um triste povo à beira mar plantado, esperando amargurado que cheguem os *SEBASTIÕES*, os *Colombos*, os *Vascos da Gama*, os *Gusmões*, os *Gonçalves Zarco* e outros *Gonçalves* que descobriram e deram novos mundos ao mundo¹².

12

Lembra-se do início do texto em que eu, provocando, dizia que todos somos Analfabetos... pois, somo-lo sempre nalguma coisa, isto é, naquilo que não dominarmos, sê-lo-emos.

BIBLIOGRAFIA

- ✠ BEAUVOIR, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ✠ DIAS, J.R. (1982a). *Educação de Adultos; Educação Permanente. Evolução do Conceito de Educação*. Braga: UM/PEA.
- ✠ FREIRE, P. (1975/2ª). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.
- ✠ GRÁCIO, R. (1995). *Obra Completa da Educação I, II e III*. Lisboa: FCG.
- ✠ MORIN, E. (1984). *Sociologia*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- ✠ QUADROS, A. (org.). (1988/3ª). *Obra Poética de Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro. (Texto Integral)*. Lisboa: Publicações Europa América.
- ✠ SILVESTRE, C. (2000). *A Educação/Formação de Adultos Como Dimensão Dinamizadora do Sistema Educativo/Formativo*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho
- ✠ SILVESTRE, C. (2003). *A Educação/Formação de Adultos Como Dimensão Dinamizadora do Sistema Educativo/Formativo*. Lisboa: Instituto Piaget
- ✠ SILVESTRE, C. (2005). «Aulas de Substituição por Amas-Secas, Guardadores ou Cuidadores». In *Correio da Educação*, nº 241, p.3. Porto: Edição CRIAP-ASA.
- ✠ SILVESTRE, C. (2008). *Papas? Nunca na Minha Língua!* Porto: Negra Tinta Editorial.
- ✠ SILVESTRE, C. (2011). *A Educação/Formação de Adultos: Uma Nova Oportunidade*. Lisboa: Instituto Piaget.



AQUILINO RIBEIRO

POR FERNANDO GASPAR

O TRIUNFO DO BELO E A PROMESSA DE BEATRIZ

POR LUÍS VIEIRA BAPTISTA

Ousei escrever estas palavras por, humildemente, pensar ajudar desta forma a recuperar alguns dos princípios vinculados por Lima de Freitas e que persistem em inscrever-se no domínio das nossas prioridades, enquanto seres humanos e como Maçons.

A morte, como consequência incontornável de estarmos vivos, é um acontecimento que afecta todos os que a presenciam. Não digo que afecta os que morrem, pois só eles é que podem pronunciar-se nesse sentido e, até agora, todos os que acompanhei no derradeiro sopro de vida, ainda não se manifestaram sobre o que realmente se está a passar com eles, ou não, depois de terem expirado.

Para colmatar esta falta de informação, aconchego-me numa ténue mas persistente imagem, esquisada nos confins da dúvida, uma silhueta comum a todos os que partiram, pairando nas raias do infinito e anunciando-se subliminarmente sempre que olho para Oriente.

À perda física também se junta a noção de saudade, sentimento universal mas extremamente português na sua génese.

Recorrendo a memórias olfactivas, as ignições mais persistentes desta tal saudade, socorro-me do perfume das flores que espreitam sobre o vidro da jarra à minha frente, também elas já mortas.

Talvez por isso, apercebo-me que na derradeira fase de viço e antes de murcharem por completo, o eco do perfume que já lhes era apanágio em vida, mantém-se a pairar em seu redor. Este exemplo faz-me pensar que enquanto sentirmos o perfume dos que já partiram, eles ainda conseguem comunicar connosco.

É da nossa competência intervir para que o perfume do conhecimento legado por Lima de Freitas

não se extinga de forma irremediável, diluído no seio da poluição que nos sufoca. Tudo o que nos resta fazer, guardiães do saber para lá da fugaz beleza da forma, é recuperar para o presente, para o Agora, a sua verdadeira essência primordial.

Confirma-se deste modo o que Camões intuiu ao escrever que alguns de nós, portugueses, por serem tão valorosos, “...se vão *da lei da morte libertando*”.

São essas feromonas que se nos colam à pele húmida das emoções como se fosse a poeira dos caminhos, unindo-nos ao Mestre numa osmose sensorial.

Foram aspergidas da “flor/farol” existencial por ele edificada, com um período de iluminação contínuo, sem oclusões dignas de nota, alimentado pela persistência da memória. Graças a essa luz, balizam-se os obstáculos perigosos nascidos da escuridão dos dias maus, impedindo-nos assim de naufragar contra os recifes desolados da tristeza, da perda e do olvido.

As suas pétalas, mesmo separadas da corola onde se formaram, são como páginas soltas de um livro, mantendo a mesma informação olfactiva que lhes é peculiar, e remetendo-nos para a história original da flor-mãe/livro a que ainda pertencem. São inscrições fractais do essencial, artifício sublime da Natureza para representar uma forma de vida que nos maravilha e apanha de surpresa: é por isso que as flores, por direito próprio, são quem melhor se encaixa no conceito de ‘Belo’ que aqui enuncio.

Nas palavras do Mestre Lima de Freitas,

“...o verdadeiro sábio - pela sageza mais do que pelo saber - é aquele que antes preza o Belo que tudo o resto: que poder maior haverá no mundo, na verdade, do que o poder de fazer eclodir a flor do Belo, que nada explica, que nada parece justificar? O Belo, ao invés do Justo e até do Bom (na tríade platónica), revela-se puro, gratuito, paradoxal e inútil para a visão utilitária do mundo e das coisas; porém, sem essa flor, que seriam a Justiça e a Bondade?

(...) Só no que não tem aplicação prática se redimem todas as instâncias da Lei e da correcta distribuição, do proveitoso e do necessário, só o Belo apaga o fel do castigo (mesmo merecido), a vaidade do prémio, a hipocrisia dos bons propósitos, as chamas do inferno onde ardem sem fim as boas intenções.

A obsessão da economia, da rendibilidade, do estrito necessário, esterilizam o espírito e afastam-no de outras dimensões indispensáveis da vida, tais como a generosidade, o dom de si próprio, a absolvição da culpa e o perdão e, talvez mais que tudo o resto, a dádiva divina da alegria, 'a coisa mais séria do mundo'.

O Belo introduz o sentir no calcular, comunica ao intento o calor benéfico do desejo, transforma em amor o assentamento do juízo e as descobertas da inteligência.

Entre as colunas opostas do Rigor e da Clemência, é pelo eixo central da Árvore dos Sephirot, (também conhecida na Cabala como Árvore da Vida, acrescento eu) a da Beleza, que desce o Espírito Santo, a Luz, a irradiação do Sol ou do Coração, unificando os mundos, casando os opostos, transfigurando os seres.”

Estas considerações parecem-me sábias não só pela sageza mas também pelo saber... Esta capacidade de comunicar do Mestre Lima de Freiras, feita duma forma tão elegante e sóbria, contagia os aprendizes, onde me incluo, a prosseguirem o seu legado.

Aumenta, deste modo, o número de interessados a mudar a água à jarra das flores, filiando-nos voluntariamente numa militância tipo ONG, e unidos pelo desejo de manter viva a capacidade de pensar.

Comprometem-se os seus membros a assumirem responsabilidade vitalícia para desempenharem, de forma justa e perfeita, as funções requeridas para que, apaixonadamente, como tudo na vida deve ser feito, as manterem viçosas e aspergindo perfume.

Também lhes compete pesquisar e anunciar a descoberta de novos aromas, criando fragrâncias alicerçadas nas raízes do pensamento, fortalecidas por fazerem parte da matriz inicial.

É recorrente esta referência às flores como metáfora do Belo, não sendo nós os primeiros a utilizá-las nem certamente os últimos.

Lembro-me que até Wagner as foi buscar, na última ópera escrita e dirigida por ele quando, na demanda do Graal, o herói Parsifal, que significa puro, deparou-se com o Coro das Flores que, com o seu perfume inebriante e sedutor, rompiam com os votos de castidade dos Cavaleiros do Santo Graal, impotentes perante tamanha tentação...

Quando nasci, em 1954, estava o Mestre Lima de Freitas em Paris.

Fazendo fé no imaginário popular, acredito que a cegonha que de lá me trouxe rodopiou para ganhar altura, como fazem todas, à procura da térmica ideal, rumo a Sul.

A sua missão era levar-me na ponta do bico, embrulhado num lençol, até ao bairro da Graça, em Lisboa, guiada por mapas astrais nascidos da Geometria Sagrada e por ele fornecidos antecipadamente à minha ave/piloto materna.

No destino, a minha mãe impacientava-se, pois estava ciente dos perigos da viagem. Como todas as mulheres do mundo, os seus sentidos são superiores aos dos homens, e quando se tornam mães ainda mais premonitórias ficam. Na realidade, ao saltar atabalhoadamente da trouxa da cegonha, enrolei o “cordão de segurança” à volta do pescoço e sufoquei. Comecei mal mas, se hoje vos escrevo estas palavras, é sinal que recuperei o fôlego, regressei da “morte aparente” e com a vantagem, subliminar mas fascinante, de já ter espreitado para “o outro lado...”.

Muitos anos mais tarde, quando eu e Lima de Freitas nos conhecemos em Lisboa, foi como um reencontro de velhos amigos, transbordante de cumplicidades...Lamento que isso só tenha acontecido num momento tardio da sua vida, pois imagino o quanto mais teria aprendido com ele.

Por essa altura, estávamos ambos vinculados a uma galeria de Arte lisboeta, eu como artista residente, ele como director artístico sem pasta, pois quis manter-se livre e disponível para os projectos a que se dedicava, tanto na pintura como na escrita; funcionava assim como um conselheiro cultural e artístico “à ordem”, sempre pronto para elevar a qualidade das actividades em curso naquele espaço.

Todos os que com ele convivemos constatámos que tudo em que ele tocava vinha imbuído desse enorme conhecimento, simbólico, humano ou fraterno, onde a partilha sempre se revelou mais importante que o protagonismo.

Logicamente, a descodificação dos símbolos necessária à correcta interpretação ou leitura das suas obras, remete-nos para a evidência de que só com a respectiva chave de acesso aferida ao nosso grau de conhecimento é que lá conseguimos penetrar. Mas mesmo aqueles que não a têm

reconhecem estar perante algo de muito especial, mesmo não sabendo explicar por quê.

Voltemos a dar a palavra ao Mestre, chamando mais uma vez a atenção para a excelência do seu pensamento:

(...) Só os símbolos autênticos (aqueles que têm cobertura de ouro nos cofres do inconsciente profundo) podem propor-se instrumento de um pensar o impensável, por isso não só a geometria mas também a palavra, a imagem, o número, na sua mais alta intensidade se transformam em símbolo, tal como é o nível simbólico o que confere a validação decisiva a essa geometria, a essa palavra, a essa imagem e a esse número.

Como abordar, na verdade, a união harmónica dos níveis do ser e da consciência, do homem com o todo ou, por outras palavras, do conhecido com o cognoscível e com o que está para lá de toda a possibilidade de humano conhecimento, a não ser através de uma “geometria” de analogias simbólicas? Porque toda a linguagem meramente denotativa falha na empresa e acaba por gerar monstruosidades filosóficas. (...)

A eleição do símbolo como sendo a forma de expressão mais capaz à nossa disposição para a validação dos temas atrás descritos, permite-nos demonstrações mais limpas e porventura isentas de escórias semânticas que mais não fazem do que perturbar a limpidez do raciocínio.

É precisamente por ter essa cristalina capacidade de interpretação simbólica que Lima de Freitas consegue dar a Beatriz, na Divina Comédia, um carácter de vaticínio quando promete ao Poeta, acabrunhado pela degradação da sociedade do seu tempo, a vinda próxima de um “Cinquecento dieci cinque” que voltará a repor tudo nos seus lugares...

Entramos agora em ‘território sagrado’, um chão simbólico. Descobrimos então o sentido oposto à imanência vinda do perfume das flores, o seu contrário, ou seja, o equilíbrio das forças que nos põem a pairar, levitando em gravidade zero no espaço ocupado pelo 1, com um 5 de cada lado, evoluindo sobre a alegria da descoberta e a angústia da dúvida.

É deste ponto imagético que começam todas as viagens, porto de registo da nave onde embarcamos. Colecionamos tirocínios obtidos ao navegar nas sinapses, os rumos do pensamento, riscando cartas náuticas com minas de grafite, homenageando assim o carbono, a matéria mais comum

no Universo conhecido, seguindo rotas ancestrais legados por navegadores intemporais.

Descobrimos, então, que a nossa nave se confunde com o planeta Terra: orbitamos o Sol, que por sua vez orbita o centro da nossa Galáxia, e estando também ela em movimento, segue um rumo específico na negra infinitude da Matéria e da Energia, em rota de colisão com Andrómeda.

Neste momento constatamos a nossa vulnerabilidade e lembramo-nos de Narciso, absorto no palíndromo simbólico, numérico, na simetria do seu reflexo na água.

Surge-nos agora a revelação cabalística destes reflexos no contexto do “génio anagramático” que profetisa, segundo Lima de Freitas, o envio do escolhido de Deus, cifrado por Dante Alighieri através das palavras de Beatriz.

Daí nasce o 515, um palíndromo numérico, uma capicua que ao nos vir parar às mãos através do bilhete do eléctrico ou do autocarro é sempre guardada como amuleto da Sorte, e que espelha, graças à simetria da sua essência, a comutação entre a perfeição divina, acima, e o seu reflexo, em baixo, na água estática e cristalina.

Estas considerações revelam também a onisciência implícita na Tábua Esmeralda, atribuída a Hermes Trismegisto, versão grega do deus egípcio Thoth, deuses da escrita e da magia nas respectivas culturas.

Thoth simbolizava a lógica organizada do Universo e era relacionado com os ciclos lunares, cujas fases expressam a harmonia do Universo.

Por isso mas não só, homenageio-o com recurso a um poema a ele atribuído, gravado no granito preto, na base da minha escultura “Nave Visionista”, de 2003, edificada junto à Avenida Marginal na vizinhança da praia de Santo Amaro, em Oeiras e que, embora mutilada, vos convido a visitar.

É ele que revela que *“O que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está em baixo, para realizar os milagres de uma única coisa”*. Soa a familiar, não é verdade? Nós não inventámos nada, esquecemos foi muito.

Louvemos, portanto, pessoas como Almada Negreiros e Lima de Freitas por recuperarem ou limparem, o caminho para estas revelações.

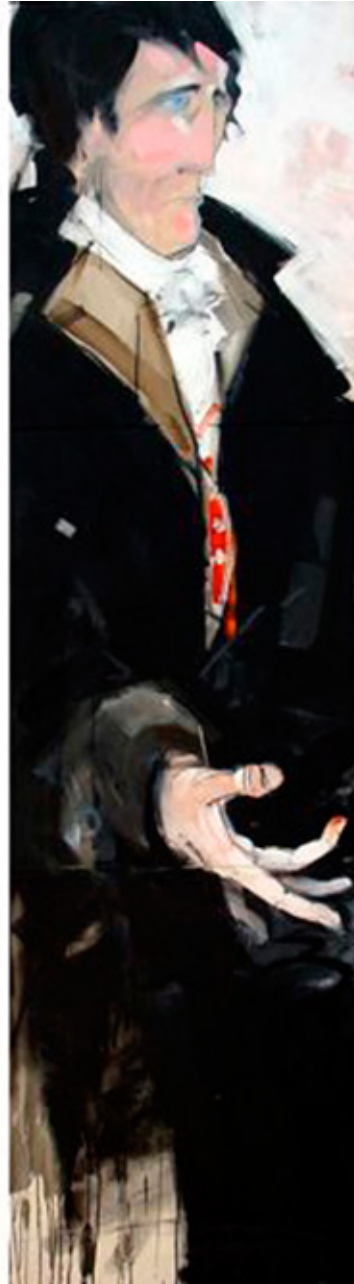
É claro que há mais exemplos de palíndromos em diversas obras de outros autores, nomeadamente em Dürer e em Jorge Alfonso, pintor português do século XVI, também eles várias vezes referenciados neste contexto.

E até encontramos evidências geométricas de tudo isto quando desenhamos o Pentágono regular. Ao traçarmos as suas diagonais, chegamos ao Pentagrama, constatando que as interseções dos seus segmentos dão origem a um novo pentágono regular, proporcional ao original pela razão áurea, um 'reflexo' do que esta em cima.

Por tudo isto, sobretudo pelo tal perfume que persiste no ar sempre que falamos de Lima de Freitas, fica aqui o meu desejo para que aumente o número de Irmãos voluntários para mudar a água das jarras onde as flores simbolizam todos os que não podem ser esquecidos.

BIBLIOGRAFIA

- ✠ LIMA DE FREITAS, Almada e o Número, Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1990
- ✠ PRYA HEMENWAY, O Código Secreto, Köln, Evergreen, 2010



BOCAGE

POR FERNANDO GASPAR

LEITURAS

MANUEL BARREIRO

-VOLTAM ALEGRES OS TRISTES – POEMAS ADVERSOS,

LISBOA: EDIÇÕES COLIBRI, 2014,

POR LUÍS ROSA

Manuel Barreiro oferece-nos uma escrita de inconformidade, reflexão e profundidade de pensamento, mostrando dizer sempre mais do que está escrito e escrevendo por dentro das palavras os sentidos que estão presos à raiz da alma.

Busca na acrobacia das palavras a curva oblíqua que procura descrever a interrogação, o gesto rasgado de insatisfação e o caminho não andado, em passos de futuro. Porque a interrogação do que se não entende é sempre escrita com palavras a deambular pela raiva da constatação de ser inconformado, e pela ambição de encontrar o equilíbrio do deve ser.

Por isso, o poeta procura “colocar a razão na ordem inversa da compreensão do sentido e escrever por dentro do desespero do tempo a aguardar o momento de um transporte que não irá chegar”.

Escrita de profundidade consistente, de um modo adulto no trampolim da reflexão, a querer agarrar na vivência humana o sentido do transcendente e na inconformidade dos actos a desconstrução do pensamento que conduziu ao caos da mediania.

Depois há “o sentir dos suburbanos de mãos dadas aos sem abrigo de quem todos falam, na hipocrisia do acomodamento ignóbil, alimentando

errâncias e cinismo baixo, mas que de facto ninguém quer ouvir ou ver de perto”.

O grito do poeta é o grito contra as conformidades que são devolvidas intactas no alvor de cada madrugada e se alimentam na banalidade dos actos.

Foge palavras fora, chamando o pousio da vida para não deixar o conceito perdido no campo agreste da preocupação transcendente e dizer que, apesar de tudo, e despojados de tudo, cá estamos a entrançar universos imaginados e acreditar que há um sentido das coisas.

As palavras vergastam todos os que em mistura de sinfonias “trocam salmos e hossanas por temores e pesadelos que não afastam o sofrimento nem os irracionais castigos”.

O poeta canta o tempo incerto que a opressão tem escondido atrás do poder omnipresente do medo, como pecado imanente que a consciência não redime. Depois pergunta: “quem te manda a ti poeta, falares daquilo que todos sabem” – Parece!

A adversidade é o modo. E o modo é a nossa circunstância. A palavra nunca é desperdício nem esmorecimento da vida. Por isso se questiona a justiça que não há, a autoridade que faliu, a honra e dignidade que fugiu e a fraternidade esquecida. O poeta transborda nos versos a preocupação social e a raiva contida na atitude.

A escrita surge assim como vertigem permanente, atordoando os conceitos gastos com necessidade de dizer em palavras aquilo que não são apenas palavras.

Um traço subtil descreve o que por vezes o absurdo absoluto, gritado no movimento da escrita e rezado no altar da indignação, como ladainha encarreirada e forte escrita em breviário clandestino de atrevimentos.

CARLOS DUGOS,

O FERRO DE MARCAR ESCRAVOS, 2014 ,

POR CARLOS DUGOS



Uma abordagem diferente do fenómeno luso-africano, tomando por paradigma Moçambique.

Aspectos insólitos e imponderáveis, de uma arte negra ancestral, irromperam inesperadamente no mundo dos brancos, em Lourenço Marques, nos meados do século XX, com efeitos impressionantes e causas que a cultura ocidental não podia definir.

A costa da África índica, desde tempos remotos, ponto de fusão cultural e de sangue entre povos negros, árabes, indostânicos e europeus, nas vésperas de grandes alterações históricas.

A influência britânica contagiou Moçambique com um modo de estar no mundo que não era genuinamente português. Não só as mentalidades, os hábitos e os costumes, mas a próprio ordenamento das urbes seguiram padrões de disciplina e harmonia particulares. Certas instituições tinham uma amplitude e uma visibilidade pouco comum em Portugal. Era o caso da Maçonaria. O Palácio Maçónico de Lourenço Marques era o mais grandioso templo da instituição em território português. Com a proibição das sociedades ditas secretas, em 1934, o edifício passou a escola industrial, função que continua a desempenhar.



PALÁCIO MAÇÓNICO DE LOURENÇO MARQUES.

Ao mergulhar nas águas do Índico, o jovem jornalista Alexandre Lembre encontrou um antigo ferro de marcar escravos carregado de uma influência insuspeitada. A partir daí, a sua vida sofreu uma transformação radical.

Preso nos laços de uma cultura estranha que o deixou atónito e deslumbrado, a sua consciência oscilava entre a felicidade intensa e o desespero, entre a virtude e o crime.

O Paraíso é nome de ilhas; uma delas Santa Carolina, no arquipélago do Bazaruto. Nela se exprimiu e consagrou a dimensão mítica do amor, numa metáfora sobre a miscigenação cultural, entre a África animista e tradicional e o ocidente, cristão e racionalista.



ILHAS DO PARAÍSO – ARQUIPÉLAGO DO BAZARUTO



O MACIÇO DE CHIMANIMANI, EM MANICA E SOFALA, MOÇAMBIQUE.

O que terá levado Renata Cabrita aos confins de Manica e Sofala, ao inóspito e deserto maciço de Chimanimani, dominado pela sombra gigantesca do monte Bingo?

Ali, a África remota do interior, abandonada ao silêncio e à asperidade dos elementos, esconde um segredo antiquíssimo, que pode manifestar-se por um horror indizível.

Tudo começa em Lourenço Marques, capital de Moçambique, em 1964, ano do início da luta armada contra a administração colonial portuguesa.

Para informações sobre o livro, cdugos@sapo.pt

JOAQUIM SANTOS,

INQUIETUDE,

LISBOA: DIÁRIO DE BORDA, 2014,

POR JOSÉ FANHA

O QUE É QUE LEVA UM HOMEM A ESCREVER POESIA?

Ao ler a poesia do meu amigo Joaquim Santos surgiu-me a certa altura a pergunta: o que é que leva um homem a escrever poesia? O que é que leva um homem a pegar no fogo das palavras e entrar pela porta dentro desta arte tão delicada e tão humana a que se chama poesia?

Talvez seja um impulso semelhante ao que fazia com que os nossos irmãos antigos deixassem sinal de si na parede das cavernas. Uma mão molhada em sangue. O desenho de um animal. Uma forma de nos relacionarmos com as grandes forças do universo, o nosso pai Sol e a nossa mãe Terra, ou de afirmar os nossos estranhos medos e alegrias transformados em profundas marcas pessoais que se soltam através da imagem ou da palavra.

Pegamos nas palavras e entramos no espantoso mistério da vida, no mais fundo do segredo de cada um de nós, nesses nossos sentimentos que por vezes ficam entalados dentro do peito sem sabermos como fazê-los sair

Estamos vivos e queremos partilhar o espanto pelas maravilhas da vida que nos rodeia, e fazer explodir a raiva perante a injustiça e a miséria, e cantar o amor que nos faz transcendermo-nos na entrega a uma mulher.

Queremos questionar a arquitectura da existência e as suas estranhas razões e desrazões, através dessa coisa que tem tanto de mágico como de misterioso, que é a palavra.

Não sei se é isto que faz um homem escrever poesia. Sei que muitos homens e mulheres têm uma necessidade incontornável de se derramar na música das palavras, de pegar na voz dos ossos e coloca-la no branco do papel.

Mas não se pense que é só o lírico impulso que nos leva à arte da poesia. Os poetas percorrem um vasto leque nos modos diversos como entram pela porta das palavras para marcar a pele do mundo e dar de si testemunho de homem ou bicho perdido no meio da vida, inquieto em frente da morte, perguntando-se o porquê disto ou daquilo.

Também na poesia do Joaquim há uma forma de assumir a escrita como um lugar de pensamento, de questionação, de cidadania. Sempre assim foi na história. Sempre os poetas usaram os seus versos para criticar, reflectir, ironizar.

E voltamos à pergunta inicial: o que é que leva um homem a escrever poesia? Que impulso será esse? O que faz nascer essa entrega a essa oficina da alma?

Creio que há um dia em que todos nós nos colocamos perante um espelho e nos interrogamos sobre os mistérios da existência. A poesia não nos dá respostas. Mas ajuda muito a encontrar a justa forma de fazer as perguntas. E é isso que faz da Poesia de Joaquim Santos um acto muito sério e justo, sem enfeites desnecessários nem lirismos baratos. Poesia para ler e mastigar. Para deixar entrar-nos nas veias e levar-nos a percorrer os mesmos caminhos e interrogações para que o poeta nos desafie.

ANTÓNIO VENTURA,

UMA HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM PORTUGAL 1727 – 1986,

LISBOA, EDIÇÃO CÍRCULO DE LEITORES, 2013,
896+32 PÁGINAS DE EXTRATEXTOS

POR ANTÓNIO VENTURA

Este livro, situa-se no campo da História. Trata-se de um trabalho provisório, como tudo em História, sempre susceptível de ser corrigido e ampliado com o aparecimento de novas fontes. Procura ser um contributo para uma melhor compreensão da vida da Maçonaria entre nós durante quase trezentos anos. As balizas temporais são justificadas, a primeira – 1727 -, pelo início da Maçonaria em Portugal, ainda que sem a participação de portugueses. A última – 1986 – constitui o momento em que se consumou a primeira cisão na Maçonaria Portuguesa depois de Abril de 1974, surgindo a partir de então diversas Obediências. Alguns capítulos estão intencionalmente desequilibrados, privilegiando o autor as épocas menos estudadas – a partir do último quartel do século XIX -, sendo tratadas de forma menos aprofundada aquelas sobre as quais já existe um número razoável de estudos e de documentos publicados - o século XVIII e até meados da centúria seguinte. Merece um especial destaque o último quartel do século XIX, o período que antecedeu a proclamação da República, a relação entre Maçonaria e I República, no qual se contesta a ideia generalizada de uma relação íntima e condicionadora da vida política nacional. Outra época pouco conhecida e sobre a qual a obra de detém é a que corresponde ao período entre o 28 de Maio de 1926 e a institucionalização do Estado Novo, em 1933, com a consequente proibição da Maçonaria dois anos depois. Também é dedicado um capítulo à vida maçónica clandestina, até 1974, com muitas informações em primeira mão apesar da escassez de fontes.

Finalmente, o livro termina com o reinício da actividade legal, decorrente do 25 de Abril de 1974, os debates internos e a cisão de 1986, a partir da qual surgirá a GLLP/GLRP. Profusamente ilustrada, na maior parte dos casos com imagens inéditas, a obra apresenta ainda um conjunto de extratextos a cores reproduzindo paramentos, insígnias, documentos e objectos diversos.

Ao longo destes quase trezentos anos de existência em Portugal, a Maçonaria foi sempre tema de debate, de especulação, de condenação ou de exaltação, mas frequentemente sem que houvesse um conhecimento aprofundado da matéria em discussão. A primeira condição para que se possa opinar é conhecer. Este livro pretende contribuir para esse conhecimento.



ANTÓNIO VENTURA,

A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA E A MAÇONARIA,

LISBOA: VEJA, 2013,

POR ANTÓNIO VENTURA

A presença de militares na Maçonaria Portuguesa, foi uma constante desde o século XVIII, constituindo um dos grupos mais representado nos seus quadros. Neste livro estuda-se a presença de oficiais da Marinha de Guerra naquela associação, com maior destaque para o segundo quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX, até 1935, ano em que a Maçonaria foi proibida. Deste estudo podemos concluir que algumas das figuras fundamentais da História da Marinha Portuguesa estiveram ligadas à Maçonaria, em diversos contextos políticos e com diferentes evoluções nos seus percursos biográficos; exerceram cargos de destaque tanto na Marinha como fora dela, e os seus nomes ficaram associados, àquela instituição militar. Como exemplos, referimos o visconde de Soares Franco, Augusto de Castilho, Silvério da Rocha e Cunha, Afonso de Cerqueira, Carvalho Araújo, Baptista de Andrade, Machado Santos, José Carlos da Maia, visconde de Castro Guedes, Gago Colinho, Ernesto de Vilhena, Pereira da Silva, Henrique Lopes de Mendonça, Sarmento Rodrigues e Manuel Pereira Crespo para só citarmos alguns.... A obra inclui quase duas centenas e biografias de oficiais da Marinha, com referência especial aos seus currículos maçónicos.





POR FERNANDO GASPAR